

Brian L. Weiss, M. D.

Só o Amor é Real

A história do reencontro de Almas Gémas



DESENVOLVIMENTO PESSOAL

MUITAS VIDAS, MUITOS MESTRES - *Brian L. Weiss*

SÓ O AMOR É REAL - *Brian L. Weiss*

O PASSADO CURA - *Brian L. Weiss*

A DIVINA SABEDORIA DOS MESTRES - *Brian L. Weiss*

VISUALIZAÇÃO CRIATIVA - *Shakti Gawain*

VIVENDO NA *Luz* - *Shakti Gawain*

A VERDADEIRA PROSPERIDADE - *Shakti Gawain*

Os QUATRO NÍVEIS DA CURA - *Shakti Gawain*

Tudo PODE SER CURADO - *Sir Martin Brofman*

MELHORE A *Sua Visão* – *Sir Martin Brofman*

MANUAL DE REIKI - *Walter Lübeck*

GOSTE DE SI - *Luís Martins Simões*

SIM, Podes SER FELIZ - *Richard Carlson*

O CAMINHO PARA A SOBRIEDADE - *Bert Pluymen*

LIMA CHAVE PARA *O* REINO DOS CÉUS - *Adrian B. Smith*

MT - MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL DE MAHARISHI MAHESH YOGI - *Robert Roth*

QUEM AMA NÃO ADOECE - *Marco Aurélio Dias da Silva*

MILAGRES DA CURA PRÂNICA - *Choa Kok Sui*

CULTIVE A SUA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL - *Daniel Chabot*

A MAGIA DO PRAZER - *Daniel Chabot*

REIKI - O CAMINHO DO CORAÇÃO - *Upanishad K. Kessler*

O QUE A *Tua* DOENÇA TE QUER DIZER - *Kurt Tepperwein*

O Toque DA CURA - *Burmeister com Tom Monte*

OBRAS DO AUTOR

MUITAS VIDAS, MUITOS MESTRES (Many Lives, Many Masters,
Simon & Schuster, 1989) Editora Pergaminho, 1998

O PASSADO CURA A Terapia Através de Vidas Passadas (Through
Time finto Healing, Simon & Schuster, 1993)
Editora Pergaminho, 1999

SÓ O AMOR É REAL A História do Reencontro de Almas Gêmeas (Only Love
is Real, Warner Books, Inc., 1997)
Editora Pergaminho, 1999

A DIVINA SABEDORIA DOS MESTRES Um Guia Para a Felicidade,
Alegria e Paz Interior (Messages From the Masters, Warner Books,
Inc., 2000) Editora Pergaminho, 2000
Tradução de Manuel Bernardes

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos a Carole, Jordan e Amy pelo constante amor e apoio.

O meu mais profundo reconhecimento vai para Joann Davis, a minha editora na Warner Books, pelo seu encorajamento, visão e sabedoria. Ela é a melhor.

Estou em dívida para com Joni Evans, extraordinária agente, pela sua energia e entusiasmo sem fronteiras.

E, finalmente, a minha gratidão vai para todos os meus pacientes e participantes dos *workshops* que têm partilhado as suas vidas comigo.

NOTA AO LEITOR

A confidencialidade entre o psiquiatra e o seu paciente é um firme e respeitado princípio da ética psiquiátrica. Os pacientes mencionados neste livro autorizaram-me a escrever as suas histórias verdadeiras. Apenas nomes e outros pormenores de identificação foram alterados para proteger a sua privacidade. As suas histórias são as verdadeiras e não foram de todo modificadas.

PREFÁCIO

A alma do Homem é como a água;

Dos Céus provém

Para os Céus ascende

E depois retorna à Terra,

Para sempre alternando.

GOETHE

Pouco antes da publicação do meu primeiro livro, *Muitas Vidas, Muitos Mestres*, visitei o dono de uma livraria local para averiguar se ele o tinha encomendado. Verificámos no seu computador. "Quatro cópias" disse-me. "Quer encomendar uma?"

Não estava muito seguro de que as vendas do livro fossem alguma vez atingir a modesta tiragem decidida pelo editor. No fim de contas, era um livro bastante estranho para ter sido escrito por um psiquiatra respeitado. O livro descreve a história verdadeira de uma jovem paciente minha cuja terapia de vidas passadas alterou dramaticamente as nossas vidas. No entanto, sabia que os meus amigos, vizinhos e, certamente, os meus familiares, comprariam mais que quatro cópias, mesmo que o livro não se vendesse em mais lugar algum do país.

"Por favor" disse-lhe. "Os meus amigos, alguns dos meus doentes e outras pessoas que conheço virão à procura do meu livro. Poderia encomendar mais?"

Tive que garantir pessoalmente a centena de livros que ele, relutantemente, acedeu em encomendar.

Para meu enorme espanto, o livro tornou-se num best-seller internacional com mais de dois milhões de cópias impressas, tendo sido traduzido para mais de vinte idiomas. A minha vida deu, mais uma vez, uma reviravolta inesperada.

Depois de me ter licenciado com distinção na Universidade de Colômbia e de ter completado o meu curso na Faculdade de Medicina da Universidade de Yale, também fiz um estágio como interno nos hospitais de formação da Universidade de Nova Iorque e fui psiquiatra residente em Yale. Depois fui professor nas Faculdades de Medicina das Universidades de Pittsburgh e Miami.

Nos onze anos seguintes, fui Director do Departamento de Psiquiatria no Mount Sinai Medical Center em Miami. Escrevera muitos artigos e estudos científicos. Estava no topo de uma carreira académica.

Catherine, a jovem paciente descrita no meu primeiro livro, entrou então no meu gabinete em Mount Sinai. As suas memórias detalhadas de vidas passadas, nas quais eu inicialmente não acreditava, e a sua capacidade para transmitir mensagens transcendentais quando em estado de transe hipnótico, virou a minha vida de pernas para o ar. A minha visão do mundo alterou-se radicalmente.

Depois de Catherine, muitos mais paciente me procuraram para terapia por regressão a vidas passadas. Pessoas com sintomas resistentes a tratamentos e psicoterapias da medicina tradicional estavam a conquistar a sua cura.

Através do Tempo*, o meu segundo livro, descreve o que tenho aprendido acerca do potencial de cura da terapia por regressão a vidas passadas. O livro está cheio de histórias verdadeiras de casos reais.

* A sair brevemente na Pergaminho.

A mais intrigante de todas encontra-se em *Só o Amor É Real*, o meu terceiro livro. Este fala de almas gémeas, pessoas que estão eternamente ligadas pelo seu amor e se reencontram repetidamente, vida após vida.

A forma como encontramos e reconhecemos as nossas almas gémeas, e as decisões que então temos que tomar, estão entre os momentos mais importantes e comoventes que transformam a nossa vida.

O destino dita o encontro entre almas gémeas. Encontrá-las-emos. Mas o que decidimos fazer após esse encontro cai no campo da livre escolha. Uma escolha errada ou uma oportunidade desperdiçada pode conduzir a incrível solidão e sofrimento. A escolha certa, uma oportunidade realizada, pode levar-nos a um profundo estado de beatitude e felicidade.

Elisabeth, uma bonita mulher do Midwest, iniciou terapia comigo devido ao seu profundo desgosto e ansiedade após a morte da sua mãe. Também estava a ter problemas nas suas relações com os homens, escolhendo vencidos da vida, exploradores e outros parceiros inadequados. Nunca encontrara o verdadeiro amor em qualquer relação com um homem.

Iniciámos a jornada recuando a tempos distantes, com resultados surpreendentes.

Ao mesmo tempo que Elisabeth se submetia comigo à terapia por regressão a vidas passadas, eu também estava a tratar o Pedro, um simpático mexicano que também era presa de desgosto. O seu irmão havia falecido recentemente num trágico acidente. Para além disto, problemas com a mãe e segredos relativos aos seus dias de juventude pareciam conspirar contra ele.

Pedro carregava um pesado fardo de desespero e de dúvidas, e não tinha ninguém com quem partilhar os seus problemas. Apesar de Elisabeth e Pedro fazerem terapia comigo durante o mesmo período de tempo, nunca se conheceram, uma vez que as suas consultas estavam marcadas para diferentes dias da semana. Nos últimos quinze anos, tratei com frequência casais e famílias que descobriram os seus parceiros actuais e entes amados nas suas vidas passadas. Algumas vezes fiz regredir casais que, simultaneamente e pela primeira vez, se encontraram a interagir na mesma vida passada. Estas revelações são frequentemente chocantes para o casal. Nunca tinham tido uma experiência semelhante. No meu gabinete psiquiátrico permanecem silenciosos durante o desenrolar das cenas. É apenas mais tarde, após emergirem do estado relaxado e hipnótico, que descobrem pela primeira vez que estiveram a observar as mesmas cenas, sentindo as mesmas emoções. E só então que eu também me apercebo das suas ligações em vidas passadas. Mas com a Elisabeth e o Pedro tudo se passou ao contrário. As suas vidas, os seus tempos de vida, estavam a desenrolar-se independentemente e separadamente, no meu gabinete. Eles não se conheciam. Nunca se tinham encontrado. Provinham de diferentes países e culturas. Mesmo eu, vendo-os separadamente e não tendo qualquer razão para suspeitar da existência de um elo entre eles, nunca suspeitei de uma ligação. No entanto, ambos pareciam estar a descrever os mesmos períodos de vidas passadas com uma semelhança de pormenores e de emoções espantosa. Poderiam ter-se amado e perdido um ao outro ao longo das vidas passadas? No início, nenhum de nós estava consciente do drama pungente que já havia começado a desenvolver-se na serenidade insuspeita do meu gabinete.

Fui o primeiro a descobrir a ligação entre ambos. Mas, e agora? Deveria dizer-lhes? E se eu estivesse errado? E o respeito pela confidencialidade paciente-médico? E quanto à suas relações actuais? E quanto ao facto de interferir com o destino? E se uma ligação na vida actual não estivesse nos seus planos ou nos seus interesses? Não iria uma nova relação eventualmente fracassada minar tanto os benefícios terapêuticos conquistados como a confiança deles em mim? Durante os anos de faculdade e subsequente prática psiquiátrica foi-me profundamente inculcido o princípio de que nunca deveria fazer nada que prejudicasse os meus doentes. Quando em dúvida, nunca se deve fazer nada que lhes possa trazer qualquer dano. Tanto a Elisabeth como o Pedro estavam a melhorar. Deveria simplesmente esquecer tudo e deixar andar?

Pedro estava a terminar a sua terapia e iria em breve deixar o país. Tinha de tomar uma decisão urgente.

Nem todas as sessões com eles, particularmente as da Elisabeth, estão incluídas neste livro, uma vez que algumas delas não eram pertinentes para as suas histórias. Algumas foram inteiramente dedicadas a psicoterapia tradicional e não incluíram hipnose ou regressão.

O que se segue é baseado em registos médicos, transcrições de cassetes e na memória. Apenas nomes e pequenos pormenores foram modificados para assegurar a confidencialidade. É uma história de destino e esperança. É uma história que, silenciosamente, ocorre todos os dias.

Naquele dia, contudo, alguém escutava.

1

*Saibam, pois, que do grande silêncio retornarei... Não
olvideis que para vós voltarei... Um breve instante, um
momento de descanso sobre o vento; e outra mulher me trará
ao mundo.*
KAHLIL GIBRAN

Há sempre alguém especial para qualquer um de nós. Frequentemente existem dois ou três, ou mesmo quatro. Provêm de diferentes gerações. Viajam através dos oceanos do tempo e das profundezas das dimensões celestiais para estarem novamente connosco. Vêm do outro lado, do Céu. Estão diferentes, mas o seu coração reconhece-os. Coração esse que os teve nos braços de que então dispunha, nos desertos banhados pelo luar no Egipto e nas planícies primitivas da Mongólia. Cavalgaram juntos nos exércitos de um general - guerreiro esquecido, e viveram juntos nas cavernas agora soterradas dos Anciãos. Estão unidos pela eternidade e nunca estarão sós.

A sua cabeça pode dizer: "Mas eu não o conheço." Mas o seu coração sabe que não é assim.

Ele pega-lhe na mão pela primeira vez, e a memória do seu toque transcende o tempo e perturba profundamente todos os átomos do seu ser. Ela olha-o nos

olhos, e você vê nela uma alma que foi sua companheira através dos séculos. O seu estômago revira-se. Os seus braços ficam arrepiados. Tudo o que é exterior a este momento perde importância.

Ele pode não reconhecê-la, mesmo que finalmente se tenham encontrado de novo, mesmo que você o reconheça. Você consegue sentir o laço de união. Consegue ver o potencial, o futuro. Mas ele não. Os seus medos, o seu intelecto, os seus problemas mantêm um véu sobre os olhos do seu coração. Ele não a deixa ajudá-lo a remover esse véu. Você lamenta-se e sofre, e ele segue o seu caminho. O destino pode ser tão volúvel.

Quando ambos se reconhecem, nenhum vulcão poderia entrar em erupção com mais paixão. A energia libertada é tremenda. O reconhecimento das almas pode ser imediato. Um sentimento súbito de familiaridade, a sensação de conhecer esta nova pessoa a uma profundidade muito para além daquela que a consciência poderia conhecer. A uma profundidade geralmente reservada aos familiares mais íntimos. Ou ainda mais do que isso. Saber intuitivamente o que dizer, como vão reagir. Um sentimento de segurança e confiança muito maior que aquele que alguma vez poderia ser conquistado num dia, numa semana ou num mês.

O reconhecimento de almas pode também ser lento e subtil. Uma alvorada gradual à medida que o véu é gentilmente removido. Nem todos estão preparados para o reconhecimento imediato. Há que dar tempo ao tempo, e muita paciência pode ser necessária para aquele que vê primeiro.

Pode despertar para a presença de uma alma companheira através de um olhar, um sonho, uma memória ou um sentimento. Pode despertar pelo toque das suas mãos ou dos seus lábios, e a sua alma é reanimada de volta à vida plena.

O toque que desperta pode ser o do seu filho, de um dos pais, de um irmão ou de um verdadeiro amigo. Ou pode ser o seu amado, procurando através dos séculos beijá-la mais uma vez para lembrá-la de que estão juntos, sempre, para a eternidade.

2

A minha vida, tal como a vivi, muitas vezes me pareceu uma história sem princípio nem fim. Tinha a sensação de ser um fragmento histórico, um excerto para o qual faltava o texto antecedente e subsequente. Facilmente imaginava que podia ter vivido em séculos anteriores e aí encontrara perguntas a que ainda não estava pronto para responder; que eu tinha que renascer porque não tinha cumprido a tarefa de que havia sido incumbido.
CARL JUNG

Alta, magra e atraente, com longos cabelos loiros, Elisabeth tinha uns olhos azuis tristes com pequenas manchas cor de avelã. A melancolia dos seus olhos contrastava com o seu folgado fato azul marinho enquanto nervosamente se sentava na ampla cadeira reclinável de cabedal branco do meu gabinete.

Depois de ter lido *Muitas Vidas, Muitos Mestres* e de se ter identificado a muitos níveis com Catherine, a heroína do livro, Elisabeth sentiu-se compelida a procurar-me em busca de ajuda.

"Acho que não sei bem porque está aqui" comentei, quebrando o impasse habitual do início da terapia. Tinha olhado de relance para a ficha informativa que todos os novos pacientes preenchem. Nome, idade, referências, principais queixas e sintomas. Elisabeth tinha indicado desgosto, ansiedade e distúrbios do sono como as suas principais maleitas. À medida que começou a falar, adicionei mentalmente à sua lista "relacionamentos".

"A minha vida é uma confusão", declarou. A sua história começou a brotar, como se finalmente fosse seguro falar de tais coisas. A pressão interna que fazia jorrar o discurso era palpável. Apesar do drama presente na história da sua vida e das emoções que se percebiam, intensas, logo abaixo da superfície, enquanto discursava, Elisabeth tentava minimizar a sua importância.

"A minha história não é de longe tão dramática quanto a de Catherine", disse. "Não haverá nenhum livro a meu respeito." A sua história, dramática ou não, continuou a fluir.

Elisabeth era uma mulher de negócios bem sucedida, dona de uma firma de contabilidade em Miami. Com 32 anos, tinha nascido e sido criada no Minnesota rural. Cresceu numa grande quinta com os pais, o irmão mais velho e muitos animais. O pai era um homem estóico, muito trabalhador, que tinha grandes dificuldades em expressar as suas emoções. Quando as manifestava tomavam geralmente a forma de raiva e ira. Perdia o controlo de si próprio e descarregava impulsivamente na família, por vezes agredindo o filho. Os abusos infligidos a Elisabeth eram apenas verbais, mas feriam-na intensamente.

No fundo do seu coração, Elisabeth ainda carregava esta ferida de infância. A sua auto-imagem havia sido danificada pelas críticas e rejeições do pai. Uma dor profunda envolvia o seu coração. Sentia-se enfraquecida e de alguma forma carente, e receava que outros, especialmente homens, se apercebessem dos seus defeitos.

Felizmente as explosões de temperamento do pai eram pouco frequentes, e ele rapidamente se retirava para o seu implacável e austero isolamento que caracterizava a sua personalidade e comportamento.

A mãe de Elisabeth era uma mulher progressista e independente. Desenvolveu a autoconfiança de Elisabeth mostrando-se carinhosa e emocionalmente apoiante. Por causa das crianças e dos tempos que então corriam, escolheu permanecer na quinta e tolerar relutantemente a rispidez e distanciamento emocional do marido.

"A minha mãe era como um anjo", continuou Elisabeth. "Sempre presente, sempre preocupada, sacrificando-se sempre pelo bem-estar dos filhos." Elisabeth, a mais nova, era a preferida da mãe.

Tinha muitas boas memórias da sua infância. A melhor de todas era a proximidade em relação à mãe, o amor especial que as unia e que se manteve ao longo do tempo.

Elisabeth cresceu, terminou a escola secundária e entrou para uma faculdade em Miami, para a qual lhe tinham oferecido uma generosa bolsa. Miami era, para ela, uma aventura exótica e deixou-se atrair para fora do frio Midwest. A mãe vivia e divertia-se com as aventuras de Elisabeth. Eram as melhores das amigas, e embora basicamente apenas comunicassem por telefone e pelo correio, a relação mãe-filha manteve-se forte. Férias e feriados eram tempos felizes para ambas, uma vez que Elisabeth não perdia uma oportunidade para voltar a casa.

Durante algumas destas visitas, a mãe de Elisabeth mencionou desejar retirar-se para o sul da Florida para estar perto dela. A quinta da família era grande e cada vez

mais difícil de gerir. Tinham poupado uma quantia considerável em dinheiro, para o que tinha também contribuído a frugalidade do pai. Elisabeth desejava viver de novo com a mãe. Os seus contactos diários não teriam de continuar a ser feitos por telefone.

Assim, Elisabeth manteve-se em Miami após a faculdade. Fundou a sua própria firma de contabilidade, que crescia lentamente. A competição era intensa, e o trabalho absorvia grande parte do seu tempo. As relações com os homens aumentavam o seu stress. Então, veio o desastre!

Cerca de oito meses antes da primeira consulta comigo, Elisabeth ficou devastada com a morte da mãe devida a um cancro no pâncreas.

Elisabeth sentiu como se o seu coração tivesse sido despedaçado e arrancado pela morte da sua querida mãe. Estava a ter grandes dificuldades em ultrapassar o seu desgosto. Não conseguia digeri-lo, aceitá-lo, perceber porque é que tal desastre lhe tinha acontecido.

Elisabeth falou-me da corajosa batalha que a mãe travara contra o cancro virulento que devastou o seu corpo.. O seu espírito e o seu amor permaneceram intactos. Ambas sentiam uma tristeza profunda. A separação física era inevitável, aproximando-se lenta mas inexoravelmente. O pai de Elisabeth, num sofrimento mudo, tornou-se cada vez mais distante, envolvendo-se na sua solidão. O irmão, a viver na Califórnia com uma família recém-formada e um novo negócio, manteve a distância física. Elisabeth viajava para o Minnesota tanto quanto podia.

Não tinha ninguém com quem partilhar os seus medos e a sua dor. Não queria sobrecarregar a mãe moribunda mais do que fosse necessário. Assim, Elisabeth manteve-se fechada no seu desespero, e os dias decorriam cada vez mais pesados.

"Vou sentir tanto a tua falta... amo-te" disse-lhe a mãe. "A parte mais difícil é deixar-te. Não tenho medo de morrer. Não tenho medo do que me espera. Só não queria deixar-te ainda."

À medida que ia ficando mais fraca, a força com que se agarrava à vida foi gradualmente diminuindo. A morte seria bem vinda para a libertar da debilidade e da dor. E o último dia chegou.

A mãe de Elisabeth estava no hospital, o pequeno quarto cheio de família e visitas. A sua respiração tornou-se irregular. Os tubos de urina deixaram de drenar; os seus rins tinham parado de funcionar. Entrava e saía do estado de consciência. A certa altura Elisabeth encontrou-se sozinha com a mãe. Nesse momento os olhos desta abriram-se e recobrou a lucidez.

"Não te vou deixar", disse numa voz subitamente firme. "Amar-te-ei para sempre!"

Estas foram as últimas palavras que Elisabeth ouviu da mãe, que então entrou em coma. A sua respiração tornou-se ainda mais errática, com longas paragens e súbitos e arquejantes reinícios.

Em breve morreria. Elisabeth sentiu um enorme e profundo vazio no seu coração e na sua vida. Parecia que nunca mais poderia vir a sentir-se inteira. Durante meses, chorou.

Elisabeth sentia falta das frequentes conversas telefónicas com a mãe. Tentou telefonar com maior frequência ao pai, mas este manteve-se fechado e pouco comunicativo. Os seus telefonemas duravam apenas um ou dois minutos. Ele não tinha capacidade para lhe dar carinho e apoio emocional. Ele também sofria e o seu sofrimento isolava-o ainda mais. O irmão, na Califórnia, com a esposa e duas crianças pequenas,

também estava devastado pela morte da mãe, mas estava ocupado com a sua família e carreira.

O desgosto de Elisabeth começou e evoluir para uma depressão com sintomas cada vez mais significativos. Elisabeth estava a ter problemas para dormir à noite. Tinha dificuldades em adormecer e acordava demasiado cedo pela manhã incapaz de voltar a dormir. Perdeu o interesse pela comida e começou a perder peso. Tinha uma evidente falta de energia. Perdeu o entusiasmo nas relações e a sua capacidade para se concentrar estava seriamente afectada.

Antes da morte da mãe, a ansiedade de Elisabeth provinha basicamente de pressões relativas ao trabalho, como as provocadas por prazos de entrega e decisões difíceis. Por vezes, também se mostrava ansiosa nas relações com os homens, quanto à forma como deveria agir e quanto às reacções deles.

Os níveis de ansiedade de Elisabeth aumentaram dramaticamente após a morte da mãe. Tinha perdido a sua conselheira e confidente diária, a sua amiga mais íntima. Tinha perdido a sua principal fonte de orientação e apoio. Elisabeth sentia-se desorientada, só, à deriva.

Telefonou a marcar uma consulta.

Elisabeth entrou no meu gabinete com a esperança de encontrar uma vida passada na qual tivesse estado ao lado da mãe, ou de contactá-la através de uma experiência mística. Em livros e palestras tenho mencionado casos de pessoas em estados meditativos que têm experimentado encontros místicos com entes amados. Elisabeth tinha lido o meu primeiro livro, e parecia estar ao corrente da possibilidade de tais experiências.

À medida que as pessoas se abrem à possibilidade, ou mesmo probabilidade, da existência de vida após a morte do corpo físico, da continuação de uma consciência após a libertação do invólucro carnal, começam a ter mais frequentemente estas experiências místicas em sonhos e noutros estados alterados de consciência. Se tais encontros são efectivamente reais é difícil de provar. Mas são encontros vívidos e repletos de sentimento. Algumas vezes as pessoas conhecem informações, factos ou pormenores que eram apenas do conhecimento do falecido. Estas revelações resultantes de visitas espirituais são difíceis de atribuir apenas à imaginação. Acredito, agora, que tal novo conhecimento é obtido, ou tais visitas ocorrem, não porque as pessoas desejem que tal suceda, não porque o necessitem, mas porque esta é a forma através da qual os contactos são efectuados.

Com frequência as mensagens são muito similares, especialmente nos sonhos: Estou bem. Sinto-me bem. Cuida-te. Amo-te. Elisabeth esperava algum tipo de reencontro ou contacto com a sua mãe. O seu coração desfeito necessitava de um bálsamo que amenizasse a dor constante. Durante esta primeira sessão, mais alguma da sua história foi emergindo. Elisabeth tinha sido casada por um curto período de tempo com um empreiteiro local, que tinha duas crianças de um casamento anterior. Apesar de não se encontrar perdidamente apaixonada por esse homem, ele era boa pessoa, e ela pensava que tal relação lhe iria trazer alguma estabilidade à sua vida. Mas a paixão numa relação não pode ser artificialmente criada. Pode existir respeito, pode existir compaixão, mas a química tem que surgir desde o início. Quando Elisabeth descobriu que o seu marido tinha uma relação extraconjugal com alguém que lhe dava mais paixão e excitação, ela saiu relutantemente da relação. Estava triste pela separação, e triste por deixar as duas

crianças, mas não sofreu por causa do divórcio. A perda da mãe tinha sido muito mais severa.

Devido à sua beleza física, foi fácil para Elisabeth sair com outros homens após o divórcio. Mas também nenhuma dessas relações fez brotar uma faísca. Elisabeth começou a duvidar de si própria, tentando encontrar em si a razão da sua incapacidade em estabelecer boas relações com homens. "O que é que tenho de errado?" perguntava a si mesma. E a sua auto-estima ia descendo pouco a pouco.

As agressões psicológicas que sofrera do pai durante a infância tinham deixado dolorosas feridas na sua alma. As relações falhadas com os homens como que esfregavam sal em tais feridas.

Iniciou uma relação com um professor de uma universidade não muito distante, mas ele não conseguia estabelecer um compromisso com ela devido aos seus próprios medos. Apesar de existir uma grande ternura e compreensão, e apesar de os dois possuírem uma muito boa comunicação, a incapacidade que este tinha de se comprometer numa relação e de confiar nos seus sentimentos condenou tal relação a um fim calmo e apagado.

Uns meses depois, Elisabeth conheceu e começou a sair com um banqueiro bem sucedido. Sentia-se segura e protegida nesta relação apesar de, mais uma vez, a química ser limitada. Ele, no entanto, estava fortemente atraído por ela e ficava zangado e ciumento quando ela não retribuía a energia e o entusiasmo esperado. Ele começou a beber cada vez mais e tornou-se fisicamente violento. Também esta relação Elisabeth abandonou.

Desesperava silenciosamente com o receio de nunca vir a conhecer um homem com o qual pudesse manter uma boa relação íntima. Atirou-se ao trabalho, expandindo a firma, escudando-se atrás dos números, cálculos e papeladas. As suas relações consistiam essencialmente em contactos de negócios. E embora de tempos a tempos tivesse convites para sair, procedia de forma a desencorajar o interesse antes que se tornasse em algo mais sério.

Elisabeth tinha consciência de que o seu relógio biológico estava a trabalhar, e mantinha ainda a esperança de encontrar algum dia o homem certo, mas tinha perdido grande parte da sua autoconfiança.

Á primeira sessão terapêutica, dedicada a recolher informação da sua história, formular um diagnóstico e uma abordagem terapêutica e lançar as sementes da confiança na nossa relação, havia terminado. Decidi de momento não utilizar Prozac ou qualquer outro antidepressivo. Apontaríamos para uma cura e não apenas para um tratamento dos sintomas.

Na sessão seguinte, uma semana depois, iríamos iniciar a árdua viagem em conjunto aos tempos idos.

3

Foi há tanto tempo! E, no entanto, sou ainda a mesma Margaret. Só as nossas vidas envelhecem. Estamos onde os séculos se contam como segundos, e após mil vidas os nossos olhos começam a entreabrir-se.

EUGENE O'NEIL

Antes das minhas experiências com Catherine nunca tinha ouvido falar de terapia por regressão a vidas passadas. Tal não era ensinado quando frequentava a Faculdade de Medicina de Yale, nem em nenhum outro sítio, vim a sabê-lo.

Posso ainda relembrar vividamente a primeira vez. Tinha dado instruções a Catherine para viajar para trás no tempo, esperando descobrir traumas infantis que tivessem sido reprimidos ou esquecidos e que eu sentia que eram a causa dos seus sintomas de ansiedade e depressão.

Ela tinha já atingido um estado de transe hipnótico profundo, para o qual eu a tinha conduzido suavemente com a minha voz. A sua atenção estava focada nas minhas instruções. Durante a sessão terapêutica da semana anterior, tínhamos utilizado pela primeira vez a hipnose. Catherine tinha recordado vários traumas de infância com uma emoção e um pormenor consideráveis. Geralmente, em terapia, quando traumas esquecidos são lembrados com as respectivas emoções, num processo chamado catarse, os pacientes começam a melhorar.

No entanto, os sintomas de Catherine continuavam graves, e eu pressupus que tínhamos que descobrir ainda mais memórias de infância reprimidas. Só então ela melhoraria.

Cuidadosamente fiz Catherine regredir até à idade de dois anos, mas ela não recordou quaisquer memórias significativas.

Dei-lhe instruções de forma clara e firme: "Regresse ao tempo onde têm origem os seus sintomas." Fiquei tremendamente espantado com a sua resposta.

"Vejo degraus brancos que conduzem a um edifício, um grande edifício branco com pilares, aberto na frente. Não há portas. Eu uso um vestido comprido... um vestido solto feito de um material grosseiro. Uso tranças e o meu cabelo é comprido e loiro."

O seu nome era Aronda, uma jovem mulher que tinha vivido há cerca de quatro mil anos. Teria morrido subitamente numa cheia ou num maremoto, que devastou a sua aldeia.

"Há ondas gigantescas que derrubam as árvores. Não existe qualquer lugar para onde se possa fugir. Está frio; a água está gelada. Tenho que salvar a minha bebé, mas não consigo... a única coisa que consigo fazer é apertá-la muito contra mim; a água sufoca-me. Não consigo respirar, não consigo engolir... água salgada. A minha bebé é-me arrancada dos braços."

Catherine arquejava e respirava com dificuldade durante esta trágica recordação. De súbito o seu corpo relaxou completamente, e a sua respiração tornou-se profunda e regular.

"Vejo nuvens... A minha bebé está comigo. E outras pessoas da minha aldeia. Vejo o meu irmão."

Ela repousava. Aquela vida tinha terminado. Apesar de nem ela nem eu acreditarmos em vidas passadas, tínhamos sido dramaticamente arrastados para uma experiência antiga.

Incrivelmente, a sua fobia de uma vida inteira, de se engasgar ou sufocar, virtualmente desapareceu após esta sessão. Eu sabia que apenas a imaginação ou a fantasia não podiam curar sintomas crónicos tão profundamente enraizados. Mas a recordação catártica podia.

Semana atrás de semana, Catherine ia recordando mais vidas passadas. Os seus sintomas haviam desaparecido. Estava curada, sem a utilização de quaisquer medicamentos. Juntos, tínhamos descoberto o poder de cura da terapia por regressão.

Devido ao meu cepticismo e ao meu rigoroso treino científico, tinha dificuldade em aceitar o conceito de vidas passadas. Dois factores, contudo, foram minando o meu cepticismo. Um, rápido e altamente emocional, outro, gradual e intelectual.

Numa sessão, Catherine tinha-se lembrado da sua morte numa vida passada, morte causada por uma epidemia que devastou a terra onde vivia. Ela estava ainda num profundo transe hipnótico, consciente de estar a flutuar sobre o seu próprio corpo, e atraída para uma luz maravilhosa. Começou a falar.

"Dizem-me que há muitos deuses, porque Deus está em cada um de nós."

Começou a contar-me pormenores muito íntimos acerca da vida e morte do meu pai e do meu filho pequeno. Ambos tinham morrido alguns anos antes, longe de Miami. Catherine, uma técnica de laboratório no Mount Sinai Medical Center, não sabia nada acerca deles. Não havia ninguém que lhe pudesse ter contado tais pormenores. Não existia nenhum sítio onde ela pudesse ter ido buscar essa informação. Que era espantosamente precisa! Senti-me chocado e arrepiado à medida que ela ia contando estas verdades secretas e ocultas.

"Quem", perguntei-lhe, "quem é que está aí? Quem é que lhe diz essas coisas?"

"Os Mestres", sussurrou, "foram os Espíritos Mestres que me disseram. Contaram que já vivi oitenta e seis vezes no estado físico." Mais tarde, Catherine descreveu os Mestres como almas altamente evoluídas, presentemente desencarnadas, que podiam falar comigo através dela. Deles recebi informação e esclarecimentos profundos e espectaculares.

Catherine não possuía conhecimentos básicos de física ou metafísica. Os conhecimentos que os Mestres transmitiam pareciam ultrapassar de longe as suas capacidades. Ela não sabia nada acerca de planos dimensionais e níveis vibratórios. No entanto, num estado de transe profundo, ela descrevia estes complexos fenómenos. Para além disso, a beleza das suas palavras e pensamentos e as implicações filosóficas das suas afirmações transcendiam em muito as suas capacidades quando consciente. Catherine nunca tinha falado anteriormente de forma tão poética e concisa.

Enquanto a ouvia transmitir os conceitos dos Mestres, podia sentir uma outra força poderosa que lutava com a sua mente e com a sua voz para traduzir tais pensamentos em palavras de forma que eu os pudesse perceber.

No decurso das restantes sessões terapêuticas Catherine retransmitiu muitas outras mensagens dos Mestres. Mensagens de grande beleza acerca da vida e da morte, acerca de dimensões espirituais e do objectivo das nossas vidas na Terra. O meu despertar tinha começado. O meu cepticismo estava a ser vencido.

Lembro-me de pensar: "Uma vez que ela está certa a respeito do meu pai e do meu filho, poderá estar certa acerca de vidas passadas, da reencarnação e da imortalidade da alma?"

Penso que sim.

Os Mestres também falaram de vidas passadas.

"Escolhemos os momentos das nossas reencarnações e quando delas saímos. Sabemos quando cumprimos o que nos foi dado a cumprir no plano material. Sabemos quando o tempo se esgota, e devemos saber quando aceitar a morte. Pois saberemos que

nada mais podemos extrair dessa vida. Quando tiver decorrido algum tempo, quando já tivemos tempo para descansar e recarregar as energias da nossa alma, é-nos permitido escolher o momento do nosso retorno ao estado físico. Aqueles que hesitam, que não estão seguros do seu regresso, podem perder a oportunidade que lhes foi dada, uma oportunidade para realizar o que devem realizar quando estão no seu estado físico."

Desde a minha experiência com a Catherine, fiz já regredir mais de um milhar de pacientes a vidas passadas. Muito poucos, mesmo muito poucos, conseguiram atingir o nível dos Mestres. Apesar disso, tenho observado progressos clínicos espectaculares na maioria destes indivíduos. Vi pacientes lembrarem-se do nome de uma pessoa durante a recordação de uma vida passada recente e subsequentemente encontrarem velhos registos que validavam a existência de tal pessoa, confirmando os detalhes da recordação. Alguns encontraram mesmo as sepulturas dos seus corpos físicos anteriores.

Já observei alguns pacientes que durante a regressão conseguem falar idiomas que nunca aprenderam, ou de que nunca ouviram falar nas suas vidas actuais. Também estudei algumas crianças que exibiam espontaneamente esta capacidade, que é conhecida por xenoglossia.

Tenho lido relatórios de outros cientistas que estão a praticar por conta própria a terapia por regressão a vidas passadas, e que relatam resultados extremamente semelhantes aos meus. Como foi descrito em pormenor no meu segundo livro, *Através do Tempo*, esta terapia pode trazer benefícios a muitos tipos de pacientes, especialmente aqueles com desordens emocionais e psicossomáticas.

A terapia por regressão é também extremamente útil para o reconhecimento e anulação de padrões destrutivos recorrentes, como a droga, o alcoolismo e problemas relacionais.

Muitos dos meus pacientes recordam hábitos, traumas e relações abusivas que não só ocorreram em vidas passadas, mas que estão de novo a ocorrer nas suas vidas actuais. Por exemplo, uma paciente recordou um marido violento e abusivo numa vida passada que ressurgiu no presente como o seu violento pai.

Um casal em conflito descobriu que durante quatro vidas passadas em comum se tentaram matar um ao outro. As histórias e padrões continuam assim sucessivamente.

Quando o padrão recorrente é reconhecido e as suas causas são compreendidas, a recorrência pode ser eliminada. Não tem sentido nenhum perpetuar a dor.

Para que a técnica e o processo de regressão funcionem não é necessário que o paciente ou o terapeuta acreditem em vidas passadas. Mas se o experimentam, frequentemente ocorrem progressos clínicos.

De uma maneira geral ocorre um crescimento espiritual.

Certa vez fiz regredir um sul-americano que recordou uma vida passada cheia de sentimento de culpa, já que tinha feito parte da equipa que ajudou ao desenvolvimento e, em última instância, ao lançamento da bomba atómica em Hiroxima de forma a terminar a II Guerra Mundial. Sendo actualmente um radiologista num grande hospital, este homem utiliza a radiação para salvar vidas e não exterminá-las. Ele é, nesta vida, um homem bom, gentil e atencioso.

Este é um exemplo de como uma alma pode evoluir e transformar-se, mesmo tendo vidas passadas das mais ignóbeis. É a aprendizagem que é importante e não o juízo de valor. Ele aprendeu com a sua vida na II Guerra Mundial, e aplicou as capacidades e conhecimentos para ajudar outras almas na sua vida actual. A culpa que

sentiu na sua primeira vida passada não é importante. É apenas importante aprender com o passado e não ruminar sobre ele e cultivar o sentimento de culpa.

Segundo uma sondagem do consórcio Today/CNN/Gallup em 18 de Dezembro de 1994, a crença na reencarnação está a aumentar nos EUA, um país que se tem mantido atrás de todos os outros a este respeito. Vinte e sete por cento dos adultos nos EUA acreditavam então na reencarnação, enquanto que em 1990 eram apenas vinte e um por cento.

E mais. O número de indivíduos que acredita na possibilidade de contactar com os falecidos subiu de dezoito por cento em 1990 para vinte e oito por cento em Dezembro de 1994. Noventa por cento crê no Céu, e setenta e nove por cento acredita em milagres.

Quase que posso ouvir os espíritos a aplaudir.

4

A ideia da reencarnação envolve um confortante entendimento da realidade por meio do qual o pensamento indiano ultrapassa dificuldades que confundem os pensadores europeus.
ALBERT SCHWEITZER

A primeira experiência regressiva de Elisabeth teve lugar na semana seguinte. Rapidamente a coloquei num profundo estado de hipnose utilizando um método de indução rápida de forma a ultrapassar os bloqueios e obstáculos que a mente consciente frequentemente levanta.

A hipnose é um estado de concentração focalizada, mas o ego, a mente, tem a capacidade de interferir nesta concentração trazendo ao de cima pensamentos que distraem. Utilizando um método de indução rápida, consegui colocar a Elisabeth num estado de hipnose profundo num minuto.

Havia-lhe dado uma cassette de relaxamento para que ela pudesse ouvi-la em casa durante a semana, entre sessões. Tinha gravado esta cassette para ajudar os meus pacientes a praticar as técnicas de auto-hipnose. Descobri que quanto mais praticavam em casa mais profundo era o estado hipnótico que atingiam nas sessões no meu gabinete. A cassette também ajuda os pacientes a descansar e, frequentemente, a adormecer.

Elisabeth tentou ouvir a cassette em casa, mas não conseguiu relaxar. Sentia-se demasiado ansiosa. E se alguma coisa acontecesse? Preocupava-se com o facto de estar sozinha e não haver ninguém que a pudesse ajudar.

A sua mente "protegia-a" permitindo que os pensamentos do dia a dia aflussem ao de cima e a distraíssem da cassette. Entre o seu nervosismo e os seus pensamentos, ela não conseguia concentrar-se.

Ao descrever a sua experiência em casa com a cassette, decidi utilizar um método de hipnose mais rápido de forma a levá-la a ultrapassar os obstáculos criados pela sua mente e medos.

A técnica mais comum utilizada para induzir o transe hipnótico é denominada relaxamento progressivo. Começando por levar o paciente a abrandar o seu ritmo respiratório, o terapeuta utiliza o seu tom de voz para induzi-lo a um estado de

relaxamento profundo dando-lhe instruções para, de forma suave e sequencial, relaxar os músculos. Então é-lhe pedido que visualize ou imagine cenas agradáveis e relaxantes. Utilizando técnicas como a da contagem decrescente, o terapeuta ajuda o paciente a atingir um estado mais profundo.

Por esta altura, o paciente encontra-se num leve a moderado estado de transe, que o terapeuta pode aprofundar se desejar. Todo o processo demora cerca de 15 minutos.

No entanto, durante estes quinze minutos, a mente do paciente pode interromper o processo hipnótico, pensando, analisando ou debatendo ideias em vez de relaxar e se deixar ir com as sugestões.

Contabilistas e pessoas que tenham sido treinadas para pensar num padrão lógico, linear e altamente racional, com frequência permitem que o monólogo das suas mentes interrompa o processo. Apesar de sentir que a Elisabeth podia atingir um nível profundo de transe, independentemente da técnica utilizada, decidi, de qualquer forma, usar o método mais rápido, para ter a certeza do sucesso da operação.

Disse a Elisabeth para se sentar na ponta da cadeira, manter o olhar fixo nos meus olhos, e pressionar para baixo com a sua mão direita, que estava apoiada na palma da minha.

Fui-lhe falando à medida que ela exercia pressão na minha mão, com o corpo ligeiramente inclinado para a frente na cadeira. Os seus olhos estavam fixos nos meus.

De repente, e sem nenhum aviso, retirei a minha mão que estava por baixo da dela. O seu corpo, agora sem apoio, inclinou-se mais para a frente. Neste preciso momento disse muito alto "Durma!"

Instantaneamente, o corpo de Elisabeth caiu para trás na cadeira. Estava já num estado de transe hipnótico profundo. Enquanto a parte consciente da sua mente estava preocupada com a perda de equilíbrio a minha ordem para adormecer passou directamente e sem interferência até ao seu inconsciente. Entrou assim imediatamente num estado de "sono" consciente, que é o equivalente à hipnose.

"Pode lembrar-se de tudo, de todas as experiências que alguma vez viveu" disse-lhe. Agora podíamos começar a viagem de regressão. Queria ver quais os sentidos que predominavam nas suas recordações e assim pedi-lhe para relembrar a sua última refeição agradável, instruindo-a para que utilizasse todos os seus sentidos ao fazê-lo. Ela lembrava-se do odor, do sabor, do aspecto e da sensação de um jantar recente e desta forma soube que ela era capaz de uma recordação vívida. Parecia que, no seu caso, era o sentido da visão que predominava.

Então, levei-a de volta à sua infância para ver se ela podia recordar memórias de um período plácido na sua vida no Minnesota. Ela esboçou um sorriso de contentamento infantil.

"Estou na cozinha com a minha mãe. Ela parece muito jovem. Eu também sou muito jovem. Sou pequenina. Tenho cerca de cinco anos. Estamos a cozinhar. Estamos a fazer tortas... e biscoitos. É divertido. A minha mãe está feliz. Vejo tudo, o avental, o seu cabelo em pé. Consigo sentir os odores. São maravilhosos."

Dei-lhe a instrução: "Vá para outro quarto e diga-me o que vê." Ela foi até à sala de estar. Descreveu a grande e escura mobília de madeira, os soalhos gastos. E

ainda um retrato da mãe, uma fotografia que estava numa mesa de madeira escura ao pé de uma cadeira grande e confortável.

"Vejo a minha mãe na fotografia" continuou Elisabeth. "Ela é linda... tão jovem. Vejo as pérolas à volta do seu pescoço. Ela adora essas pérolas. São para ocasiões especiais. O lindo vestido branco.. , o cabelo negro... os olhos são tão brilhantes e saudáveis."

"Bem" disse eu. "Fico contente por se lembrar dela e conseguir vê-la com tanta clareza."

A certeza virtual de relembrar uma refeição recente ou uma cena de infância ajuda a construir a confiança do paciente na sua capacidade para evocar memórias. Estas mostram ao paciente que a hipnose funciona, não é assustadora, e que pode mesmo ser agradável. O paciente vê que as memórias evocadas são frequentemente mais vívidas e mais detalhadas que as memórias da mente consciente e acordada.

Depois de emergir do transe, os pacientes quase sempre se lembram conscientemente de memórias invocadas durante a hipnose. Só raramente atingem um nível de profundidade tal que fiquem amnésicos relativamente ao que experimentaram em hipnose. Apesar de, frequentemente, gravar as sessões de regressão para assegurar a precisão e para as usar como referência quando necessário, as cassetes são mais para mim do que para os pacientes. Eles lembram-se vividamente.

"Agora vamos viajar ainda mais para trás. Não se preocupe com o que é imaginação, o que é fantasia, o que é metafórico ou simbólico, o que é memória actual ou combinações de tudo isto" disse-lhe. "Deixe-se apenas experimentar. Tente impedir que a sua mente julgue, critique ou mesmo comente aquilo que está a experimentar. Limite-se a viver a experiência, que vale apenas como tal. Depois pode criticar. Mais tarde pode analisar. Mas por agora deixe-se apenas experimentar."

"Vamos agora voltar para o útero, para o período intra-uterino, imediatamente antes de ter nascido. Tudo o que lhe vier à cabeça é óptimo. Deixe-se apenas experimentar."

E contei de cinco para um, tornando o seu estado de hipnose mais profundo.

Elisabeth sentiu-se dentro do ventre de sua mãe. Era quente e seguro, e ela podia sentir o amor de sua mãe. Uma lágrima correu do canto de cada um dos seus olhos fechados. As lágrimas eram lágrimas de felicidade e nostalgia.

Elisabeth já podia sentir o amor que iria saudar o seu nascimento, e isto fê-la sentir-se muito feliz.

A sua experiência no ventre não é uma prova positiva de que a memória é precisa, ou que é de facto uma memória completa. Mas para a Elisabeth as sensações e emoções eram tão fortes e poderosas que para ela eram reais, e tal fê-la sentir-se muito melhor.

Enquanto sob hipnose, uma paciente minha lembrou-se de ter nascido com uma irmã gémea. O outro bebé tinha nascido morto. No entanto, a paciente nunca soube que tinha tido uma irmã gémea. Os seus pais nunca lhe tinham contado acerca da sua irmã morta à nascença. Quando ela contou aos pais a sua experiência sob hipnose eles confirmaram a completa precisão da recordação. Ela era de facto uma de duas irmãs gémeas.

No entanto, em geral, as memórias no ventre são difíceis de validar. "Está pronta para retroceder ainda mais?" perguntei, esperando que Elisabeth não se tivesse assustado com a intensidade das suas emoções.

"Sim" respondeu ela calmamente. "Estou pronta."

"Ótimo", disse. "Agora vamos ver se consegue lembrar-se de alguma coisa anterior ao nascimento, quer num estado místico ou espiritual, numa outra dimensão, quer numa vida passada. Tudo o que lhe vier à cabeça é bom. Não faça avaliações nem críticas. Não se preocupe com isso. Experimente apenas. Deixe-se experimentar."

Fi-la imaginar-se a entrar num elevador, a carregar num botão e lentamente contei de cinco até um. O elevador viajou através do tempo e do espaço, e a porta abriu-se quando disse um. Disse-lhe para dar um passo para fora e juntar-se à imagem, à cena, à experiência no outro lado da porta. Mas sucedeu algo que eu não esperava.

"Está tão escuro" disse, com terror na sua voz. "Eu... eu caí do barco. Está tanto frio. E terrível."

"Se estiver desconfortável", interrompi rapidamente, "flutue sobre a cena e observe-a como se estivesse a ver um filme. Mas se não estiver desconfortável, mantenha-se nela. Veja o que se passa. Sinta o que está a viver."

Mas a experiência era assustadora e ela decidiu flutuar por cima dela. Elisabeth via-se como um rapaz adolescente. Tendo caído do barco, numa tempestade durante a noite, este rapaz tinha-se afogado nas águas escuras. Subitamente a sua respiração tornou-se visivelmente mais lenta, e ela pareceu mais tranquila. Tinha-se libertado do corpo.

"Já saí daquele corpo" disse Elisabeth, quase casualmente. Tudo isto se tinha passado de forma extremamente rápida. Antes de eu ter tido tempo de explorar aquela vida, ela já estava fora daquele corpo. Queria que ela revisse o que se tinha passado, para que me contasse o que podia ver e entender.

"O que é que estava a fazer no barco?", perguntei-lhe, tentando retroceder no tempo mesmo estando ela já fora do corpo. "Estava a viajar com o meu pai" disse ela. "E uma tempestade levantou-se de repente. O barco começou a meter água. Estava muito instável e baloiçava violentamente. As ondas eram enormes e eu fui arrastado para fora."

"O que é que aconteceu às outras pessoas?" perguntei. "Não sei" disse ela. "Fui arrastado borda fora. Não sei o que é que lhes sucedeu."

"Mais ou menos que idade tinha quando isso sucedeu?"

"Não sei" respondeu ela. "Cerca de doze ou treze anos. Era um jovem adolescente."

Elisabeth não parecia muito motivada para fornecer mais pormenores. Tinha abandonado cedo aquela vida, tanto na vida passada como na recordação no meu gabinete. Não podíamos obter mais informações. Então acordei-a.

Na semana seguinte, Elisabeth pareceu-me menos deprimida apesar de eu não ter receitado nenhuma medicação antidepressiva para tratar os seus sintomas de desgosto e depressão.

"Sinto-me mais leve" disse ela. "Sinto-me mais livre, e noto que não me sinto tão perturbada no escuro."

Elisabeth sempre se tinha sentido pouco à vontade no escuro, e evitava sair sozinha à noite. Em casa, mantinha as luzes acesas. Mas na semana que havia passado ela tinha notado melhorias nesse aspecto. Desconhecia que nadar era algo que Elisabeth fazia pouco à vontade e mesmo com alguma ansiedade, mas na semana que havia passado ela já tinha conseguido estar algum tempo na piscina e no jacuzzi do seu condomínio. Apesar de esta não ser a sua principal preocupação, sentia-se contente por ter feito progressos nessa área.

Tantos dos nossos medos estão enraizados no nosso passado e não no nosso futuro. Frequentemente as coisas que mais receamos já ocorreram ou na nossa infância, ou numa vida passada. Porque já o esquecemos ou apenas nos lembramos vagamente, receamos que o acontecimento traumático se possa tornar realidade no futuro.

Mas Elisabeth ainda estava muito triste, e não tínhamos encontrado a sua mãe excepto na sua memória da infância. A busca tinha de continuar.

A história de Elisabeth é fascinante. A de Pedro também o é. No entanto as suas histórias não são de todo únicas. Muitos dos meus pacientes sofreram profundos desgostos, medos, fobias e relações frustrantes. Muitos reencontraram os seus outrora perdidos entes queridos noutros tempos e lugares. Muitos conseguiram curar o seu sofrimento à medida que relembavam vidas passadas ou atingiam estados espirituais.

Algumas das pessoas que fiz regredir são celebridades. Outras são pessoas aparentemente vulgares com histórias extraordinárias. As suas experiências reflectem os temas universais presentes nas viagens em curso de Elisabeth e Pedro à medida que estes se aproximam das encruzilhadas do destino.

Estamos todos a percorrer o mesmo caminho.

Em Novembro de 1992, desloquei-me a Nova Iorque para fazer regredir Joan Rivers como parte do seu programa televisivo. Tínhamos combinado fazer a regressão numa suite privada de um hotel alguns dias antes da gravação ao vivo do programa. Joan chegou tarde, atrasada por Howard Stern, o desinibido locutor de rádio que iria ser o convidado do seu programa naquele dia. Ela não estava muito relaxada, ainda com a maquilhagem da televisão, usando jóias e vestindo uma bonita camisola vermelha.

Em conversa, antes da regressão, soube que ela ainda sofria pela morte da mãe e do marido. Apesar de a mãe ter morrido anos antes, a relação entre elas tinha sido muito intensa e Joan continuava a sentir imensamente a sua falta. A morte do marido tinha sido mais recente. Joan sentou-se rigidamente num confortável sofá bege. As câmaras começaram a gravar uma cena extraordinária.

Em breve, Joan afundava-se no sofá, o queixo precariamente apoiado na palma da mão. A sua respiração abrandou e entrou num profundo estado hipnótico. "Desci fundo, mesmo fundo" disse ela mais tarde.

A regressão teve início, e ela recuou no tempo. A sua primeira paragem foi aos quatro anos. Relembrou o ambiente tenso em casa, devido à visita da avó. Joan podia ver-se a si própria vividamente.

"Estou a usar um vestido de xadrez com uns sapatos Mary Jane e meias brancas."

Partimos para tempos mais distantes. Era o ano de 1835, ela estava em Inglaterra, e era uma mulher da pequena burguesia. "Tenho cabelo preto, e sou mais alta e magra" observou. Tinha três filhas.

"Uma é sem dúvida a minha mãe" acrescentou. Joan reconheceu o facto de que uma das suas filhas naquela vida passada, uma criança de seis anos, tinha reencarnado como a sua mãe actual. "Como é que sabe que é ela?" perguntei.

"Apenas sei que é ela" respondeu com ênfase. O reconhecimento de almas frequentemente transcende a descrição verbal. Existe um conhecimento intuitivo, um saber do coração. Joan Rivers sabia que aquela menina e a sua mãe eram a mesma alma.

Não reconheceu o marido da mulher inglesa, também ele alto e magro, como alguém que existisse na sua vida actual. "Está a usar um chapéu de pele de castor" descreveu. Ele estava formalmente vestido. "Estamos a caminhar num grande parque com jardins" reparou.

Joan começou a chorar e queria sair daquele tempo. Uma das suas filhas estava a morrer.

"E ela!" soluçou, referindo-se à filha que tinha reconhecido como sendo a mãe na sua vida actual. "Terrível... horrivelmente triste!" A criança morreu, e nós deixámos aquele tempo e lugar. Regredimos ainda mais, até ao século dezoito.

"Estamos em mil setecentos e qualquer coisa... Sou um agricultor, sou um homem." Ela parecia surpresa com a mudança de sexo, mas aquela era uma vida passada mais feliz.

"Sou um agricultor muito bom porque gosto muito da terra" observou. Na sua vida actual, Joan adora trabalhar no seu jardim, onde encontra paz e alguns momentos de descanso da sua febril vida profissional.

Despertei-a suavemente. O seu sofrimento já tinha começado a sarar. Ela compreendeu que a sua preciosa mãe, que tinha sido a sua filhinha em 1835, em Inglaterra, era uma alma companheira através dos séculos. Apesar de ambas saberem que mais uma vez se encontravam separadas, Joan sabia que viriam a estar juntas de novo, num outro tempo e lugar.

Elisabeth, que não conhecia a experiência de Joan, procurou-me buscando uma cura semelhante. Iria também ela encontrar a sua querida mãe?

Entretanto, no mesmo gabinete e na mesma cadeira, separado de Elisabeth apenas por um ínfimo período de alguns dias, um outro drama decorria.

Pedro sofria. A sua vida estava carregada de tristeza, segredos não partilhados e desejos escondidos.

E o encontro mais importante da sua vida aproximava-se silenciosa mas rapidamente.

5

E ainda assim o seu desgosto não diminuía. Por fim ela gerou uma nova criança, e grande foi a alegria do pai; e alto o seu grito: "Um Filho!" Aquele dia, para seu regozijo - ele era o único. Abatida e pálida jazia a mãe; a sua alma estava dormente... Então subitamente ela chorou com angústia selvagem, Os seus pensamentos menos na nova que na criança ausente .. . "O meu anjo está na tumba, e eu não ao seu lado!" Falando através do bebé agora preso no seu abraço, ela ouve de novo a voz tão conhecida e adorada: "Sou eu - mas não o digas!" E ele olha-a fixamente nos olhos.

VICTOR HUGO

Pedro era um mexicano extraordinariamente bonito, mais loiro do que esperara, com cabelo castanho claro e olhos azuis maravilhosos que por vezes pareciam quase verdes. O seu encanto e graça escondiam o desgosto que ele sentia pela morte do irmão, que tinha morrido dez meses antes num terrível acidente de automóvel na Cidade do México.

Muitas pessoas me procuram sofrendo com reacções agudas ao desgosto, esperando saber mais acerca da morte ou mesmo encontrar mais uma vez os seus entes queridos já falecidos. O encontro pode ocorrer numa vida passada. Pode ocorrer num estado espiritual entre duas vidas. Ou pode ter lugar num contexto místico, para além dos limites do corpo e do ambiente físico.

Quer sejam reais ou imaginários, os encontros espirituais possuem um poder que é vividamente sentido pelo paciente. Com ele as vidas são alteradas.

A delicada e frequentemente detalhada recordação de vidas passadas não é o cumprir de um desejo. As imagens não são meramente invocadas porque um paciente necessita delas ou porque estas o podem fazer sentir melhor. O que é relembrado é o que aconteceu de facto.

A especificidade e precisão dos detalhes lembrados, a profundidade das emoções expostas, a cura de sintomas clínicos e o poder que tais memórias têm de transformar vidas apontam para a realidade das recordações.

O aspecto pouco usual da história do Pedro era o facto de terem já passado dez meses desde a morte do irmão. Geralmente por esta altura o luto está feito. O anormalmente longo tempo de luto de Pedro sugeria um desespero subjacente mais profundo que o normal.

Na realidade as causas da sua tristeza iam muito para além da morte do irmão. Iríamos descobrir em sessões subsequentes que ele havia estado separado dos seus entes queridos ao longo de muitas vidas passadas, o que o tornara extremamente sensível à perda de alguém amado. A morte súbita do irmão fez emergir, dos recessos mais profundos da sua mente inconsciente, a memória de perdas ainda mais graves, ocorridas milénios atrás.

Na teoria psiquiátrica, cada perda que experimentamos reaviva sentimentos e memórias reprimidas ou esquecidas de perdas anteriores. O nosso desgosto é potenciado pela acumulação de desgostos de perdas anteriores.

Na minha investigação com vidas passadas, estava agora a descobrir que o palco em que estas perdas ocorrem necessitava de ser alargado. Não podemos retroceder

apenas à infância. Perdas anteriores, em vidas passadas, têm de ser consideradas. Algumas das nossas mais trágicas perdas e os nossos mais profundos desgostos aconteceram antes de termos nascido. Antes de mais nada, precisava de saber algo mais acerca da vida de Pedro. Precisava de referências para poder navegar nas águas das futuras sessões.

"Fale-me de si" pedi. "A sua infância, a sua família, e tudo o que achar que é importante. Conte-me tudo o que sentir que eu deva saber."

Pedro suspirou profundamente e encostou-se para trás na larga e macia cadeira. Desapertou a gravata e desabotoou o botão do colarinho da camisa. A sua linguagem corporal dizia-me que tal não ia ser fácil para ele.

Pedro provinha de uma família muito privilegiada, tanto financeira como politicamente. O seu pai possuía um grande negócio e várias fábricas. Eles viviam nas colinas sobranceiras à cidade, numa casa espectacular dentro de um condomínio privado e seguro.

Pedro tinha frequentado as melhores escolas privadas de toda a cidade. Estudara inglês desde os primeiros anos de escola, e depois de muitos anos em Miami, o seu domínio da língua inglesa era excelente. Era o mais jovem de três filhos. A irmã era a mais velha e, apesar de ter mais quatro anos que ele, Pedro era muito protector em relação a ela. O irmão era dois anos mais velho e muito íntimo de Pedro.

O pai de Pedro trabalhava arduamente e, em geral, apenas chegava a casa noite adentro. A mãe, amas, empregadas e outro pessoal governavam a casa e tratavam das crianças.

Pedro estudara gestão na faculdade. Tinha tido várias namoradas, mas nenhuma relação séria.

"De alguma forma a minha mãe nunca gostou muito das raparigas com quem eu saía" acrescentou Pedro. "Ela encontrava-lhes sempre um defeito particular e nunca mo deixava esquecer."

Nesta altura, Pedro olhou à sua volta pouco à vontade. "O que foi?" inquiri.

Ele não respondeu imediatamente, engolindo em seco várias vezes antes de começar.

"Tive um caso com uma mulher mais velha no meu último ano de faculdade" disse-me lentamente. "Ela era mais velha... e casada." Pedro fez uma pausa.

"Tudo bem!" respondi após alguns momentos, mais para quebrar o silêncio. Podia sentir o seu desconforto e, apesar dos meus muitos anos de experiência, continuava a não gostar da sensação. "O marido dela descobriu?"

"Não" respondeu. "Ele não descobriu."

"As coisas podiam ter sido piores, então" aponte, salientando o óbvio, tentando confortá-lo.

"Há mais" acrescentou sinistramente.

Acenei com a cabeça, esperando que Pedro me informasse. "Ela ficou grávida... fez um aborto. Os meus pais não sabem disso." Os seus olhos dirigiam-se para o chão. Ainda se sentia envergonhado e culpado, anos depois do caso e do aborto.

"Eu compreendo" comecei. "Posso dizer-lhe o que aprendi acerca dos abortos?"

Ele anuiu com a cabeça. Ele conhecia a minha investigação sobre hipnose e vidas passadas.

"Um aborto provocado ou espontâneo, em geral implica um acordo entre a mãe e a alma que iria entrar no bebê. Ou o corpo do bebê não seria suficientemente saudável para poder desempenhar as tarefas planeadas na sua vida futura" continuei, "ou o tempo não era o adequado para os seus objectivos, ou a situação exterior modificou-se, como o abandono do pai quando os planos do bebê ou da mãe requeriam uma figura paterna. Compreende?"

"Sim" assentiu, mas não parecia convencido. Eu sabia que as suas fortes raízes católicas poderiam tornar mais difícil a sublimação da sua culpa e vergonha. Algumas vezes as nossas velhas crenças e preconceitos interferem na aquisição de novos conhecimentos. Voltei ao básico.

"Vou falar-lhe apenas da minha investigação" expliquei, "não do que li ou ouvi dos demais. Esta informação vem dos meus pacientes, geralmente quando estes se encontram sob hipnose profunda. Por vezes as palavras são deles, outras parecem provir de uma fonte mais elevada."

Pedro assentiu de novo com a cabeça, mantendo-se calado. "Os meus pacientes dizem que a alma não entra de imediato no corpo. Por volta do tempo da concepção, a alma faz uma reserva.

Mais nenhuma alma pode possuir aquele corpo. A alma que reservou o corpo daquele bebê em particular pode entrar e sair deste como desejar. Não está confinada. Isto é semelhante aos comas das pessoas" acrescentei.

Pedro assinalou estar a compreender, ainda não falando, mas escutando atentamente.

"Durante a gravidez, a alma fica cada vez mais e mais ligada ao corpo" continuei "mas a vinculação apenas está completa por volta da altura do nascimento, pouco tempo antes, durante ou logo depois."

Enfatizei este conceito juntando as bases das palmas das minhas mãos e formando com elas um ângulo de noventa graus. Então fui fechando as mãos de forma a que o resto das minhas palmas e dedos ficassem unidos, como o símbolo universal para a oração, denotando a vinculação gradual da alma ao corpo.

"Nunca podemos magoar ou matar uma alma" acrescentei. "A alma é imortal e indestrutível. Encontrará uma forma de voltar, se esse for o seu plano."

"O que é que quer dizer com isso?" perguntou Pedro.

"Tive casos nos quais a mesma alma, depois de um aborto provocado ou espontâneo, volta para os mesmos pais no seu próximo bebê."

"Incrível!" respondeu Pedro. Um brilho surgia agora na sua face, já não tão culpada ou envergonhada.

"Nunca se sabe" acrescentei.

Após alguns momentos de contemplação, Pedro suspirou de novo e cruzou as pernas, ajustando as calças. Tínhamos voltado de novo à recolha da sua história.

"O que é que aconteceu depois disso?" perguntei.

"Depois de me licenciar voltei para casa. No início trabalhava nas fábricas para aprender mais sobre o negócio. Mais tarde voltei para Miami para gerir o negócio aqui e no estrangeiro. Estou aqui desde então" explicou.

"E como é que vai o negócio?"

"Muito bem, mas ocupa muito do meu tempo." "Isso é um grande problema?"

"Não ajuda a minha vida sentimental" disse Pedro, sorrindo. Ele não estava totalmente a brincar. Agora, com vinte e nove anos, sentia que estava numa corrida contra o tempo para encontrar o amor, casar e fundar uma família. Corria, mas sem perspectivas. "Tem tido relacionamentos com mulheres?"

"Sim", respondeu, "mas nada de especial. Na realidade nunca me apaixonei. . . espero apaixonar-me um dia" acrescentou ele com alguma preocupação na voz. "Em breve terei que voltar para o México e viver lá" devaneou, "de forma a tomar conta dos assuntos do meu irmão. Talvez encontre alguém lá" comentou sem convicção.

Pensei que talvez as críticas da mãe relativamente às suas namoradas e a sua experiência com a mulher casada e o aborto fossem um obstáculo psicológico para uma relação amorosa mais íntima. Trataremos destes assuntos mais tarde, pensei.

"E como é que está a sua família no México?" perguntei, tornando a atmosfera mais leve enquanto continuava a recolher informação.

"Está bem. O meu pai tem já mais de setenta anos, e por isso o meu irmão e eu..." Pedro parou abruptamente. Engoliu em seco e respirou fundo antes de continuar. "Assim, tenho mais responsabilidade no negócio" concluiu ele numa voz calma.

"A minha mãe também se encontra bem." Fez uma pausa antes de emendar a sua resposta. "Mas nenhum deles parece ser capaz de lidar bem com a morte do meu irmão. Consumiu-os muito. Envelheceram muito."

"E a sua irmã?"

"Ela também está triste, mas tem o marido e os filhos" explicou Pedro.

Demonstrei compreender acenando com a cabeça. Ela tinha mais distrações que a ajudavam a lidar com o facto.

Pedro estava numa forma física excelente. A sua única queixa era uma dor intermitente no pescoço e ombro esquerdo, mas esse problema existia há muito tempo e os médicos não encontravam nada fora do normal.

"Aprendi a viver com ela" disse-me Pedro.

Tomei consciência do tempo. Olhando para o meu relógio, reparei que nos tínhamos atrasado vinte minutos. O meu relógio interno costumava ser muito mais preciso.

Devia ter estado muito absorto no drama da história de Pedro, racionalizei silenciosamente, sem saber que dramas ainda mais absorventes estavam apenas agora a começar a desenrolar-se.

O monge e filósofo budista vietnamita, Thich Nhat Hanh, escreve sobre como apreciar uma boa chávena de chá. Temos que estar totalmente despertos no presente para apreciar o chá. Apenas com a consciência no presente, as nossas mãos podem sentir o agradável calor da chávena. Apenas no presente podemos apreciar o aroma, sentir a doçura e saborear a delicadeza. Se estamos a ruminar sobre o passado ou preocupados com o futuro, perderemos por completo a experiência de apreciar a chávena de chá. Olharemos para a chávena, e o chá terá já terminado.

A vida é assim. Se não estamos totalmente no presente, quando olharmos à nossa volta este terá desaparecido. Teremos perdido a sensação, o aroma, a delicadeza e a beleza da vida. Parecerá ter passado a correr por nós.

O passado terminou. Aprendamos com ele e deixemo-lo ir. O futuro ainda não está aqui. Planeemos, sim, mas não gastemos o tempo a preocuparmo-nos com ele. A preocupação é uma perda de tempo. Quando pararmos de ruminar sobre o que já aconteceu, quando pararmos de nos preocuparmos com o que poderá nunca vir a acontecer, então estaremos no momento presente. Só então começaremos a experimentar a alegria de viver.

6

*Acredito que quando uma pessoa morre a sua Alma retorna à
Terra; Revestida de um novo disfarce carnal, outra mãe a dá à luz.
Com membros mais vigorosos e um cérebro mais inteligente, a velha
alma retoma o caminho.*
JOHN MASEFIELD

Pedro voltou ao meu gabinete uma semana depois para a sua segunda sessão. O desgosto ainda o atormentava, roubando-lhe os pequenos prazeres e interferindo com o seu sono. Começou por me contar um sonho estranho que tinha tido duas vezes na semana anterior.

"Eu estava a sonhar com outra coisa qualquer quando de repente uma mulher mais velha apareceu" explicou Pedro. "Reconheceu a mulher?" perguntei.

"Não" respondeu ele imediatamente. "Ela parecia estar nos seus sessenta ou setenta. Vestia um bonito vestido branco, mas não estava em paz. O seu rosto revelava angústia. Estendeu a mão para mim, e não parava de repetir as mesmas palavras."

"O que é que ela disse?"

"`Dá-lhe a mão... dá-lhe a mão. Saberás. Estende-lhe a tua mão. Dá-lhe a mão.' Foi isto o que ela disse."

"Dá a mão a quem?"

"Não sei. Ela disse apenas `Dá-lhe a mão.'" "Havia mais alguma coisa no sonho?"

"Na realidade não. Mas eu reparei que ela segurava uma pena branca numa mão."

"O que é que isso significa?" perguntei.

"O senhor é que é o médico" lembrou-me Pedro.

Sim, pensei. Eu sou o médico. Eu sabia que os símbolos podiam significar quase tudo, dependendo das experiências únicas do sonhador bem como dos arquétipos universais descritos por Carl Jung ou os símbolos populares de Sigmund Freud.

Este sonho, de qualquer forma, não parecia freudiano.

Reagi ao comentário "O senhor é que é o médico" e à sua implícita necessidade de uma resposta.

"Não tenho a certeza" respondi honestamente. "Pode significar muitas coisas. A pena branca pode simbolizar paz ou um estado espiritual ou muitas outras coisas. Teremos que explorar o sonho." acrescentei, relegando a sua interpretação para o futuro.

"Tive o sonho de novo ontem à noite" disse Pedro. "A mesma mulher?"

"A mesma mulher, as mesmas palavras, a mesma pena" esclareceu Pedro. "Dá-lhe a mão... dá-lhe a mão. Estende-lhe a mão. Dá-lhe a mão."

"Talvez as respostas surjam durante as regressões" sugeri. "Está preparado?"

Ele assentiu com a cabeça, e começámos. Eu já sabia que Pedro conseguia atingir um estado profundo de hipnose, pois já tinha analisado os seus olhos.

A capacidade de revirar os olhos para cima, tentando olhar para o cimo da cabeça, e depois deixar que as pálpebras descaiam lentamente enquanto se mantêm os olhos para cima, está altamente correlacionada com a capacidade de se poder ser profundamente hipnotizado.

Eu meço, assim, a parte de esclerótica, ou a parte branca dos olhos, que está visível quando as pupilas atingem o seu ápice. Também observo a parte branca que se vê enquanto as pálpebras fecham lentamente. Quanto maior a quantidade de branco visível, maior a profundidade do transe que essa pessoa pode atingir.

Os olhos de Pedro reviraram quase completamente nas órbitas quando o testei. Só a parte mais pequena do rebordo inferior da sua íris, a parte colorida do olho, permanecia visível. E enquanto as suas pálpebras fechavam lentamente, a íris não descia de forma alguma. Era óbvio que ele podia atingir um estado de transe profundo.

Por isso, fiquei ligeiramente surpreendido quando Pedro mostrou dificuldade em relaxar-se. Uma vez que o teste do "rolar dos olhos" media a capacidade física de relaxar profundamente e de atingir níveis profundos de hipnose, era manifesto que a sua mente estava a interferir. Por vezes, alguns pacientes que estão habituados a ter tudo sob controlo têm dificuldade em deixar-se ir.

"Limite-se a relaxar" aconselhei-o. "Não se preocupe com o que vem à mente. Não importa se hoje acontece alguma coisa ou não. Isto é um treino" acrescentei, tentando anular qualquer tipo de pressão que ele estivesse a sentir. Eu sabia que ele queria desesperadamente encontrar o irmão.

À medida que eu ia falando, Pedro ia relaxando cada vez mais. Começou a entrar num transe profundo. A sua respiração tornou-se mais lenta, e os seus músculos distenderam-se. Parecia afundar-se ainda mais na cadeira reclinável de couro branco. Os seus olhos moviam-se lentamente sob as pálpebras fechadas à medida que ia começando a visualizar imagens.

Lentamente, levei-o para trás no tempo.

"Para começar, limite-se a regressar ao momento da sua última refeição agradável. Utilize todos os seus sentidos. Recorde-o completamente. Veja quem estava consigo. Lembre-se das sensações" instruí-o.

Ele fê-lo, mas as memórias de diversas refeições atropelavam-se, não se focando apenas numa. Ainda tentava manter o controlo. "Descontraia ainda mais profundamente" disse. "A hipnose é apenas uma forma de concentração focada. Nunca perde o controlo. Está sempre no comando. Toda a hipnose é auto-hipnose." A sua respiração tornou-se ainda mais profunda.

"Mantém sempre o controlo" disse-lhe. "Se alguma vez ficar ansioso enquanto recorda ou experimenta algo, pode flutuar por cima e observar à distância, como se estivesse a ver um filme. Ou pode abandonar a cena e ir para qualquer sítio que deseje, visualizar a praia, ou a sua casa, ou qualquer local seguro para si. Se estiver muito desconfortável, pode mesmo abrir os olhos e estará de novo aqui, desperto e alerta.

"Isto não é o *Star Trek*" acrescentei. "Não será teleportado para um outro local. São apenas memórias, como outras quaisquer, tal como quando recordou as refeições agradáveis. Está sempre em controlo."

Nesse momento ele deixou-se ir. Levei-o de volta à sua infância e Pedro sorriu abertamente.

"Consigo ver os cães e os cavalos da quinta" disse-me. A sua família possuía uma quinta a algumas horas da cidade, e muitos fins-de-semana e férias foram passados aí.

A família estava junta. O seu irmão estava vivo, vibrante, ria. Permaneci em silêncio durante alguns momentos, deixando que o Pedro apreciasse a sua memória de infância.

"Está pronto para retroceder ainda mais?" perguntei. "Sim."

"Ótimo. Vamos ver se consegue lembrar-se de alguma coisa de uma vida passada." Contei de cinco para um enquanto Pedro se visualizava a atravessar uma porta magnífica para um outro tempo e lugar, para uma vida passada.

Logo que cheguei ao número um, vi que os seus olhos estremeciam descontrolados. Repentinamente estava alarmado. Começou a soluçar.

"É terrível... terrível!" arquejou. "Eles foram todos mortos... estão todos mortos." Os restos dos corpos estavam espalhados por toda a parte. O fogo tinha destruído a aldeia, com as suas estranhas tendas redondas. Apenas uma tenda se mantinha intacta, incongruentemente em pé na periferia da carnificina e destruição. As suas bandeiras coloridas e as grandes penas brancas agitavam-se fortemente na fria luz do sol.

Os cavalos, o gado e os bois tinham desaparecido. Era evidente que ninguém tinha sobrevivido ao massacre. Os "cobardes" vindos do Leste tinham feito isto.

"Nenhum muro, nenhum senhor da guerra os vai proteger de mim" jurou Pedro. A vingança teria que ser deixada para mais tarde. Ele estava atordoado, sem esperança, devastado.

Aprendi ao longo dos anos que as pessoas na sua primeira regressão gravitam frequentemente para o evento mais traumático de uma vida passada. Tal ocorre por a emoção do trauma estar muito fortemente gravada nas suas psiques e ser carregada pela alma para as futuras encarnações.

Eu queria saber mais. O que é que tinha precedido esta experiência horrenda? O que teria acontecido depois?

"Recue no tempo dentro dessa vida" pedi-lhe. "Recue para tempos mais felizes. O que é que recorda?"

"Há muitos *yurts*... tendas. Somos um povo poderoso" respondeu ele. "Aqui sou feliz!" Pedro descreveu um povo nómada que caçava e criava gado. Os seus pais eram os líderes, e ele era um forte e hábil cavaleiro e caçador.

"Os cavalos são muito velozes. São pequenos com grandes caudas" disse ele.

Casara com a mais bela rapariga do seu povo, com quem tinha brincado em criança e amado desde sempre. Podia ter-se casado com a filha de um chefe vizinho, mas preferiu casar por amor. "Qual é o nome dessa terra?" perguntei.

Ele hesitou. "Acho que vocês lhe chamam Mongólia."

Eu sabia que a Mongólia tinha provavelmente um nome bastante diferente quando o Pedro aí vivera. A língua era completamente diferente. Então como é que o Pedro, falando daquele tempo, conhecia a palavra *Mongólia*? Porque ele estava a recordar, as suas memórias estavam a ser filtradas através da sua mente actual.

Ó processo é semelhante ao de ver um filme. A mente actual está muito consciente, observando e comentando. A mente compara as personagens e temas do filme com aqueles da vida actual. Ó paciente é o observador do filme, o seu crítico e seu actor, tudo ao mesmo tempo. Ó paciente pode assim utilizar o seu conhecimento actual de história ou geografia para ajudar a datar e a situar acontecimentos e lugares. Ao longo do filme ele pode manter-se num estado profundamente hipnotizado.

Pedro podia recordar vividamente a Mongólia que existira há muitos séculos e, no entanto, podia falar inglês e responder às minhas perguntas enquanto o fazia.

"Sabe o seu nome?"

De novo, ele hesitou. "Não, não me recordo."

Pouco mais havia. Ele tinha um filho, e o seu nascimento fora uma grande felicidade não só para o Pedro e sua esposa como também para os seus pais e para o resto do seu povo. Os pais da sua mulher tinham falecido vários anos antes do casamento, assim ela não era apenas a sua mulher, mas também uma filha para os seus pais.

Pedro estava exausto. Ele não queria voltar para a aldeia devastada e mais uma vez confrontar-se com os restos da sua vida destruída e, assim, despertei-o.

Quando uma memória de uma vida passada é traumática e carregada de emoção, pode ser muito útil voltar uma segunda vez, e mesmo uma terceira. Em cada repetição a emoção negativa é atenuada e o paciente recorda ainda mais. Ele também aprende mais, à medida que as distrações e bloqueios emocionais são reduzidos. Eu sabia que o Pedro tinha mais a aprender da sua vida passada.

Pedro tinha dado a si mesmo mais dois ou três meses para resolver os seus assuntos pessoais e profissionais em Miami. Ainda tínhamos tempo suficiente para explorar a sua vida passada na Mongólia mais detalhadamente. Também tínhamos tempo para explorar outras vidas passadas. Ainda não tínhamos encontrado o seu irmão. Em vez disso ele tinha encontrado uma nova série de perdas devastadoras: a sua amada esposa, filho, pais, comunidade.

Estaria eu a ajudá-lo ou estaria a aumentar ainda mais o peso do seu fardo? Só o tempo o diria.

Depois de um dos meus *workshops*, uma participante contou-me uma história maravilhosa.

Quando ela era pequena, se deixasse propositadamente a sua mão pendurada do lado de fora da cama, sentia que uma outra mão segurava carinhosamente a dela, e ficava tranquila independentemente da ansiedade que estivesse a sentir. Muitas vezes, contudo, quando a sua mão acidentalmente descaía para fora da

cama, o aperto de mão surpreendia-a e ela instintiva e abruptamente retirava a mão, quebrando o contacto.

Ela sempre soubera quando procurar o contacto com a mão para se sentir confortada. Não existia, claro, nenhuma forma física debaixo da cama.

Ao crescer, a presença da mão manteve-se. Casou, mas nunca falou ao marido desta experiência, pois parecia-lhe ser muito infantil.

Quando engravidou do seu primeiro filho, a mão desapareceu. Ela sentiu falta da sua familiar e carinhosa companheira. Não existia nenhuma mão real que segurasse a dela daquela mesma forma.

O seu bebé nasceu, uma linda filha. Pouco depois do nascimento, estando deitadas juntas na cama, o bebé segurou-lhe a mão. Um reconhecimento súbito e poderoso daquela velha sensação familiar avassalou a sua mente e corpo.

O seu protector tinha regressado. Ela chorou de felicidade e sentiu-se imersa numa enorme vaga de amor. Era uma conexão que sabia existir muito para além do mundo físico.

7

Foste tu aquela Donzela que outrora Abandonou a Terra odiada, Ó!, diz-me em verdade, E voltaste agora para nos visitar de novo? Ou eras aquele doce e sorridente Jovem?... Ou alguém da prole celestial Descido de um trono de nuvens para fazer o bem ao mundo? Ou pertences às hostes de asas douradas, Que ataviadas com roupagem humana Descem à Terra do seu destinado assento E após breve estadia entre nós, voam de voltam rapidamente Como para mostrar como são as criaturas celestes; E assim incendiar o coração dos homens, Para que desdenhem este mundo sórdido, e aspirem ao Céu?

JOHN MILTON

Ao entrar no meu gabinete para a sua terceira sessão, Elisabeth parecia menos deprimida. Os seus olhos estavam mais brilhantes. "Sinto-me mais leve", disse-me ela. "Sinto-me mais livre..." A sua breve recordação dela própria como um adolescente que havia sido arrastado borda fora tinha começado a atenuar alguns dos seus medos. Não apenas o medo da água e do escuro, mas também medos mais básicos e profundos, como o da morte e da extinção. Ela tinha morado sendo aquele rapaz, mas, no entanto, existia de novo como Elisabeth. A um nível subconsciente, o seu sofrimento poderia estar atenuado, devido ao conhecimento de que tinha vivido anteriormente e viveria de novo, de que a morte não era final. E se ela podia nascer de novo, renovada e revigorada, num novo corpo, então também os seus entes queridos o podiam fazer. Também todos nós podemos renascer para lidar mais uma vez com as alegrias e as agruras, com os triunfos e as tragédias da vida na Terra.

Elisabeth entrou rapidamente num profundo transe hipnótico. Em poucos minutos, os seus olhos moviam-se sob as pálpebras fechadas à medida que ela observava um panorama antigo.

"A areia é linda" começou, recordando uma vida como um índio americano no Sul, provavelmente na costa oeste da Florida. "É tão branca... às vezes quase

cor-de-rosa... É tão fina como o açúcar." Por um momento fez uma pausa. "O Sol põe-se sobre o grande oceano. Para Este existem grandes pântanos, com muitos pássaros e animais. Existem muitas pequenas ilhas entre os pântanos e o mar. As águas estão cheias de peixe. Nós pescamos o peixe nos rios e entre as ilhas." Fez novamente uma pausa, e continuou.

"Estamos em paz. A minha vida é muito feliz. A minha família é grande; parece que tenho parentesco com muita gente da minha aldeia. Conheço as raízes, plantas, ervas. . . Posso fazer medicamentos a partir de plantas... Sei como curar."

Nas culturas dos índios americanos a utilização de poções curativas ou outras práticas holísticas não eram penalizadas. Em vez de ser chamados bruxos e afogados ou queimados, os curandeiros eram respeitados e frequentemente venerados.

Fi-la avançar um pouco ao longo dessa vida, mas não descobrimos quaisquer traumas. Era uma vida pacífica e aprazível. Morreu de velhice, rodeada por toda a aldeia.

"Existe muito pouca tristeza ligada à minha morte" reparou ela após flutuar sobre o seu velho corpo mirrado e examinando a cena de cima, "mas apesar disso toda a minha aldeia parece ali se encontrar." Ela não estava de todo perturbada pela ausência de sofrimento dos que a rodeavam. Havia um grande respeito e carinho por ela, pelo seu corpo e pela sua alma. Apenas faltava a tristeza.

"Nós não choramos a morte, porque sabemos que o espírito é eterno. Ele volta sob a forma humana se o seu trabalho não estiver terminado" explicou ela. "Por vezes, com um exame cuidadoso do novo corpo, a identidade do anterior pode ser conhecida." Ela ponderou este conceito por alguns momentos. "Procuramos sinais de nascença onde antes existiam cicatrizes e outros sinais" elaborou.

"Pelo mesmo motivo, também não celebramos os nascimentos. . . apesar de ser bom ver de novo o espírito." Ela fez uma pausa, talvez para procurar palavras para descrever este conceito.

"Embora a Terra seja muito bonita e mostre continuamente a harmonia e interconexão de todas as coisas... o que é uma grande lição... a vida nela é muito mais dura. Com os grandes espíritos não existe doença, dor, separação... Não há ambição, competição, ódio, medo, inimigos... Existe apenas paz e harmonia. Assim qualquer espírito, ao voltar, não pode estar feliz por deixar tal lugar. Seria errado festejar quando o espírito está triste. Seria algo muito egoísta e insensível" concluiu ela.

"O que não significa que não demos as boas vindas ao espírito acabado de chegar" acrescentou rapidamente. "É importante mostrarmos o nosso amor e afecto nessa altura em que está tão vulnerável."

Tendo explicado este fascinante conceito de morte sem tristeza e nascimento sem celebração, ficou silenciosa, repousando. Aqui, mais uma vez, estava o conceito de reencarnação e o encontro sob forma física da família, amigos e amantes de vidas passadas.

Em todos os tempos e em diversas culturas através da história, este conceito tem surgido de forma aparentemente independente. A vaga memória daquela antiga vida pode tê-la trazido de novo para a Florida, recordando-a a um nível profundo de um lar ancestral. Talvez a impressão da areia e do mar, das palmeiras e dos

pântanos de mangues tenha tocado a memória da sua alma, ajudando-a a recuar ainda mais no tempo, numa sedução subconsciente. Pois aquela vida tinha sido muito agradável, repleta de satisfação, que não existia na sua vida presente.

Talvez tenham sido estes estímulos antigos que a tenham levado a inscrever-se na Universidade de Miami, o que a levou à sua posterior mudança para Miami, ao ganhar a bolsa. Não era coincidência. O destino exigia que ela estivesse aqui.

"Está cansada?" perguntei, voltando a minha atenção para Elisabeth, que ainda descansava tranquilamente na cadeira reclinável.

"Não" respondeu ela calmamente. "Quer explorar uma outra ida?" "Sim." Mais silêncio.

Mais uma vez viajámos para trás através do tempo e, mais uma vez, ela emergiu numa terra antiga.

"Isto é uma terra despovoada" observou Elisabeth depois de ter examinado a cena. "Há montanhas altas... estradas poeirentas... os comerciantes passam nestas estradas... É uma rota para os comerciantes que se deslocam para Este e Oeste.."

"Sabe que país é?" perguntei, procurando pormenores.

Não me queria intrometer com demasiadas perguntas ao lado esquerdo do cérebro, a parte lógica. Tais perguntas poderiam interferir com o carácter imediatista da experiência, que é mais uma função intuitiva, do lado direito do cérebro. Mas Elisabeth estava num estado de hipnose extremamente profundo. Ela podia responder às perguntas e, no entanto, continuar a presenciar vividamente esta cena. Os pormenores também eram importantes.

"Índia... creio" respondeu hesitante. "Talvez a Oeste... Não creio que as fronteiras sejam bem definidas. Vivemos nas montanhas e existem desfiladeiros que os comerciantes têm que atravessar" acrescentou, voltando à cena.

"Vê-se a si própria?" perguntei.

"Sim... sou uma rapariga... com cerca de quinze anos. A minha pele é mais escura, e tenho cabelo negro. As minhas roupas estão sujas. Trabalho nos estábulos... a cuidar dos cavalos e das mulas... Somos muito pobres. O clima é tão frio; as minhas mãos estão tão geladas a trabalhar aqui." A face contorcida num esgar, Elisabeth cerrava os punhos.

Esta jovem era naturalmente inteligente, mas sem educação. A sua vida era dolorosamente difícil. Os comerciantes abusavam dela com frequência, algumas vezes deixavam-lhe algum dinheiro. A família era incapaz de a proteger. Um frio entorpecedor e fome constante atormentavam a sua vida. Havia apenas uma pequena luz que brilhava na existência daquela rapariga.

"Existe um jovem comerciante que passa por aqui muitas vezes com o pai e os outros. Ele ama-me e eu amo-o. Ele é divertido e gentil, e rimo-nos muito juntos. Eu só queria que ele pudesse ficar para podermos estar juntos todo o tempo."

Tal não aconteceria. Ela morreu aos dezasseis anos. O seu corpo, já desgastado pelos elementos e pela dureza da vida, rapidamente sucumbiu a uma pneumonia. A família estava à sua volta quando ela morreu.

Ao rever esta breve vida, Elisabeth não estava triste. Tinha aprendido uma lição importante.

"O amor é a força mais poderosa do Universo" disse ela suavemente. "O amor pode florescer e desabrochar mesmo num solo gelado e nas condições mais duras. Existe sempre e em todo o lado. O amor é uma flor de todas as estações."

A sua face estava radiante com um belo sorriso.

Um paciente meu, um advogado católico, tinha acabado de recordar uma vida na Europa dos finais da Idade Média. Tinha relembado a sua morte naquela vida, uma vida repleta de avareza, violência e fraude. Tinha consciência de que alguns desses traços tinham permanecido na sua vida actual.

Agora, reclinado na macia cadeira de couro do meu gabinete, apercebia-se de que estava a flutuar fora do seu corpo nessa vida medieval. Subitamente, encontrou-se num ambiente infernal, entre fogo e demónios. Isso surpreendeu-me. Apesar de ter testemunhado milhares de mortes em vidas passadas de pacientes meus, nunca ninguém tinha tido uma experiência com o Inferno. Quase invariavelmente as pessoas eram atraídas para uma luz indescritivelmente bela, uma luz que renova e recarrega as energias do espírito. Mas, o Inferno?

Esperei que qualquer coisa acontecesse, mas ele relatou que ninguém lhe prestava atenção. Ele também esperava. Minutos passaram. Finalmente, uma figura espiritual, que ele identificou como Jesus, surgiu e caminhou na sua direcção. Era o primeiro ser que reparava nele.

"Não percebes que tudo isto é ilusão?" disse-lhe Jesus. "Só o amor é real!" Então, fogo e demónios desapareceram instantaneamente, revelando a bela luz que sempre ali tinha estado, despercebida, por trás da ilusão.

Por vezes temos o que esperamos, mas pode não ser real.

8

É o segredo do mundo que todas as coisas subsistam e não morram, mas apenas se afastem um pouco da vista e depois voltem de novo. Nada está morto; os homens fingem-se mortos, e suportam funerais simulados e obituários lúgubres, e ali se erguem olhando pela janela, são e escorregados, nalgum novo e estranho disfarce.
RALPH WALDO EMERSON

Tanto o Pedro quanto eu precisávamos de aprender mais sobre as origens do seu desespero, que tinha sido ainda mais acentuado pela trágica morte do irmão. Precisávamos de compreender melhor a superficialidade das suas relações. Estariam as constantes críticas da mãe às suas namoradas e a culpa em relação ao aborto a bloquear o seu amor? Ou simplesmente ainda não tinha conhecido a mulher certa?

O processo de regressão é como perfurarem busca de petróleo. Nunca se sabe onde o petróleo está, mas quanto maior a profundidade atingida maior a probabilidade de o encontrar.

Hoje regressaríamos a um nível ainda mais profundo.

Pedro só recentemente tinha começado a recordar as suas vidas passadas. Com frequência, no início, as vidas passadas são abordadas nos seus pontos mais traumáticos. Tal aconteceu de novo.

"Sou um soldado... inglês, penso eu" observou Pedro. "Muitos de nós são trazidos em navios para capturar a fortaleza do inimigo.

É gigantesca, com muros muito altos e espessos. Encheram o porto com grandes pedras. Temos que encontrar uma outra forma de entrar." Enquanto a invasão era adiada ele permaneceu em silêncio.

"Avance no tempo" sugeri. "Veja que se passa a seguir." Dei-lhe três pancadinhas leves na testa de forma a focar a sua atenção e ajudá-lo a ultrapassar o lapso de tempo.

"Passámos pelas pedras e abrimos uma brecha na fortaleza" respondeu. Começou a gemer e a suar. "Pequenos túneis. . . corremos por eles, mas não sabemos para onde vamos. . . Os túneis são estreitos e baixos. Temos que ir em fila indiana e dobrarmo-nos enquanto corremos."

Pedro começou a suar profusamente. Respirava muito rapidamente, e parecia extremamente perturbado.

"Vejo uma pequena saída ali à frente... Estamos a passar através dessa porta."

"Ai!" gemeu ele subitamente. "Os Espanhóis estão do outro lado da porta. Eles estão a matar-nos à medida que passamos, um de cada vez... Eles feriram-me com uma espada!" Arquejou, levando a mão ao pescoço. A sua respiração tomou-se ainda mais rápida. Arfava, agora, buscando desesperadamente ar e o suor caía-lhe da cara, ensopando a camisa. Subitamente os seus movimentos cessaram. A respiração tornou-se regular e ele ficou calmo. À medida que eu lhe secava a testa e o rosto com um lenço de papel, a sudação diminuía.

"Estou a flutuar sobre o meu corpo" anunciou Pedro. "Deixei aquela vida... tantos corpos.. . tanto sangue alíem baixo. . . mas agora estou acima disso tudo." Flutuou em silêncio por alguns momentos.

"Reveja essa vida" instruí-o. "O que é que aprendeu? Quais foram as lições?"

Ele ponderou sobre estas questões de uma perspectiva mais elevada. "Aprendi que a violência é fruto de uma profunda ignorância. Eu morri sem sentido, longe do meu lar e dos meus entes queridos. Morri devido à avidez de outros. Tanto os Ingleses como os Espanhóis foram estúpidos, matando-se por ouro em terras longínquas. Roubando ouro dos demais e matando-se mutuamente por isso. Avidez e violência mataram essas pessoas... Todos eles esqueceram o amor."

Ficou mais uma vez em silêncio. Decidi deixá-lo descansar e digerir estas lições incríveis. Também eu comecei a meditar sobre as lições de Pedro. Através dos séculos, desde a morte vã de Pedro numa fortaleza distante do seu lar em Inglaterra, o ouro transformou-se em dólares, libras, ienes, e pesos, mas continuamos a matar-nos por ele. De facto, tal tem vindo a acontecer através da história. Quão pouco temos aprendido ao longo dos séculos! Quanto mais necessitamos de sofrer para nos lembrarmos de novo do amor?

A cabeça de Pedro começou a mover-se de um lado para o outro na cadeira. Ele tinha um sorriso divertido na cara. Tinha entrado espontaneamente numa outra vida, muito mais recente. Depois de Pedro ter começado a recordar vidas passadas, as suas experiências visuais eram particularmente vívidas.

"O que é que está a sentir?" perguntei.

"Sou uma mulher" observou. "Sou bastante bonita. O meu cabelo é loiro e comprido... a minha pele é muito pálida." Com grandes olhos azuis e roupas

elegantes, Pedro era uma prostituta muito requerida na Alemanha após a I Guerra Mundial. Apesar de o país estar a atravessar um período de inflação galopante, os ricos ainda tinham dinheiro para os seus serviços.

Pedro teve alguma dificuldade em lembrar-se do nome desta elegante mulher. "Magda, creio" disse. Eu não o queria distrair da sua avaliação visual.

"Sou muito bem sucedida neste negócio" disse Magda orgulhosamente. "Sou confidente de políticos, líderes militares e homens de negócios muito importantes." Ela parecia um tanto frívola à medida que se ia recordando.

"Eles estão todos obcecados pela minha beleza e pela minha habilidade" acrescentou. "Sei sempre exactamente o que fazer." Magda possuía uma voz excelente e frequentemente actuava em elegantes soirées. Tinha aprendido a manipular os homens.

Provavelmente devido a todas as vidas passadas como homem, pensei eu sem o dizer.

Então a voz de Pedro desceu a um sussurro. "Eu influencio estas pessoas... Consigo fazer com que eles alterem decisões... Eles fazem-no por mim" disse ela, impressionada com o seu status e capacidade para influenciar estes poderosos homens.

"Geralmente sei mais do que eles" continuou ela de certa forma pesarosa. "Eu ensino-lhes política!" Magda gostava do poder e da intriga política. O seu poder político era, no entanto, indirecto; tinha sempre que ser mediado por homens, e isto frustrava-a. Numa vida futura, Pedro não iria necessitar de intermediários.

Um homem jovem, em particular, distinguia-se dos outros. "Ele é mais sério e inteligente que os demais" observou Magda. "Os seus cabelos são castanhos e os olhos muito azuis... Ele revela paixão em tudo o que faz! Passamos muitas horas apenas a falar. Acredito, também, que nos amamos." Ela não reconheceu este homem como alguém na sua vida actual.

Pedro parecia triste e uma lágrima formou-se no canto do seu olho esquerdo.

"Deixei-o por outro... um homem mais velho, poderoso e rico, que me queria em exclusivo... Não segui o meu coração. Cometi um erro terrível. Ele ficou tremendamente ferido com o meu acto. Nunca me perdoou... Nunca compreendeu." A Magda tinha procurado segurança e poder extrínseco, tendo posto estas qualidades à frente do amor, a verdadeira fonte de força e segurança.

Aparentemente, a sua decisão foi uma daquelas que marca um ponto de viragem na vida, uma bifurcação na estrada que, uma vez escolhida, não permite que se volte atrás.

O seu idoso amante perdeu o poder à medida que a Alemanha fazia a brutal viragem para os novos partidos da violência. Abandonou-a. Magda perdera o rasto do seu jovem apaixonado. Depois, o seu corpo começou a deteriorar-se devido a uma doença sexual crónica, provavelmente sífilis. Estava deprimida e não tinha vontade para resistir à implacável doença.

"Vá para o fim dessa vida" pedi-lhe. "Veja o que é que lhe acontece, quem é que está à sua volta."

"Estou numa cama reles... num hospital. É um hospital para os pobres. Há muita gente aqui, doentes e a gemer... os mais pobres dos pobres. Esta deve ser uma cena vinda do Inferno!"

"Vê-se a si própria?"

"O meu corpo está grotesco" respondeu Magda. "Existem médicos ou enfermeiras à sua volta?"

"Eles estão por aí" respondeu ela amargamente. "Mas não me prestam nenhuma atenção... Não estão de forma alguma tristes. Eles desaprovam a minha vida e o que eu fiz. Estão a castigar-me."

Uma vida de beleza, poder, e intriga terminara desta forma terrível. Pouco depois flutuava sobre o seu corpo, finalmente livre. "Agora sinto-me tão em paz" acrescentou. "Quero apenas descansar."

Pedro estava silencioso na cadeira. Iria rever mais uma vez as lições daquela vida. Estava exausto e eu despertei-o.

A dor crónica que Pedro sentia no pescoço e ombro esquerdo desapareceu gradualmente ao longo das semanas seguintes. Os médicos nunca tinham encontrado a origem desta dor. Claro que nunca tinham considerado que uma ferida mortal de uma espada de há vários séculos pudesse ser uma causa provável.

Fico constantemente espantado com a falta de visão da maioria das pessoas. Conheço muita gente diariamente obcecada pela educação dos filhos: qual o melhor infantário, escolas privadas *versus* escolas públicas, quais os mais eficientes cursos de preparação para ingresso no ensino superior, como maximizar as notas e actividades extracurriculares de forma a dar aos filhos uma margem para poderem entrar *naquela* faculdade, *naquela* universidade, *ad infinitum*. Depois o mesmo ciclo recomeça com os netos.

Mas estas pessoas pensam que o mundo está parado no tempo, que o futuro será uma réplica do presente.

Se continuamos a cortar as nossas florestas e a destruir as fontes de oxigénio, o que é que estas crianças irão respirar dentro de vinte ou trinta anos? Se envenenamos o nosso sistema de água e os ciclos de alimentos, o que é que irão comer? Se cegamente continuamos a produzir clorofluorcarbonetos e outros resíduos orgânicos e a abrir buracos na camada de ozono, poderão eles viver ao ar livre? Se sobreaquecemos este planeta através do efeito de estufa, com a subsequente subida do nível dos oceanos e inundação das nossas costas, se exercemos demasiada pressão nas linhas tectónicas oceânicas e continentais, onde é que eles irão viver? E os filhos e netos na China, África, Austrália e todos os outros sítios estão igualmente vulneráveis pois são inexoravelmente residentes deste planeta. E já agora, considere o seguinte. Se e quando reencarnar você for uma dessas crianças?

Assim, como é que podemos preocupar-nos tanto com testes de admissão e faculdades quando talvez não exista um mundo para os nossos descendentes?

Por que está toda a gente tão obcecada em viver mais tempo? Por que espremer mais alguns infelizes anos a um final já de si penoso? Para quê a preocupação com os níveis de colesterol, dietas de farelo, contagens de lípidos, exercícios aeróbicos, e assim sucessivamente?

Não faz mais sentida viver com alegria o agora, tornar pleno cada dia, amar e ser amado, do que preocuparmo-nos tanto acerca da nossa saúde física num futuro que desconhecemos? E se não houver futuro? E se a morte é uma libertação para a felicidade?

Não tome isto como um convite para negligenciar o seu corpo, nem uma desculpa para fumar ou beberem excesso ou usar drogas ou ser imensamente obeso. Estas condições causam infelicidade, desgosto e incapacidade. Apenas o convido a não se preocupar tanto com o futuro. Encontre a sua felicidade hoje.

A ironia é que, assumindo esta atitude desprendida e vivendo alegremente o presente, provavelmente irá viver mais anos.

Os nossos corpos e almas são como os carros e os seus condutores. Lembre-se sempre que é o condutor, não o carro. Não se identifique com o veículo. A ênfase dada actualmente ao prolongar da duração das nossas vidas, em viver até aos cem anos ou mais, é uma loucura. É como ficar com o seu velho Ford depois deste ter passado os 200.000 ou 300.000 quilómetros. A estrutura metálica do carro está a enferrujar, a transmissão foi reparada cinco vezes, coisas caem do motor e, no entanto, recusamo-nos a trocá-lo. E ali, as virar da esquina, está outro automóvel, novinho em folha, à sua espera. A única coisa que tem que fazer é sair devagarinho do velho Ford e deslizar para dentro do novo automóvel. O condutor, a alma, nunca muda. Apenas o carro.

E, a propósito, até pode ser que, ao longo do caminho, se venha a encontrar dentro de um Ferrari!

9

Tão longe quanto posso lembrar, inconscientemente recorri às experiências de um estado prévio de existência. . . Vivi na Judeia há mil e oitocentos anos, mas nunca soube que existia um Cristo entre os meus contemporâneos. Como as estrelas que me olharam quando eu era um pastor na Assíria, olham-me agora como nativo da Nova Inglaterra.

HENRY DAVID THOREAU

Duas semanas haviam passado desde a última sessão com Elisabeth, dado esta ter de fazer uma viagem de negócios. Viagens para fora da cidade não eram raras para ela. O bonito sorriso com que tinha terminado a última sessão havia-se desvanecido; as realidades e pressões do dia a dia tinham mais uma vez cobrado o seu preço.

No entanto, ela estava ansiosa para continuar a sua viagem através dos tempos idos. Tinha começado a recordar acontecimentos e lições importantes de outras vidas. Experimentara um vislumbre de felicidade e esperança. Agora queria mais.

Facilmente atingiu um estado de transe profunda.

Elisabeth recordou as pedras de Jerusalém com as suas cores particulares, que se alteram de acordo com a luz do dia e da noite. Uma vez douradas, outras vezes matizadas de rosa ou bege. Mas a cor dourada voltava sempre. Recordou a sua cidade perto de Jerusalém com as pequenas ruas de terra e pedra, as casas, os habitantes, as suas roupas, os seus costumes. Havia algumas vinhas e figueiras, alguns campos eram de linho e noutros o trigo crescia. A água vinha do poço ao fundo da rua. Junto dele erguiam-se antigos carvalhos e romãzeiras. Era um período de intensa

actividade religiosa e espiritual na Palestina, como sempre parece ter sido, de novas mudanças com a esperança sempre presente, mas também a opressão, a dureza dos dias, a luta pela sobrevivência, o domínio dos invasores de Roma.

Ela lembrava-se do seu pai, de nome Eli, que trabalhava em casa como oleiro. Utilizando a água do poço, ele criava formas do barro, fazendo taças, jarras, e muitos outros artigos para a sua casa e para os aldeões, e mesmo alguns para vender em Jerusalém. Por vezes, mercadores ou outros viajantes passavam pela aldeia e compravam as suas canecas, taças ou recipientes de cozinha. Elisabeth forneceu muito mais descrições da roda do oleiro, do ritmo do pé do pai na roda e pormenores da vida nessa pequena aldeia. O seu nome era Miriam e era uma rapariga feliz que vivia em tempos turbulentos. Em breve a sua vida iria mudar devido ao alastramento dessa violência até à sua aldeia.

Progredimos para o acontecimento seguinte significativo naquela vida: a morte prematura do pai às mãos de soldados romanos. Estes atormentavam com frequência os primeiros Cristãos que viveram na Palestina naquele tempo. Concebiam jogos cruéis apenas para seu divertimento. Um desses jogos tinha morto acidentalmente o querido pai de Miriam.

Os soldados ataram os tornozelos de Eli e arrastaram-no pelo chão puxado por um cavalo montado por um soldado. Depois de um minuto infindável, o cavalo tinha parado. O corpo do pai estava ferido, mas tinha sobrevivido à provação. A filha, aterrorizada, podia ouvir os soldados rir estrepitosamente. Mas eles ainda não tinham terminado.

Dois dos romanos ataram as pontas livres da corda à volta do seu próprio tórax e começaram aos saltos e aos repelões, imitando cavalos. O pai de Miriam tombou para a frente e a cabeça bateu numa pedra grande. Foi assim que ficou mortalmente ferido.

Os soldados deixaram-no na estrada poeirenta.

A falta de sentido de tudo aquilo somou-se à lancinante angústia de Miriam, um ódio amargo e desesperado somou-se à violenta morte do pai. Aquilo fora apenas um passatempo para os soldados. Eles nem sequer conheciam o seu pai. Eles não tinham sentido o seu toque suave quando cuidava dos seus pequenos cortes e nódoas negras de infância. Eles não sabiam do seu bom humor quando trabalhava na roda. Não tinham cheirado o seu cabelo depois dele tomar banho. Não tinham provado os seus beijos nem sentido os seus abraços. Eles não tinham passado todos os dias das suas vidas com aquele homem meigo e carinhoso.

No entanto, em poucos minutos de horror, eles extinguiram uma vida linda e encheram os restantes anos da vida de Miriam com um desgosto que nunca iria realmente sarar, com uma perda que nunca poderia ser substituída, com um vazio que nunca seria colmatado. Por passatempo. A ausência de sentido ultrajava-a e lágrimas de ódio juntaram-se às de dor.

Ficou a baloiçar-se para trás e para a frente no chão poeirento e manchado de sangue, embalando a cabeça do pai no seu colo. Ele já não podia falar. Sangue corria do canto da boca. Ela podia ouvir o estertor no seu peito cada vez que ele lutava para respirar. A morte estava muito próxima. A luz dos seus olhos aproximava-se do crepúsculo, do fim do seu dia.

"Amo-te pai" sussurrou ela suavemente, olhando-o tristemente nos olhos mortícios.
"Amar-te-ei para sempre."

Os olhos sem luz do pai fitaram-na num sinal de compreensão antes de se fecharem para sempre.

Ela continuou a embalar-lo até ao pôr do Sol desse dia, quando a família e os outros aldeões suavemente levaram o corpo para que pudesse ser preparado para a inumação. Na sua mente ela ainda podia ver os seus olhos. Estava certa de que ele a havia compreendido.

Sentado em silêncio, imobilizado pela profundidade do desespero de Elisabeth, reparei que o gravador não estava a funcionar. Pus uma cassette nova e a luz vermelha da gravação acendeu. Estávamos a gravar de novo.

A minha mente relacionou a dor actual de Elisabeth com o desgosto sofrido na Palestina há quase dois mil anos. Seria este mais um caso em que o desgosto antigo se combinava com o actual? Iría a experiência da reencarnação e o conhecimento de haver vida após a morte curar este desgosto?

Voltei de novo a minha atenção para Elisabeth.

"Avance no tempo. Avance para o próximo acontecimento significativo nessa vida" instrui-a.

"Não há nenhum" respondeu ela. "O que quer dizer?"

"Nada mais acontece de significativo. Eu posso ver para a frente... mas nada acontece."

"Nada de nada?"

"Não, nada" repetiu ela pacientemente. "Casa-se?"

"Não, eu não vivo muito mais tempo. Não tenho vontade de viver. Eu realmente não tenho muito cuidado comigo mesma." A morte do pai tinha-a afectado profundamente, levando-a aparentemente a uma profunda depressão e a uma morte prematura. "Deixei o corpo dela" anunciou Elisabeth.

"O que é que está a sentir agora?"

"Estou a flutuar... estou a flutuar..." A sua voz arrastava-se. Em breve recomeçou a falar, mas as palavras já não eram dela. A sua voz era agora grave e muito forte. Elisabeth podia fazer o que Catherine e muito poucos dos meus pacientes podiam fazer. Ela podia transmitir mensagens e informações dos Mestres, seres não-físicos de um nível mais elevado. O meu primeiro livro está repleto da sabedoria destes.

Eu podia apreender mensagens semelhantes quando meditava, mas as palavras pareciam sempre mais cheias de sentido quando provinham dos meus pacientes. Eu sabia que tinha que desenvolver a confiança nas minhas próprias capacidades de ouvir, receber, e perceber esses mesmos conceitos provenientes dessas mesmas origens.

"Lembra-te" disse a voz. "Lembra-te de que és sempre amado. Estás sempre protegido e nunca estás só... Também és um ser de luz, de sabedoria, de amor. E nunca poderás ser esquecido. Nunca poderás passar despercebido ou ser ignorado. Tu não és o teu corpo; tu não és o teu cérebro, nem mesmo a tua mente. És um espírito.

Tudo o que tens a fazer é despertares de novo para a memória, para recordar. O espírito não tem limites, nem os limites do corpo físico nem o alcance do intelecto ou da mente.

"Quando a energia vibratória do espírito é reduzida para que meios ambientes mais densos, como o teu plano tridimensional, possam ser experimentados, o resultado é que o espírito sofre uma espécie de cristalização e é transformado em corpos cada vez mais densos. O mais denso de todos é o estado físico. Neste estado a razão vibratória é a mais baixa de todas. O tempo parece ser mais rápido neste estado pois está inversamente relacionado com a razão vibratória. À medida que a razão vibratória aumenta, o tempo torna-se mais lento. É por esta razão que pode haver dificuldade na escolha do corpo certo bem como da altura certa para a reentrada no estado físico. A oportunidade pode ser perdida devido à disparidade do tempo... Existem muitos níveis de consciência, muitos estados vibratórios. Não é importante que conheças todos estes níveis.

"O primeiro nível de sete é aquele que é mais importante para ti. É importante experimentar no primeiro plano em vez de abstrair e intelectualizar sobre os planos mais elevados. Eventualmente terás que experimentá-los todos... A tua tarefa é ensinar a partir da experiência - pegar naquilo que é crença e fé e transformá-lo em experiência, de forma que a aprendizagem fique completa, porque a experiência transcende a crença. Ensina-os a experimentar. Remove o seu medo. Ensina-os a amar e a ajudar-se mutuamente...Tal envolve o livre arbítrio dos demais. Mas alcança-os com amor, com compaixão, para ajudar outros - é isto que deves fazer no teu plano.

"Os seres humanos pensam sempre neles como sendo os únicos seres. Tal não é o caso. Existem muitos mundos e muitas dimensões... muitas, muitas mais almas do que invólucros físicos. Além disso, uma alma pode dividir-se se o desejar e ter mais que uma experiência ao mesmo tempo. Tal é possível, mas requer um nível de desenvolvimento que a maior parte não atingiu. Eventualmente verão que, como uma pirâmide, existe apenas uma alma. E toda a experiência é partilhada simultaneamente. Mas isto ainda não é para agora.

"Quando olhas para os olhos de outra pessoa, qualquer pessoa, e vês a tua própria alma devolver o olhar, então saberás que atingiste um outro nível de consciência. Neste sentido a reencarnação não existe, uma vez que todas as vidas e experiências são simultâneas. Mas no mundo tridimensional, a reencarnação é tão real quanto o tempo, as montanhas ou os oceanos. E uma energia como outras energias e a sua realidade depende da energia daquele que a apreende. Enquanto o que apreende percebe um corpo físico e objectos sólidos, a reencarnação é real para ele. A energia consiste em luz, amor e conhecimento. A aplicação deste conhecimento com amor é sabedoria... Existe, actualmente, uma grande falta de sabedoria no teu plano."

Elisabeth calou-se. Tal como Catherine, ela podia recordar os pormenores das suas vidas físicas passadas, mas nada das mensagens que transmitia a partir de um estado entre vidas. Ambas estavam em estados muito mais profundos quando transmitiam estas mensagens. Muito poucos pacientes atingem uma profundidade tal que a amnésia é induzida. Tal como acontecia com Catherine, as mensagens de Elisabeth podiam ajudar a corrigir a "falta de sabedoria" no nosso plano.

Muito conhecimento ainda iria ser recolhido antes que Elisabeth terminasse.

O meu contacto com a sabedoria dos Mestres tem sido limitado desde que Catherine se curou e a sua terapia terminou. No entanto, em sonhos ocasionais,

inacreditavelmente vívidos e quase lúcidos, recebo mais informação, tal como as expus nas últimas páginas de *Muitas Vidas, Muitos Mestres*. E, por vezes, as mensagens vêm quando estou num estado de profunda meditação, semelhante ao do sonho. Por exemplo, foi-me apresentado um sistema de psicoterapia para o século XXI, um sistema de natureza psico-espiritual e que pode substituir as já excessivamente utilizadas e gastas técnicas do passado.

As mensagens e imagens encheram o meu cérebro a grande velocidade com uma clareza e um brilho perturbadores. Infelizmente não podia "gravar" a minha mente, a estação receptora. As ideias são como pedras preciosas, mas os seus engastes - as minhas palavras a tentar definir e explicar os pensamentos rápidos e incisivos - são como coisas sem valor. O início era uma mensagem clara.

"Tudo é amor...Tudo é amor. Com o amor vem a compreensão. Com a compreensão vem a paciência. E então o tempo pára. E tudo é agora."

Imediatamente, compreendi a verdade destes pensamentos. A realidade é o presente. O conflito no passado ou no futuro causa dor e doença. A paciência pode parar o tempo. O amor de Deus é tudo.

Pude também compreender de imediato o poder curativo destes pensamentos. Comecei a compreender.

"O amor é a resposta final. O amor não é uma abstracção, mas uma energia real, ou um espectro de energias, que podes "criar" e manter no teu ser. Basta que te abras ao amor. Estarás a começar a tocar Deus dentro de ti mesmo. Sente-te cheio de amor. Expressa o teu amor.

"O amor dissipa o medo. Não podes ter medo quando estás a sentir amor. Uma vez que tudo é energia e o amor contém todas as energias, tudo é amor. Este é um forte indício para a natureza de Deus.

"Quando dás amor, sem medo, podes perdoar. Podes perdoar os outros e podes perdoar a ti mesmo. Começas a ver na perspectiva correcta. Culpa e raiva são reflexos do mesmo medo. A culpa é uma raiva subtil dirigida para dentro. O perdão dissipa a culpa e a raiva. São emoções desnecessárias que provocam sofrimento. Perdoa. Perdoar é um acto de amor.

"O orgulho pode ser um obstáculo no caminho do perdão. O orgulho é uma manifestação do ego. O ego é um 'eu' falso e transitório. Tu não és o teu corpo. Tu não és o teu cérebro. Tu não és o teu ego. Tu és maior que todos eles. Necessitas do teu ego para sobreviver no mundo tridimensional, mas apenas daquela parte que processa a informação. O resto - orgulho, arrogância, desconfiança, medo - é pior do que inútil. O resto do ego separa-te da sabedoria, alegria e Deus. Tens que transcender o teu ego e encontrar o teu verdadeiro 'eu'. O verdadeiro 'eu' é a parte permanente, a mais profunda de ti mesmo. É sensato, pleno de amor, seguro e alegre. "O intelecto é importante no mundo tridimensional, mas a intuição é-o ainda mais.

"Inverteste a realidade e a ilusão. A realidade é o reconhecimento da tua imortalidade, divindade e eternidade. A ilusão é o teu mundo transitório tridimensional. Esta inversão está a prejudicar-te. Anseias pela ilusão da segurança em vez da segurança da sabedoria e amor. Anseias por ser aceite quando, na realidade, nunca podes ser rejeitado. O ego cria a ilusão e esconde a verdade. O ego deve ser eliminado para que então a verdade possa ser vista.

"Com amor e compreensão vem a perspectiva da paciência infinita. Qual é a pressa? De todas as formas o tempo não existe; apenas parece que existe. Quando não estás a viver o presente, quando estás absorvido pelo passado ou preocupado com o futuro, infliges a ti próprio grande desgosto e angústia. Também o tempo é uma ilusão. Mesmo no mundo tridimensional, o futuro é apenas um sistema de probabilidades. Por que te preocupas tanto?

"Pode ser feita terapia ao `eu'. Compreensão é terapia. Amor é a maior das terapias. Terapeutas, professores e gurus podem ajudar, mas apenas por um tempo limitado. A direcção é para o interior e, mais cedo ou mais tarde, o caminho interior deve ser percorrido sozinho. Apesar de, na realidade, nunca estares sozinho.

"Se isso te é necessário, mede o tempo em lições aprendidas, não em minutos, horas ou anos. Podes curar-te em cinco minutos se atingires o conhecimento devido. Ou em cinquenta anos. É tudo o mesmo.

"O passado deve ser lembrado e depois esquecido. Deixa-o ir. Isto é verdadeiro para os traumas de infância e para os traumas de vidas passadas. Mas também é verdadeiro para atitudes, ideias erradas, sistemas de crenças metidos à força na tua cabeça, para todos os velhos pensamentos. De facto, para todos os pensamentos. Como é que podes ver de uma forma clara e renovada com todos esses pensamentos? E se necessitasses de aprender alguma coisa nova? Com uma nova perspectiva?

"Os pensamentos criam a ilusão da separação e da diferença. O ego perpetua essa ilusão, e esta ilusão gera medo, ansiedade e um sofrimento tremendo. Medo, ansiedade e sofrimento geram por sua vez raiva e violência. Como pode existir paz no mundo quando estas emoções caóticas predominam? Simplesmente liberta-te. Volta à origem do problema. Estás de volta a pensamentos, antigos pensamentos. Pára de pensar. Em vez disso, utiliza a tua sabedoria intuitiva para viver de novo o amor. Medita. Vê que tudo está interligado e interdependente. Vê a unidade, não as diferenças. Vê o teu verdadeiro `eu'. Vê Deus.

"A meditação e a visualização ajudar-te-ão a parar de pensar tanto e a iniciares a viagem de volta. A cura acontecerá. Começarás a usar a mente que não usavas. Verás. Compreenderás. E tornar-te-ás mais sábio. Então haverá paz.

"Tens uma relação contigo mesmo e com os outros. Viveste em muitos corpos e em muitos tempos. Então pergunta ao teu `eu' actual porque é que é tão receoso. Por que tem medo de assumir riscos razoáveis? Tens medo pela tua reputação, medo do que os outros possam pensar? Esses medos são condicionados na infância ou mesmo antes dela.

"Faz a ti mesmo as seguintes perguntas: O que é que há a perder? O que é que pode acontecer de pior? Estou feliz por viver o resto da minha vida desta forma? É isto assim tão arriscado tendo como pano de fundo a morte?

"No teu crescimento, não tenhas medo de despertar raiva nos outros. A raiva é apenas a manifestação da sua insegurança. Ao temeres essa raiva estás a impedir a tua evolução. A raiva seria meramente estúpida se não criasse tanto sofrimento. Elimina a tua própria raiva em amor e perdão.

"Não deixes que a depressão ou a ansiedade atrasem o teu crescimento. Depressão implica esquecimento, perder a perspectiva e tomar as coisas como

garantidas. Torna-te mais perspicaz. Restabelece os teus valores. Lembra-te do que não deve ser tomado por garantido. Muda a tua perspectiva e lembra-te do que é mais e menos importante. Sai da calha. Lembra-te de ter esperança.

"Ansiedade é estar perdido no ego. É perder as próprias referências. Existe uma vaga recordação de perda de amor, um orgulho ferido, uma perda de paciência e paz. Lembra-te, nunca estás só.

"Nunca percas a coragem de arriscar. És imortal. Nunca poderás ser ferido."

Por vezes as mensagens são muito menos psicológicas e parecem ter uma origem mais antiga, mais didáctica. O estilo é bastante diferente. É quase como se eu estivesse a fazer um ditado.

"Existem muitos tipos de karma, dívidas a ser saldadas. O karma individual pertence às obrigações próprias dessa entidade, exclusivamente dela. Mas existe também o karma de grupo, as dívidas colectivas desse grupo, e existem muitos grupos: religiões, raças, nacionalidades, e assim sucessivamente. Num nível mais abrangente, existe o karma planetário que com o tempo irá afectar o destino do planeta. No karma de grupo as dívidas individuais não vão sendo apenas acumuladas e contabilizadas, mas o resultado é, eventualmente, aplicado ao grupo, país ou planeta. A aplicação desse karma de grupo determina o futuro do grupo ou país. Mas também se aplica ao indivíduo que reencarna, tanto dentro do grupo ou país, ou simultaneamente e interceptando mas não dentro, ou num ponto mais tardio no tempo.

"A acção torna-se acção correcta quando se transforma numa acção ao longo do Caminho, ao longo da Senda que conduz a Deus. Todas as outras sendas são becos sem saída ou ilusões, e a acção ao longo destes não é acção correcta. Assim a acção correcta promove a espiritualidade do indivíduo e o seu retorno. A acção que promove justiça, piedade, amor, sabedoria e os atributos que chamamos divinos ou espirituais é inevitavelmente acção correcta. O fruto da acção correcta é o objectivo desejado. Os frutos das acções ao longo de outros caminhos, são transitórios, ilusórios e falsos. Tais frutos são armadilhas enganadoras, não sendo o que realmente desejamos. Os frutos da acção correcta englobam todos os nossos objectivos, desejos e tudo o que necessitamos ou desejamos.

"A fama é um exemplo. Aquele que procura a fama como um fim em si mesmo pode atingi-la por algum tempo. Mas essa fama será temporária e não será gratificante. Se, no entanto, a fama vem sem ser convidada, como resultado de uma acção correcta, acção dentro do Caminho, essa fama perdurará e será apropriada.

Mas para a pessoa no Caminho, tal não terá importância. Esta é a diferença entre a fama procurada de forma egoísta, para o indivíduo, e a fama não procurada ou desejada, um subproduto da acção correcta. A primeira é ilusão e é passageira. A segunda é real e permanente, aderindo à alma. A primeira agrava o karma e deve ser saldada; a segunda, não."

Por vezes as mensagens surgem muito rápida e sucintamente. "O objectivo não é ganhar, mas abrir-se."

Depois, como se fosse de novo a sua vez, vem mais informação da fonte psicológica e as impressões curtas e incisivas como um relâmpago.

"Deus perdoa, mas tu também tens que ser perdoado pelas pessoas. . . e tens que perdoá-las. O perdão também é da tua responsabilidade. Deves perdoar e ser

perdoado. A psicanálise não repara os estragos. Assim, tens que ir para além do compreensível e efectuar mudanças, melhorar o mundo, reparar relações, perdoar os outros e aceitar o seu perdão. Ser activo na procura da virtude é de extrema importância. Não basta falar. Compreensão intelectual sem a aplicação do remédio não é suficiente. Expressar o teu amor é."

10

*Já aqui estive antes, Mas quando ou
como não sei dizer; Conheço a relva para lá da porta, O cheiro doce e
penetrante, O som sussurrante, as luzes junto à costa. Já antes foste
minha - Há quanto tempo, não sei dizer: Mas no momento em que ao
voo daquela andorinha O teu pescoço curvou assim, Algum véu caiu, -
soube tudo dos tempos antigos.*
DANTE GABRIEL ROSSETTI

Pedro entrou a meio de uma vida passada difícil. Por vezes as vidas mais difíceis oferecem as melhores oportunidades para aprender, para progredir mais rapidamente ao longo dos nossos caminhos. Por vezes, as vidas passadas relativamente fáceis oferecem menos oportunidades para o progresso. São tempos para repousar. Esta não era, definitivamente, uma vida fácil. De imediato, Pedro ficou irado cerrando com força os maxilares.

"Eles estão a obrigar-me a ir e eu não quero... eu não desejo aquele tipo de vida!"

"Aonde é que o obrigam a ir?" perguntei-lhe, procurando um esclarecimento.

"Para o sacerdócio, para ser um monge... eu não quero!" disse ele insistentemente. Permaneceu em silêncio durante um momento, ainda zangado. Então começou a explicar.

"Eu sou o filho mais novo. É suposto que o faça. Mas eu não quero deixá-la... Estamos apaixonados; se eu for, alguém que não eu ficará com ela... Não consigo suportar tal coisa. Antes morrer!"

Mas ele não morreu. Em vez disso, gradualmente, resignou-se ao inevitável. Tinha que se separar do seu amor. O seu coração estava destroçado, mas ele continuou a viver.

Anos passaram.

"Agora não é assim tão mau. A vida é pacífica. Sou muito dedicado ao abade e decidi ficar com ele..." Depois de mais silêncio, um reconhecimento.

"Ele é o meu irmão... o meu irmão. Eu sei que é ele. Somos muito próximos. Posso ver os seus olhos!"

Pedro tinha finalmente encontrado o irmão morto. Eu sabia que agora a sua dor começaria a sarar. De facto, os irmãos tinham estado juntos antes. E, como tal, poderiam estar juntos outra vez. Mais anos passaram. O abade envelheceu.

"Ele deixar-me-á em breve" predisse Pedro. "Mas estaremos juntos de novo, no Céu... Rezámos para isso." Pouco tempo depois o abade morreu e Pedro sofreu.

Rezou e meditou e a hora da sua morte aproximou-se. Tinha contraído uma tuberculose e tossia. Respirar era difícil. Os seus irmãos espirituais permaneceram à sua cabeceira.

Deixei-o passar rapidamente para o outro lado. Não era necessário voltar a sofrer.

"Aprendi sobre a ira e o perdão" começou ele, nem esperando que eu lhe perguntasse sobre as lições dessa vida.

"Aprendi que a ira é uma tolice. Corrói a alma. Os meus pais fizeram o que achavam que era melhor tanto para eles como para mim. Não entendiam a intensidade das minhas paixões nem que eu tinha o direito de determinar a orientação da minha vida e não eles. Tinham boas intenções, mas não compreendiam. Eles eram ignorantes... mas eu também fui ignorante. Também eu já dirigi as vidas de outros. Assim, como é que os posso julgar ou estar zangado com eles, se eu fiz o mesmo?

Mais uma vez ficou em silêncio, depois resumiu. "Esta é a razão por que o perdão é tão importante. Todos nós fizemos coisas pelas quais condenamos os demais. Se queremos ser perdoados, então temos de perdoar. Deus perdoa-nos. Também nós devemos perdoar." Ele ainda estava a rever as lições.

"Eu não teria conhecido o abade se tivesse seguido o meu caminho" concluiu. "Existe sempre compensação, graça, bondade, basta apenas procurarmos. Se eu tivesse permanecido zangado e amargo, se tivesse ficado ressentido com a minha vida, teria perdido o amor e a bondade que encontrei no mosteiro."

Havia ainda outras pequenas lições.

"Aprendi sobre o poder da oração e da meditação" acrescentou ele. Estava em silêncio mais uma vez e ponderava sobre as lições e implicações daquela vida santa.

"Talvez tenha sido melhor sacrificar o amor romântico" conjecturou, "pelo amor maior de Deus e dos meus irmãos."

Tanto eu como ele não estávamos seguros a este respeito. Muitas centenas de anos depois, na Alemanha, a alma de Pedro, em Magda, tinha escolhido um caminho muito diferente.

O passo seguinte na caminhada de Pedro em busca do ponto de encontro entre o amor espiritual e o romântico deu-se imediatamente depois da sua recordação do monge.

"Estou a ser puxado para uma outra vida" anunciou abruptamente. "Tenho que ir!"

"Deixe-se ir" incentivei-o. "O que é que está a acontecer?" Ele ficou em silêncio durante alguns minutos.

"Estou estendido no chão, gravemente ferido... Há soldados ao meu lado. Eles arrastaram-me sobre o chão e as rochas... estou a morrer!" arfou ele.

"Dói-me muito a cabeça e o lado do meu corpo" murmurou ele numa voz fraca. "Eles já não estão interessados em mim."

O resto da história deste pobre homem surgiu lentamente. Quando ele deixou de dar acordo os soldados partiram. Podia vê-los acima dele com os seus uniformes curtos de couro e botas. Não estavam contentes. Tinham apenas querido divertir-se e não matá-lo deliberadamente. Também não estavam tristes. Para eles estas

pessoas não valiam muito. No final de contas, tinha sido uma brincadeira pouco satisfatória.

A sua filha correu para ele, gritando e chorando, e suavemente colocou a sua cabeça no seu colo. Embalou-o ritmadamente, e ele podia sentir a vida a esvaír-se do seu corpo despedaçado. As costelas deviam estar partidas, porque cada vez que respirava sentia uma dor aguda. Sentia o sangue na boca.

Agora, as suas forças esvaíam-se rapidamente. Tentou falar com a filha, mas não conseguiu dizer uma palavra. Um estertor distante subia das profundezas do seu corpo.

"Eu amo-te, pai" ouviu-a dizer docemente. Estava demasiado fraco para responder. Amava muito esta filha. Iria sentir a falta dela para além do humanamente suportável.

Os seus olhos fecharam-se pela última vez e a incrível dor desapareceu. Mas de alguma forma ele ainda conseguia ver. Sentiu-se imensamente leve e livre. Deu por si a olhar para o seu corpo despedaçado, a cabeça e os ombros pousados, inertes, no colo da filha. Ela soluçava, sem qualquer consciência de que ele agora estava em paz e de que a dor tinha desaparecido. Ela concentrava-se apenas no corpo dele, um corpo que já não o continha, embalando-o para a frente e para trás.

Ele podia agora deixar a sua família, se o quisesse. Eles ficariam bem. Só teriam que se lembrar que também eles deixariam os seus corpos quando o seu tempo chegasse.

Tornou-se consciente da luz maravilhosa, mais bela e brilhante do que mil sóis. No entanto, podia olhar directamente para ela. Alguém dentro ou perto da luz lhe acenava. A sua avó! Ela parecia tão jovem, tão radiante, tão saudável. Desejou ir ter com ela e, no mesmo momento, estava com ela junto da luz.

"É bom ver-te de novo, meu filho" pensou ela, surgindo as palavras na consciência dele. "Já lá vai tanto tempo."

Ela abraçou-o com os seus braços de espírito e caminharam juntos para a luz.

A assombrosa história de Pedro absorveu-me por completo. Comovido pela sua dor ao deixar a filha, podia sentir a tristeza profunda nas suas palavras de despedida. No entanto, alegrei-me com o encontro com a sua avó.

Se eu não estivesse tão envolvido pelas emoções do momento, que também evocavam a memória trágica da morte do meu filho, talvez a minha mente tivesse estabelecido a ligação entre Pedro e Elisabeth.

Eu tinha ouvido antes as palavras da filha. Como Miriam, Elisabeth tinha-se baloiçado para trás e para a frente no chão ensanguentado, embalando o seu pai moribundo e tinha sussurrado o mesmo lamento. As histórias eram perfeitamente similares.

Naquele momento, para além da emoção que obscurecia a minha compreensão, tinham passado várias semanas e dúzias de doentes desde o relato de Elisabeth, o que atenuava ainda mais a minha consciência do facto.

A descoberta da forma como os seus destinos estavam entrelaçados ficaria adiada para um outro dia.

A minha mente recuou até à curta vida do meu filho mais velho, Adam. Penso que foi a vivacidade do desgosto da filha de Pedro, naquela vida antiga, que despoletou esta memória.

Eu e a Carole tínhamo-nos confortado nos braços um do outro depois daquele telefonema do médico do hospital logo pela manhã. A vida de Adam tinha terminado aos 23 dias. Uma notável cirurgia de coração aberto não o tinha podido salvar. Chorámos e consolámo-nos. Não havia mais nada que pudéssemos fazer naquele momento.

O nosso desgosto parecia esmagador, muito para além do que é física e mentalmente suportável. Até respirar se tornou difícil. Doía respirar fundo, o ar passava dificilmente, como se existisse um espartilho apertado à volta dos nossos peitos, um espartilho de dor, mas sem atilhos para desapertar.

Com o tempo, a intensidade lancinante da nossa tristeza foi-se embotando, mas o vazio nos nossos corações permaneceu. Tínhamos o Jordan e a Amy, crianças únicas e especiais, mas que não substituíam Adam.

A passagem do tempo ajudou. Como a ondulação num lago depois de uma pesada pedra perturbar a sua calma superfície, as ondas de dor dissiparam-se lentamente. Como as primeiras ondas que apertadamente cercam a pedra, tudo nas nossas vidas estava ligado a Adam.

Mas com o tempo, novas pessoas e experiências entraram nas nossas vidas. Eles não estavam tão directamente ligados a Adam e à nossa dor. As ondas atenuavam-se a afastavam-se. Mais novos acontecimentos, mais novas coisas, mais novos conhecimentos. Espaço para respirar. Já podíamos respirar fundo novamente. O sofrimento nunca se esquece, mas, à medida que o tempo passa, pode-se viver com ele.

Reencontrámos Adam novamente dez anos mais tarde em Miami. Ele falou connosco através de Catherine, a paciente descrita em *Muitas Vidas, Muitos Mestres*, e as nossas vidas nunca mais foram as mesmas. Depois de uma década de dor, começámos a compreender a imortalidade das almas.

11

Muitas vezes o homem vive e morre Entre as suas duas eternidades, A da raça e a da alma, E a velha Irlanda sabia-o bem Quer o homem morra no seu leito Ou uma bala o derrube, Uma breve separação dos entes queridos É o pior que tem a recear. Embora a labuta dos coveiros seja pesada, Afiadas as suas pás, fortes os seus músculos, Mais não fazem que devolver os homens que enterram, Mais uma vez à memória humana.
W B. YEATS

Elisabeth soluçava em silêncio sentada na já familiar cadeira reclinável. A sua maquilhagem arrastada pelas lágrimas, corria-lhe face abaixo. Dei-lhe um lenço de papel que ela passou distraidamente pelos olhos enquanto os rastos do negro *rímel* lhe traçavam o rosto até ao queixo.

Ela tinha acabado de relatar uma sua vida anterior como uma mulher irlandesa, uma vida que tinha decorrido pacificamente e com muita felicidade. No entanto, o forte contraste com a sua vida actual, com as suas perdas e desespero, magoava-a. Por isso ela chorava, apesar do final feliz. Eram lágrimas de tristeza e não de alegria.

A sessão daquele dia tinha começado com muito menos dramatismo. Elisabeth só recentemente tinha reunido a coragem e a autoconfiança para arriscar uma relação, desta vez com um homem mais velho que conhecera há pouco tempo. Inicialmente, Elisabeth sentiu-se atraída por ele devido ao facto de ele ter dinheiro e posição. Mas não havia uma atracção "química", pelo menos da sua parte. A sua cabeça pedia-lhe para assentar, para aceitar a segurança que ele lhe oferecia. Ele parecia gostar bastante dela e, afinal, que alternativas é que estavam ali para ela?

O coração de Elisabeth disse não. Não te deixes ir. Tu não o amas e sem amor o que é que existe?

O argumento do seu coração venceu por fim. Ele pressionava-a para aprofundar a relação, para ter relações sexuais, para estabelecer compromissos. Elisabeth decidiu terminar. Estava aliviada, triste por estar de novo só, mas não deprimida. Resumindo, ela estava a lidar com o fim desta relação de uma forma muito apropriada. E, no entanto, aqui estava ela, olhos vermelhos, nariz a correr e a pintura a desfazer-se cara abaixo.

Quando começámos o processo de regressão, Elisabeth caiu num transe profundo e, mais uma vez, a fiz recuar no tempo. Desta vez ela emergiu na Irlanda, há muitos séculos atrás.

"Sou muito bonita" comentou logo depois de se observar. "Tenho cabelo escuro e olhos azuis claros. Visto-me de forma muito simples e não uso pinturas ou jóias... como se estivesse a esconder-me. A minha pele é tão branca, como leite."

"A esconder-se de quê?" inquiri, seguindo a deixa.

Ela permaneceu em silêncio por alguns momentos procurando a resposta. "Do meu marido... sim, dele. Oh, ele é grosseiro! Bebe demasiado e torna-se violento. . E tão egoísta. .. eu amaldiçoo este casamento!"

"Por que o escolheu?" perguntei inocentemente.

"Eu não o escolhi... Nunca o escolheria. Foram os meus pais que o fizeram e agora estão mortos... Eles estão mortos, mas eu continuo a ter que viver com ele. Ele é tudo o que eu tenho agora", disse, com uma frágil tristeza que se juntava à raiva na sua voz.

"Têm filhos? Vive mais alguém consigo?" perguntei.

"Não." A sua raiva diminuía, mas a tristeza era agora mais evidente. "Eu não posso. Eu tive um... aborto. Houve uma grande hemorragia. . . e infecção. Dizem que não posso ter filhos... Ele também está zangado comigo por isso... ele culpa-me... por não lhe dar filhos. Como se o *quisesse!*" Ela estava de novo perturbada.

"Ele bate-me" acrescentou numa voz subitamente suave. "Ele bate-me como se eu fosse um cão. Eu odeio-o por isso." Parou de falar e formaram-se lágrimas nos cantos dos olhos.

"Ele bate-lhe?" ecoei.

"Sim" respondeu ela simplesmente.

Esperei por mais, mas ela estava relutante em pormenorizar. "Onde é que ele lhe bate?" insisti.

"Nas costas, braços, cara. Em todo o sítio." "Pode fazê-lo parar?"

"Por vezes. Costumava reagir e bater-lhe, mas assim ele magoava-me ainda mais. Ele bebe demasiado. O melhor que posso fazer é deixar que ele bata. Eventualmente, acaba por se cansar e parar. . . até à próxima vez."

"Olhe para ele com atenção" incitei-a. "Olhe para os olhos dele. Veja se o reconhece como alguém da sua vida actual."

Os olhos de Elisabeth estreitaram-se e franziu a testa como se estivesse a fazer um esforço para ver melhor, apesar de as suas pálpebras permanecerem fechadas.

"Eu conheço-o! É o George... é o George!"

"Ótimo. Está de volta a essa vida. Os espancamentos pararam."

Ela tinha reconhecido George, o banqueiro, com o qual tinha tido uma relação um ano e meio antes. Essa relação tinha terminado quando George se tinha tornado fisicamente violento.

Padrões como os maus tratos físicos podem persistir por muitas vidas, se não forem reconhecidos e quebrados. Num nível subconsciente, Elisabeth e George tinham-se lembrado um do outro. Mais uma vez se tinham encontrado e ele tinha tentado maltratá-la de novo. No entanto, Elisabeth aprendera uma importante lição ao longo dos séculos. Desta vez ela tinha a força e o respeito por si mesma para terminar a relação logo depois dos maus tratos começarem. Quando as origens nas vidas passadas são descobertas é ainda mais fácil romper com os padrões destrutivos.

Olhei para a Elisabeth. Ela estava silenciosa. Parecia tão triste e desiludida. Eu já tinha informação suficiente sobre o seu marido violento e decidi levá-la para a frente no tempo.

"Vou contar de três para um e tocar-lhe na testa" disse-lhe. "Quando o fizer, avance no tempo para o próximo acontecimento significativo dessa vida. Enquanto conto, concentre-se completamente nele. Veja o que lhe acontece."

Quando cheguei a um, ela começou a sorrir feliz. Fiquei contente de que existisse um pouco de luz naquela vida triste.

"Ele morreu, graças a Deus, e eu estou tão feliz" disse ela efusivamente. "Estou com um homem que amo. Ele é tão bom e meigo. Nunca me bate. Estamos felizes juntos." O seu sorriso de felicidade nunca se desvaneceu.

"Como é que o seu marido morreu?" inquirei.

"Numa taberna" respondeu, à medida que o seu sorriso desaparecia. "Foi morto numa rixa. Disseram-me que ele tinha sido esfaqueado no peito com uma faca comprida. Deve ter perfurado o coração. Disseram-me que havia sangue por todo o lado."

"Não estou triste por ele ter morrido" continuou. "De outra forma não teria conhecido o John. John é um homem maravilhoso." O seu sorriso radiante tinha voltado.

Mais uma vez a pressionei para avançar no tempo. "Avance no tempo" instruí, "e veja o que acontece a si e a John. Vá para o próximo acontecimento significativo nas vossas vidas."

Durante uns momentos ficou silenciosa, a examinar os anos. "Estou muito fraca. O meu coração está muito irregular" arquejou ela. "Não consigo recuperar o fôlego!" Ela tinha avançado até ao dia da sua morte.

"O John está perto de si?" perguntei.

"Oh, sim. Está sentado na cama a segurar a minha mão. Está muito preocupado, muito solícito. Sabe que me vai perder. Estamos tristes por isso, mas felizes por termos vivido tantos bons anos juntos." Fez uma pausa recordando a cena em que John estava

sentado na cama. Só a relação de Elisabeth com a mãe se tinha aproximado deste incrível nível de amor, alegria e intimidade que ela partilhava com John.

"Olhe atentamente para o John. Olhe para o seu rosto e olhos. Veja se o reconhece como sendo alguém da sua vida actual." Frequentemente, o reconhecimento ocorre de imediato com uma certeza absoluta, quando a pessoa olha para os olhos do outro. Os olhos podem realmente ser a janela da alma.

"Não" disse ela simplesmente. "Não o conheço."

Fez mais uma vez uma pausa e, então, disse alarmada.

"O meu coração está a ceder" declarou. "Está muito irregular. Sinto que tenho que deixar este corpo agora."

"Não faz mal. Deixe esse corpo. Diga-me o que acontece." Depois de alguns momentos ela começou a descrever os acontecimentos que seguiram a sua morte. O seu rosto estava em paz e a respiração calma.

"Estou a flutuar acima e ao lado do meu corpo, junto do canto do tecto. Posso ver o John sentado junto do meu corpo. Ficou ali sentado. Não se quer mexer dali. Agora ficará sozinho. Só nos tínhamos um ao outro."

"Então nunca tiveram filhos?" perguntei para esclarecer. "Não, eu não podia. Mas isso não era importante. Tínhamo-nos um ao outro e isso era suficiente para nós." Recaiu no silêncio. O seu rosto estava em paz, esboçando um sorriso.

"Isto é tão bonito. Tenho consciência de uma luz maravilhosa à minha volta. Ela atrai-me e eu quero segui-la. É uma luz linda. Restaura a nossa energia!"

"Siga-a" concordei.

"Estamos a viajar ao longo de um bonito vale com árvores e flores por todo o lado... Estou a aperceber-me de muitas coisas, muita informação, muito conhecimento. Mas não quero esquecer John. Eu devo recordar John e se aprender todas estas coisas poderei esquecê-lo e não quero isso!"

"Também se lembrará de John" afirmei, mas não tinha realmente a certeza. O que era esse outro conhecimento que estava a receber? Perguntei-lhe.

"É tudo acerca de tempos de vidas e energias, de como usamos as nossas vidas para aperfeiçoar as nossas energias, para que possamos passar para níveis mais elevados. Eles estão a falar-me sobre energia, sobre amor e de como estes são a mesma coisa... quando compreendemos o que o amor realmente é. Mas eu não quero esquecer John!"

"Eu lembro-lhe tudo sobre o John." "Ótimo."

"Há algo mais?"

"Não, é tudo por agora ..." Então ela acrescentou "Podemos aprender mais sobre o amor ao dar atenção às nossas intuições." Talvez este último comentário tivesse mais do que um nível de significado, especialmente para mim. Anos antes, os Mestres, falando através da Catherine, disseram-me no final das sessões com ela e das espantosas revelações: "O que te dizemos fica por aqui. Agora terás que aprender através da tua própria intuição." Não haveria mais revelações através da hipnose de Catherine. Elisabeth descansava. Também hoje não haveria mais revelações. Acordei-a e, logo que a sua mente se reorientou para o tempo presente, ela começou a chorar de mansinho.

"Por que está a chorar?" perguntei-lhe com carinho.

"Porque eu o amava tanto e acho que nunca mais amarei ninguém daquela forma. Nunca conheci nenhum homem que pudesse amar assim e que me amasse com a

mesma intensidade. E, sem esse amor, como é que a minha vida pode estar completa? Como é que eu poderei ser completamente feliz?"

"Nunca se sabe" objectei, mas sem muita convicção. "*Pode* conhecer alguém e mais uma vez apaixonar-se loucamente. Pode mesmo conhecer John outra vez, num outro corpo."

"Claro" disse ela côm algum sarcasmo. As suas lágrimas continuavam a cair. "Está aperras a tentar fazer-me sentir melhor. Tenho mais hipóteses de ganhar a lotaria do que encontrá-lo outra vez."

As probabilidades de acertar na lotaria, lembrei-me, eram de catorze milhões para um.

Em *Através do Tempo* descrevi o reencontro de Ariel e Anthony.

O reencontro com uma alma gémea após uma prolongada separação involuntária pode ser uma experiência por que vale a pena esperar - mesmo que essa espera seja de séculos.

Numa viagem pelo sudoeste, uma antiga paciente minha, Ariel, bióloga, encontrou um australiano chamado Anthony. Ambos eram indivíduos emocionalmente maduros, que já tinham sido casados, e rapidamente se apaixonaram e ficaram noivos. De volta a Miami, Ariel sugeriu que Anthony fizesse uma sessão de regressão comigo, só para saber se ele conseguia fazê-lo e "ver o que saía dali". Ambos estavam curiosos por saber se Ariel aparecia de alguma forma na regressão de Anthony.

Anthony acabou por mostrar ter capacidades de regressão soberbas. Quase instantaneamente regressou a uma movimentada vida no Norte de África, por volta do tempo de Aníbal, há mais de dois mil anos atrás. Nessa vida, Anthony tinha sido membro de uma civilização muito avançada. A tribo a que pertencia tinha a pele clara, e eles eram fundidores de ouro capazes de utilizar fogo líquido como arma, espalhando-o na superfície dos rios. Anthony era um jovem de vinte e tal anos, no meio de uma guerra de quarenta dias com uma tribo vizinha de pele mais escura, muito mais numerosa que os defensores.

Na realidade, a tribo de Anthony tinha treinado alguns membros da tribo inimiga na arte da guerra e um desses antigos alunos liderava o assalto. Cem mil homens da tribo inimiga, com espadas e machados, estavam a atravessar com cordas um largo rio, enquanto que Anthony e o seu povo espalhava fogo líquido no seu próprio rio, esperando que ele atingisse os atacantes antes que eles chegassem à margem.

Para proteger as mulheres e crianças, a tribo que se defendia colocou a maior parte deles em grandes barcos de velas cor de violeta no meio de um lago enorme. Neste grupo estava a jovem noiva de Anthony que devia ter dezassete ou dezoito anos. No entanto, subitamente, o fogo líquido ficou fora do controlo e os barcos começaram a arder. A maior parte das mulheres e crianças da tribo pereceram naquele trágico acidente, incluindo a noiva de Anthony que era a sua grande paixão.

Esta tragédia quebrou o moral dos guerreiros que rapidamente foram derrotados. Anthony foi um dos poucos que escapou à chacina depois de brutais combates corpo a corpo. Eventualmente, acabou por escapar por uma passagem secreta que levava até uma série de salas por baixo do grande templo onde a tribo guardava os seus tesouros.

Ali, Anthony encontrou mais um sobrevivente, o seu rei. Este ordenou-lhe que o matasse e Anthony, leal soldado, fê-lo contra a sua vontade. Após a morte

do rei, Anthony ficou completamente só no templo escuro, onde passou o seu tempo a escrever a história do seu povo em folhas de ouro, que em seguida selou em grandes urnas ou vasos. Foi ali que acabou por morrer de fome e desgosto pela perda da sua noiva e do seu povo.

Havia ainda mais um pormenor. A sua noiva, naquela vida, tinha reencarnado como Ariel na vida actual. Os dois juntos de novo como amantes, dois mil anos depois. Finalmente, o casamento há muito adiado ia ter lugar.

Anthony e Ariel tinham estado separados apenas por uma hora quando ele saiu do meu gabinete. Mas a exuberância do seu encontro era tal que parecia que não se viam há dois mil anos. Anthony e Ariel casaram recentemente. O encontro súbito, intenso e, aparentemente, ocasional tem para eles um novo significado e a relação já tão apaixonada de ambos está agora imbuída de uma sensação de aventura contínua.

Anthony e Ariel planeiam ir ao Norte de África para tentar encontrar o local da sua vida passada em comum e para ver que outros detalhes podem descobrir. Sabem que o que quer que encontrem apenas poderá aumentar a exaltação mútua.

12

*Embora possa não ser um rei na minha vida
futura, tanto melhor: nem por isso deixarei
de viver uma vida activa e, acima de tudo,
colherei menos ingratidão.*
FREDERICO, O GRANDE

Ele transpirava abundantemente, pela segunda vez, apesar do forte ar-condicionado no meu gabinete. O suor corria-lhe pelo rosto, ensopava-lhe a camisa, deslizava pelo pescoço abaixo. Um momento antes, agitava-se com arrepios e o seu corpo tremia. Mas a malária podia provocar aquilo, alternando um frio de gelar os ossos e um calor impiedoso. Francisco estava a morrer desta terrível doença, só e a milhares de quilómetros de distância dos seus entes queridos. Era uma forma terrível e dolorosa de morrer.

Pedro tinha iniciado esta consulta deslizando para um profundo e relaxado estado de transe hipnótico. Tinha rapidamente recuado no tempo e no espaço para uma vida passada e, imediatamente, começara a suar. Tentei secar-lhe a testa com lenços de papel, mas era como tentar parar uma cheia com as mãos. O suor continuava a correr. Esperava que o desconforto físico causado pelo suor torrencial não afectasse a profundidade e intensidade do seu estado de transe.

"Sou um homem... de cabelo preto e pele bronzeada" arfou por entre v suor. "Estou a descarregar um grande navio de madeira...

a carga é *pesada*... Aqui faz um calor de rachar... Vejo palmeiras e frágeis estruturas de madeira ao pé... Sou um marinheiro... Estamos no Novo Mundo."

"Sabe o nome?" inquiri.

"Francisco... o meu nome é Francisco. Sou um marinheiro." Eu estava a referir-me ao nome do local, mas ele tornara-se consciente do seu nome naquela vida.

"Sabe o nome desse local?" perguntei de novo.

Fez uma pausa, por momentos, ainda suando profusamente. "Não vejo isso" respondeu. "Um desses malditos portos... Aqui há ouro. Na selva... algures nas montanhas distantes. Havemos de encontrá-lo... Posso ficar com algum do que encontrarmos... Maldito lugar!"

"De onde é que veio?" perguntei, procurando mais pormenores. "Sabe onde fica a sua casa?"

"No outro lado do oceano" respondeu ele pacientemente. "Em Espanha... foi de onde viemos." Naquele plural ele incluía os seus companheiros marinheiros que descarregavam a carga do navio sob um sol escaldante.

"Tem família em Espanha?" inquiri.

"A minha mulher e o meu filho estão lá... Sinto a sua falta, mas eles estão bem... especialmente devido ao ouro que lhes envio. A minha mãe e irmãs também lá estão. Não é uma vida fácil... Tenho muitas saudades deles."

Queria saber mais sobre a sua família.

"Vou fazê-lo regredir no tempo" disse-lhe, "de volta à sua família em Espanha, para a última vez em que estiveram juntos, antes de iniciar esta viagem para o Novo Mundo. Vou bater levemente na sua testa e contar de três para um. Quando chegar a um estará em Espanha com a sua família. Poderá lembrar-se de tudo.

"Três... dois... um. Já lá está!"

Os olhos de Pedro moviam-se debaixo das pálpebras fechadas à medida que ele examinava a cena.

"Posso ver a minha mulher e o meu filho pequeno. Estamos sentados para comer... Vejo a mesa e as cadeiras de madeira... A minha mãe também está lá" observou.

"Olhe para a cara deles, para os seus olhos" instruí. "Veja se os reconhece como sendo alguém da sua vida actual." Estava preocupado com a possibilidade de que a deslocação entre vidas pudesse desorientar Pedro e o fizesse deixar totalmente o tempo do Francisco. Mas ele lidava bem com isso.

"Reconheço o meu filho. É o meu irmão... Oh sim, ele é Juan... como é belo!" Ele tinha já encontrado o irmão anteriormente no corpo do abade, quando Pedro era um monge. Apesar de nunca se terem encontrado como amantes, Juan era uma alma gémea constante. A ligação entre as suas almas era maravilhosamente próxima.

Ele ignorou a mãe, concentrando-se completamente na sua jovem esposa.

"Amamo-nos profundamente" comentou. "Mas não a reconheço desta vida. O nosso amor é muito forte."

Permaneceu em silêncio por algum tempo, apreciando a memória da sua jovem esposa e do profundo amor que haviam partilhado há quatrocentos ou quinhentos anos atrás numa Espanha tão diferente da actual.

Iria alguma vez Pedro experimentar este tipo de amor? Teria a alma da esposa de Francisco viajado através dos séculos até hoje e, se assim fosse, encontrar-se-iam?

Levei Francisco de novo para o Novo Mundo em busca de ouro. "Regresse ao porto" instruí, "onde esteve a descarregar o navio. Agora avance no tempo até ao próximo acontecimento significativo na vida desse marinheiro. Vou contar de

três para um e bater levemente na testa. Nessa altura concentre-se nesse acontecimento - o próximo acontecimento significativo."

"Três... dois... um. Está lá." Francisco começou a tremer.

"Tenho tanto frio" queixou-se. "Mas *sei* que aquela febre infernal vai voltar!" Como prevera, momentos depois a forte exsudação começou outra vez.

"Raios!" praguejou. "Isto vai matar-me, esta doença... e os outros deixaram-me para trás... Eles sabem que eu não posso aguentar... Sabem que já não há esperança para mim... Estou condenado neste lugar esquecido por Deus. E nem sequer encontrámos os montes de ouro que juram existir."

"Sobrevive a essa doença?" perguntei suavemente.

Ele ficou silencioso e esperámos. "Eu morri disto. Nunca mais saí da selva... a febre matou-me e nunca mais verei a minha família. Eles ficarão muito desgostosos... O meu filho é tão jovem." O suor na cara de Pedro misturava-se agora com as lágrimas. Estava a sofrer com a sua morte prematura, sozinho, numa terra desconhecida, de uma doença estranha que nenhuma habilidade de marinheiro poderia derrotar.

Fi-lo desligar-se do corpo de Francisco e ele flutuou num estado de calma e tranquilidade, liberto da febre e da dor, para além da desgosto e sofrimento. O seu rosto estava em paz e descontraído, e eu deixei-o descansar.

Analisei este padrão de perdas nas anteriores vidas de Pedro. Tantas separações dos seus entes queridos. Tanto sofrimento. A medida que ele ia traçando o seu caminho através das incertas e nebulosas brumas do tempo iria ele ser capaz de os encontrar de novo? Encontrá-los-ia a todos?

As vidas de Pedro continham muitos padrões, não apenas perdas. Nesta regressão, ele recordou ser um espanhol, mas ele também tinha sido um soldado inglês, morto pelo inimigo espanhol aquando da invasão da fortaleza. Tinha recordado ser homem e recordara ser mulher. Tinha vivido como guerreiro e como padre. Tinha perdido pessoas e tinha-as encontrado.

Depois de ter morrido como monge, rodeado pela sua família espiritual, Pedro reviu as lições daquela vida.

"O perdão é tão importante" disse-me. "Todos nós fizemos aquelas coisas pelas quais condenamos os outros... Temos que os perdoar." As suas vidas ilustravam a sua mensagem. Ele tinha de aprender de todos os lados para verdadeiramente compreender. Todos nós temos. Mudamos de religião, raça, nacionalidade. Experimentamos vidas de extrema riqueza e de abjecta pobreza, de doença e de saúde. Temos de aprender a rejeitar todo o preconceito e ódio. Aqueles que não o fizerem, simplesmente trocarão de lugar, voltando nos corpos dos seus inimigos.

Eric Clapton, na sua canção "Tears in Heaven", pergunta se o seu jovem filho, que morreu tragicamente num acidente, saberia o seu nome se se encontrassem no Céu. Esta pergunta é universal e eterna. Como reconheceremos os que amámos? Se e quando nos encontrarmos de novo, no Céu ou na Terra, mais uma vez em corpos físicos, reconhecê-los-emos, reconhecer-nos-ão?

Muitos dos meus doentes parecem simplesmente saber. Quando estão numa vida passada olham para os olhos de uma alma gémea, e "sabem". No Céu ou na Terra, sentem uma vibração ou uma energia, passando-se o mesmo com os seus entes queridos. Vislumbram a personalidade mais profunda, e surge um conhecimento interior - um conhecimento que provém do coração. Surge uma conexão.

Como são os olhos do coração que frequentemente vêm em primeiro lugar, as simples palavras não podem transmitir a certeza do reconhecimento da alma. Não existe dúvida ou confusão. Mesmo sendo o corpo muito diferente do actual, a alma é a mesma. A alma é reconhecida e o reconhecimento é absoluto, para além de qualquer dúvida.

Por vezes o reconhecimento de uma alma pode ter origem na mente e pode ocorrer mesmo antes do coração "ver". Este tipo de reconhecimento ocorre com frequência em bebés ou crianças pequenas. Exibem um certo maneirismo físico ou um comportamento único, dizem uma palavra ou uma frase, e os pais ou avós amados são instantaneamente reconhecidos. Podem ter uma cicatriz ou sinal congénito idêntico ao do ser amado, ou talvez apenas segurem na mão ou olhem para si daquela maneira especial. Você saberá.

No Céu não existem sinais de nascença. Como a canção pergunta, será que o filho de Eric Clapton o ajudará no Céu? Dará a mão a Eric? Ajudá-lo-á a levantar-se?

No Céu, onde os corpos físicos não são necessários, o reconhecimento da alma pode ocorrer através de um conhecimento interior, da percepção da energia especial do ente querido, da sua luz ou vibração. Senti-lo-á, no coração. Aí existe uma profunda sabedoria intuitiva, e o reconhecimento é total e imediato. Eles podem mesmo ajudar nesse reconhecimento assumindo a forma do corpo que possuíram na sua última encarnação consigo. Você vê-los-á como os viu na Terra, frequentemente mais jovens e saudáveis. Clapton conclui que encontrará paz para lá das portas do Céu. Quer seja para lá das portas do Céu, para lá da porta que permite recordar vidas passadas juntos, ou para lá da porta que leva a vidas futuras com os seus entes queridos, nunca estará só. Eles saberão o seu nome. Dar-lhe-ão a mão. Trarão paz e alegria ao seu coração. Vezes sem conta, os meus doentes, quando profundamente hipnotizados, dizem-me que a morte não é um acidente. Quando bebés e crianças pequenas morrem, é-nos dada a oportunidade de aprender importantes lições. Eles são nossos professores, ensinando-nos acerca de valores, de prioridades e, acima de tudo, de amor. Com frequência, as lições mais importantes são as que advêm dos tempos mais difíceis.

13

O nosso nascimento não é mais que um sono
e um esquecimento;
A Alma que nasce connosco, a estrela da nossa vida,
Teve o seu ocaso noutro lugar,
E vem de longe,
Não em puro esquecimento
Nem em extrema nudez,
Mas arrastando nuvens de glória viemos
De Deus que é a nossa Casa.
O Céu estende-se à nossa volta na nossa infância!
WILLIAM WORDSWORTH

Apesar do seu sucesso a recordar vidas passadas, Elisabeth ainda continuava a sofrer. Intelectualmente, tinha começado a aceitar o conceito de continuidade da alma e da recorrência da consciência em corpos físicos subsequentes. Tinha vivido o encontro de almas gémeas ao longo dessas viagens. Mas as memórias não tinham

trazido a sua mãe de volta. Não fisicamente. Ela não podia abraçá-la ou falar com ela. Tinha imensas saudades.

Quando Elisabeth entrou no gabinete para a sessão de hoje, decidi experimentar algo diferente, algo que tinha feito com vários graus de sucesso com outros pacientes. Como de costume, iria ajudá-la a atingir um estado profundo de relaxamento. Iria, então, guiá-la na visualização de um bonito jardim, fazê-la caminhar para o jardim e descansar. Enquanto descansava, iria sugerir que um visitante se viria juntar a ela no jardim e que Elisabeth poderia comunicar com ele através de pensamentos, voz, visão, sentimentos ou qualquer outra forma.

Tudo o que Elisabeth experimentasse a partir deste ponto, viria da sua mente e não das minhas sugestões.

Ela afundou-se na familiar cadeira reclinável de couro e rapidamente entrou num tranquilo estado hipnótico. Contei para trás, de dez para um, aprofundando ainda mais aquele estado. Ela imaginou-se a descer uma escada em espiral. Quando chegou ao fundo das escadas pôde visualizar o jardim à sua frente. Caminhou para o jardim e encontrou um local para descansar. Falei-lhe acerca do visitante, e esperámos.

Pouco tempo depois, ela apercebeu-se de que uma luz maravilhosa se aproximava. No gabinete silencioso, Elisabeth começou a chorar suavemente.

"Por que está a chorar?" questionei.

"É a minha mãe... Posso vê-la na luz. Ela está tão bonita, tão jovem.

Agora falando directamente para a mãe, acrescentou "É tão bom ver-te." Elisabeth sorria e chorava ao mesmo tempo.

"Pode falar com ela; pode comunicar com ela" lembrei Elisabeth. A partir deste ponto não disse mais nada, uma vez que não queria interferir com o reencontro. Elisabeth não estava a recordar uma memória ou a viver algum acontecimento que já tivesse ocorrido. Esta experiência estava a ocorrer agora.

O encontro com a mãe estava a ter lugar vívida e emocionalmente na mente de Elisabeth. O facto de tal reencontro existir de uma forma tão intensa na sua mente conferia um grau considerável de realidade à sua experiência. O potencial para a ajudar a curar o seu desgosto estava agora presente.

Permanecemos sentados em silêncio por alguns minutos, um silêncio por vezes pontuado por suspiros. As vezes, podia ver uma lágrima a rolar pelo rosto de Elisabeth. Ela sorria com frequência. Finalmente, começou a falar.

"Ela já se foi embora", disse muito calmamente. "Tinha que ir mas voltará." Elisabeth permaneceu profundamente relaxada mantendo os olhos fechados enquanto conversávamos.

"Ela comunicou consigo?" perguntei.

"Sim, ela contou-me muitas coisas. Disse-me para confiar em mim. Disse 'Confia em ti própria. Ensinei-te tudo o que precisas de saber!'" "O que é que isso significa para si?"

"Que eu devo acreditar nos meus sentimentos e não deixar que os outros me influenciem o tempo todo... especialmente os homens" respondeu com ênfase.

"Disse que os homens se têm aproveitado de mim porque eu não acredito o bastante em mim mesma, e porque deixo que o façam. Dei-lhes demasiado poder tirando-o de mim ao mesmo tempo. Tenho que parar de o fazer.

"'Somos todos iguais' disse-me ela. As almas não são masculinas ou femininas. Tu és tão bonita e poderosa como qualquer outra alma do Universo. Não te esqueças disso; não te distraias com as suas formas físicas.' Foi isto que ela me disse."

"Disse mais alguma coisa?"

"Sim, há mais" respondeu, mas sem pormenorizar. "O quê?" perguntei.

"Que ela me ama muito" acrescentou de forma delicada. "Que ela está bem. Está a ajudar muitas almas do outro lado... Estará sempre presente para mim... Havia ainda outra coisa."

"O quê?"

"Para ser paciente. Alguma coisa acontecerá em breve, alguma coisa importante. E eu devo confiar em mim mesma."

"O que é que vai acontecer?"

"Não sei" respondeu suavemente. "Mas quando acontecer confiarei em mim mesma" acrescentou com uma convicção que nunca tinha ouvido antes na sua voz.

Sentado na sala verde do programa de televisão "Donahue", testemunhei uma cena espantosamente surrealista. Ali estava Jenny Cockell, uma mulher de quarenta e um anos, inglesa, sentada junto do seu filho, Sonny, de setenta e cinco anos, e da sua filha, Phyllis, que na altura tinha sessenta e nove anos. A história deles era bem melhor e mais convincente que a de Bridey Murphy, um famoso caso de reencarnação, ponto de referência na época.

Desde muito cedo, na sua infância, Jenny sabia que numa vida passada recente havia morrido subitamente deixando os seus oito filhos virtualmente órfãos. Ela conhecia factos detalhados sobre as suas vidas, no início do século vinte, na Irlanda rural. O seu nome, naquela vida, era Mary.

A família de Jenny não a contrariou, mas não dispunham de fundos nem de interesse suficiente para investigar as fantásticas histórias da criança sobre uma sua outra vida de pobreza e tragédia na Irlanda há décadas atrás. Jenny cresceu sem saber se as suas vívidas recordações eram reais ou não..

Finalmente, Jenny teve os recursos para começar a sua investigação. Encontrou cinco dos oito filhos de Mary Sutton, uma irlandesa que morreu em 1932, devido a complicações depois do nascimento do seu oitavo filho. Os filhos de Mary Sutton confirmaram muitas das incrivelmente pormenorizadas memórias de Jenny. E pareciam convencidos de que Jenny era Mary a sua "falecida" mãe.

E ali estava eu a assistir àquela reunião, na sala verde do programa de Donahue.

A minha mente divagou e recordei a sequência inicial do velho programa de televisão "Ben Casey". Era uma série sobre médicos que ia para o ar nos finais dos anos cinquenta ou início dos sessenta. A minha mãe, de uma forma subtil, encorajava-me a ver este programa, influenciando-me implacavelmente a escolher a medicina como carreira.

O programa "Ben Casey" começava sempre com símbolos universais, e o já idoso neurocirurgião, mentor do jovem Dr. Ben Casey, entoava "Homem... Mulher... Nascimento... Morte... Infinito." Ou algo de parecido. Mistérios universais, enigmas indecifráveis. Sentado na sala verde, prestes a participar no "Donahue" na minha qualidade de perito em memórias de vidas passadas, eu estava a *conseguir* as respostas que tinham escapado ao jovem Ben Casey e a todos os outros.

Homem? Mulher? No decurso das nossas vidas mudamos de sexo, religião e raça de forma a aprender de todos os ângulos e pontos de vista. Estamos todos na escola. Nascimento? Se nunca morremos realmente, então não nascemos realmente. Somos todos imortais, divinos e indestrutíveis. A morte não é mais do que atravessar uma porta para um outro quarto. Continuamos a voltar por forma a aprender determinadas lições, ou características, como amor... perdão... compreensão... paciência... discernimento... não-violência... Temos que desaprender outras características como medo... raiva... ganância... ódio... orgulho... ego... que são resultado de velhos condicionamentos. Só então podemos formar-nos e deixar esta escola. Temos todo o tempo do mundo para aprender e desaprender. Somos imortais; somos infinitos; temos a natureza de Deus.

Enquanto olhava Jenny e os seus idosos filhos, mais coisas ainda me ocorriam.

"Aquilo que um homem planta é aquilo que um homem colhe." O conceito de karma é definido virtualmente palavra por palavra em todas as grandes religiões. É uma sabedoria antiga. Somos responsáveis por nós mesmos, pelos outros, pela comunidade, e pelo planeta.

Impulsionada pela sua necessidade de cuidar dos filhos e protegê-los, Jenny tinha sido atraída mais uma vez até eles. Nunca perdemos os que amamos. Continuamos a voltar, unidos e reunidos de novo. Que poderosa energia unificadora é o amor.

14

A minha doutrina é:

*Vive de forma a que o teu maior desejo
seja viver outra vez - esse é o teu dever – pois,
quer queiras quer não, viverás novamente!*
NIETZSCHE

Existem muitas vias, ou técnicas, para ajudar um paciente a relembrar vidas passadas através da hipnose. Uma dessas vias é uma porta. Com frequência ponho os pacientes em transe hipnótico profundo e faço-os atravessar uma porta que eles escolhem, uma porta para uma vida passada. "Imagine-se num bonito corredor ou átrio, com grandes e magníficas portas ao fundo e de cada lado. Estas são portas para o seu passado, e mesmo para as suas vidas passadas. Podem conduzi-lo a experiências espirituais. Enquanto eu conto de cinco para um, uma dessas portas abrir-se-á, uma porta para o passado. Esta porta puxá-lo-á. Atraí-lo-á. Vá para a porta.

"Cinco. A porta está a abrir-se. Esta porta ajudá-lo-á a compreender quaisquer bloqueios ou obstáculos para a alegria e felicidade na sua vida actual. Vá para a porta.

"Quatro. Está na porta. Vê do outro lado uma luz linda. Atravesse a porta em direcção à luz.

"Três. Atravesse a luz. Está noutro tempo e noutro lugar. "Não se preocupe com o que é fantasia, imaginação, memória presente, símbolo, metáfora, ou qualquer combinação de tudo isto. E a experiência que conta. Viva tudo o que surgir na sua mente.

Tente não pensar, julgar ou criticar. Viva apenas. O que quer que seja que venha à consciência, está bem. Pode analisar depois. "Dois. Está quase lá, quase a

atravessar a luz. Quando eu disser 'um' estará lá e juntar-se-á à pessoa ou à cena que está do outro lado da luz. Concentre-se quando eu disser 'um'.

"Um! Já lá está. Olhe para os pés e veja que tipo de sapatos está a usar. Olhe para as roupas, pele, mãos. São as mesmas ou estão diferentes? Preste atenção aos pormenores."

A porta é apenas uma das muitas vias para o passado. Todas levam para o mesmo local, para uma vida passada ou experiência espiritual que é importante para a situação actual desta vida. Elevadores que regridem no tempo; uma estrada, um caminho ou mesmo uma ponte que atravessa a névoa do tempo; atravessar um riacho, regato, curso de água ou um pequeno rio para a outra margem, para uma outra vida; uma máquina do tempo, com o doente no painel de controlo - estes são apenas algumas imagens dos inumeráveis caminhos ou pontes para o passado. Com o Pedro utilizei a imagem das portas.

Quando ele tentou olhar para os seus pés depois de emergir da luz, encontrou-se em vez disso a olhar para uma grande máscara de pedra de um deus.

"Ele tem um nariz comprido e dentes grandes e curvos. A boca. . . os lábios... são estranhos, muito grandes e largos. Os olhos são redondos e muito encovados e afastados. Tem um olhar muito mau... Os deuses podem ser cruéis."

"Como sabe que é um Deus?" "É muito poderoso."

"Há muitos deuses ou ele é o único?"

"Há muitos, mas ele é o mais poderoso... Ele controla a chuva. Sem chuva não poderíamos cultivar alimentos" explicou Pedro simplesmente.

"Está ali? Pode saber quem é?" inquiri.

"Estou ali. Sou uma espécie de padre. Tenho conhecimentos sobre os céus, o sol, a lua e as estrelas. Ajudo a fazer os calendários."

"Onde é que faz esse trabalho?"

"Num edifício feito de pedra. Tem escadas que o rodeiam e pequenas janelas através das quais observamos e medimos. É muito complicado, mas sou bom nisto. Eles confiam em mim para as medidas... Sei quando os eclipses ocorrem."

"Parece que é uma civilização muito voltada para a ciência" comentei.

"Apenas nalguns aspectos, na astronomia e na arquitectura. O resto é retrógrado, muito baseado na superstição" esclareceu. "Há outros padres e respectivos apoiantes que só estão interessados no poder. Usam a superstição e o medo para iludir o povo e manter o seu poder. São apoiados por nobres que ajudam a controlar os guerreiros. É uma aliança para manter o poder nas mãos de uns poucos."

O tempo e a cultura que Pedro descrevia podia ser antiga, mas técnicas de controlo e alianças políticas formadas para ganhar e manter o poder são eternas. As ambições dos homens parecem nunca mudar.

"Como é que usam a superstição para iludir o povo?" "Culpam os deuses por acontecimentos naturais. Então culpam o povo por enfurecer ou desagradar aos deuses... assim as pessoas tomam-se responsáveis pelos eventos naturais, como cheias, secas, terramotos ou erupções vulcânicas. Quando o povo não tem qualquer culpa... nem os deuses... São eventos naturais e não acções de retaliação de deuses zangados... mas o povo não o sabe. As pessoas permanecem ignorantes e receosas -

têm receio pois sentem-se responsáveis por tais calamidades." Pedro fez uma pausa por alguns minutos e então continuou.

"É um erro responsabilizarmos os deuses pelos nossos problemas e calamidades. Tal dá aos padres e nobres demasiado poder... Nós sabemos mais dos eventos naturais que o povo. Em geral, sabemos quando começam e quando terminam. Compreendemos os ciclos. Um eclipse é um acontecimento natural que pode ser calculado e previsto. Não é um acto de raiva e punição dos deuses... mas é isto que eles dizem ao povo." Pedro falava rapidamente; palavras e conceitos brotavam dele sem eu ter de o instigar.

"Os padres consideram-se a si mesmos como os interlocutores dos deuses. Dizem ao povo que são os únicos intermediários, que sabem o que os deuses querem. Eu sei que isso não é verdade... sou um dos padres." Pensou em silêncio durante alguns momentos. "Continue" sugeri.

"Os padres desenvolveram um elaborado e cruel sistema de sacrifícios para apaziguar os deuses." A sua voz baixou a um sussurro. "Até mesmo sacrifícios humanos."

"Humanos?" ecoei.

"Sim" murmurou ele. "Eles não têm que os fazer muitas vezes, pois tal incute muito medo no povo. Existem rituais de afogamento e rituais de matança... Como se os deuses necessitassem de sangue humano!" A voz de Pedro subia à medida que a raiva se apoderava dele. "Eles manipulam as pessoas com rituais de medo. Até escolhem quem vai ser sacrificado. Isto confere-lhes tanto poder quanto o dos deuses. Escolhem quem vai viver e quem vai morrer."

"Tem que participar nos rituais de sacrifício?" perguntei-lhe cuidadosamente.

"Não" respondeu. "Eu não acredito neles. Eles deixam-me entregue às minhas observações e cálculos."

"Eu nem sequer acredito na existência desses deuses" sussurrou num tom confidencial.

"Não?"

"Não. Como é que os deuses podem ser tão mesquinhos e insensatos quanto as pessoas? Quando observo o céu e a maravilhosa harmonia entre o sol e a lua, os planetas e estrelas... como é que tal inteligência, tal sabedoria pode ser mesquinha e insensata ao mesmo tempo? Não faz sentido. Damos a esses ditos deuses as nossas características. Medo, raiva, inveja, ódio - são nossas e projectamo-las nos deuses. Eu acredito que o verdadeiro deus está para além das emoções humanas. O verdadeiro deus não necessita dos nossos rituais e sacrifícios."

Esta antiga reencarnação de Pedro possuía uma grande sabedoria. Falava facilmente, mesmo de assuntos tabu, e como não parecia cansado decidi continuar.

"Chega alguma vez a tornar-se mais influente como padre?" perguntei. "Ganha mais poder nessa vida?"

"Não" respondeu. "Eu não governaria assim se tivesse poder. Educaria as pessoas. Deixá-las-ia aprender por elas mesmas. Acabaria com os sacrifícios."

"Mas os padres e nobres poderiam perder o poder" objectei. "E se as pessoas deixassem de os ouvir?"

"Não deixarão" disse. "O verdadeiro poder vem do conhecimento. A verdadeira sabedoria é saber aplicar esse conhecimento de uma forma solícita e

benevolente. O povo é ignorante, mas tal pode mudar. Eles não são estúpidos." O padre estava a ensinar-me política espiritual e eu podia sentir a verdade nas suas palavras. "Continue" pedi, após outro período de silêncio.

"Não há mais" respondeu. "Deixei aquele corpo e estou a descansar."

Isto surpreendeu-me. Eu não lhe tinha dito para sair do corpo. Não tínhamos vivido uma cena de morte e não existia nenhum acontecimento chocante ou traumático que o pudesse ter deslocado espontaneamente do corpo. Lembrei-me que ele tinha entrado naquela vida de uma forma pouco usual, confrontado com a enorme face de pedra do deus da chuva.

Talvez não houvesse nada mais a ganhar com o exame daquela vida, e a mente superior de Pedro sabia-o bem. E por isso ele saiu. Teria sido um líder fabuloso!

Em Novembro de 1992, a Igreja ilibou Galileu da culpa da sua "heresia abominável", em que sustentava que a Terra não era o centro do Universo, mas que na realidade girava à volta do Sol. A investigação que absolveu Galileu começou em 1980 e durou doze anos e meio. O trabalho da Inquisição, em 1633, foi finalmente desfeito trezentos e cinquenta e nove anos depois. Infelizmente, a estreiteza de espírito é muitas vezes ultrapassada ainda mais lentamente.

Todas as instituições parecem ter falta de visão. Indivíduos que nunca põem em causa as suas presunções e sistemas de crenças são igualmente estreitos de espírito. Como podem eles assimilar novas informações e novos conhecimento quando as suas mentes estão vendadas por crenças e velhos conceitos não comprovados?

Há anos atrás, num estado de transe profundo, Catherine disse-me "A nossa tarefa agora é a de aprendermos, a de nos tornarmos semelhantes a Deus através do conhecimento. Sabemos tão pouco... Pelo conhecimento aproximamo-nos de Deus para depois podermos descansar. Em seguida regressamos para ensinar e ajudar os outros."

O conhecimento só pode fluir para mentes abertas.

15

*Sei que sou imortal.
Sem dúvida já antes morri dez mil vezes.
Rio-me do que chamam devassidão,
e conheço a amplitude do tempo.*
WALT WHITMAN

Os sonhos têm muitas funções. Ajudam a processar e a integrar os acontecimentos do dia. Fornecem pistas, frequentemente na forma de símbolos ou metáforas, que contribuem para a resolução dos problemas quotidianos - relações, medos, trabalho, emoções, doenças e muito mais. Podem ajudar-nos a alcançar os nossos desejos e objectivos, se não fisicamente, pelo menos através da realização de fantasias. Ajudam-nos a analisar acontecimentos passados, lembrando-nos do seu paralelismo no presente. Protegem o sono disfarçando estímulos como a ansiedade que, de outra forma, nos acordariam. Os sonhos também têm funções mais profundas. Podem fornecer pistas para recuperar memórias reprimidas ou

perdidas, tanto da infância e do período intra-uterino como de vidas passadas. Fragmentos de vidas passadas emergem muitas vezes durante o estado de sonho, particularmente naqueles em que quem sonha vê cenas decorridas anos ou séculos antes do seu nascimento.

Os sonhos podem ser psíquicos ou precógnitos. Frequentemente, estes sonhos específicos podem prever o futuro. A sua exactidão varia, pois o futuro parece ser um sistema de probabilidades e inevitabilidades, e ainda porque a capacidade das pessoas para interpretar com precisão os próprios sonhos varia tremendamente. Estes sonhos psíquicos ou precógnitos são experimentados por muitas pessoas de todas as culturas e estratos sociais. No entanto, muitas delas ficam chocadas quando os seus sonhos, literalmente, se tornam realidade.

Um outro tipo de sonho psíquico ocorre quando é experimentada uma comunicação com uma pessoa distante. A pessoa pode estar viva e geograficamente distante, ou a comunicação pode dar-se com a alma ou a consciência de alguém que morreu, tal como um parente ou um amigo querido. De igual forma pode haver comunicação com um espírito angélico, um professor ou um guia. As mensagens nestes sonhos são, em geral, muito importantes e genuinamente comoventes.

Também ocorrem sonhos de "viagem", nos quais as pessoas têm a experiência de visitar locais em que nunca estiveram fisicamente. Os pormenores daquilo que vêem podem ser confirmados mais tarde. Quando a pessoa visita, na realidade, o local geográfico, mesmo que seja meses ou anos depois do sonho, pode ter a sensação de *déjà vu* ou de familiaridade.

Por vezes, o viajante vai a locais que parecem não existir neste planeta. Estes sonhos podem ser muito mais do que imaginação nocturna. Podem ser experiências místicas ou espirituais a que se tem acesso por o ego e as barreiras cognitivas estarem relaxados durante o sono e o sonho. Conhecimento e sabedoria adquiridos neste tipo de sonhos de "viagens" podem modificar vidas.

Neste dia, quando a noite se transformava em madrugada, Elisabeth teve um desses sonhos.

Elisabeth apareceu mais cedo para a consulta, desejosa de me contar o sonho que tinha tido na noite anterior. Estava menos ansiosa e mais descontraída que nunca. Contou-me que as pessoas no seu local de trabalho começavam a comentar que ela estava com melhor aparência, que estava a ser mais simpática e paciente, ainda mais que a "velha Elisabeth" antes da morte da mãe.

"Este não foi um dos meus sonhos típicos" salientou. "Este sonho era mais vivo e real. Ainda me lembro de todos os pormenores, e geralmente costumo esquecer-me rapidamente da maioria dos meus sonhos, como sabe."

Eu andava a incentivá-la a escrever os sonhos logo que acordasse. Manter um diário dos sonhos ao pé da cama e anotar aquilo de que se recordar logo ao acordar melhora significativamente a memória. De outra forma o conteúdo do sonho é esquecido rapidamente. Elisabeth era um pouco preguiçosa para anotar os sonhos, e, usualmente, quando chegava para a consulta já tinha esquecido a maioria dos pormenores, se não mesmo o sonho inteiro.

Mas este sonho era diferente, tão real que todos os pormenores estavam gravados na sua mente.

"Primeiro, entrei numa sala grande. Não existiam janelas, candeeiros ou luzes no tecto. Mas as paredes, de alguma forma, brilhavam. Emitiam luz suficiente para iluminar toda a sala."

"As paredes estavam quentes?" perguntei.

"Acho que não. Emitiam luz, mas não emitiam calor. Se bem que eu não toquei nas paredes."

"Que mais é que viu na sala?"

"Eu sabia que era uma espécie de biblioteca, mas não conseguia ver quaisquer prateleiras ou livros. No canto da sala estava uma estátua da Esfinge. De cada lado da estátua havia duas cadeiras velhas, velhas no sentido de antigas. Não eram dos tempos modernos. Quase como tronos feitos de pedra e mármore." Ficou em silêncio por uns momentos, o olhar vagueando para cima e para a esquerda à medida que recordava as cadeiras antigas.

"O que é que acha que uma estátua da Esfinge estava a fazer ali?" inquiri.

"Não sei. Talvez porque a biblioteca nos ajude a compreender coisas secretas. Lembrei-me da adivinha da Esfinge. O que é que caminha sobre quatro pernas de manhã, duas durante o dia e três à noite? O homem. Um bebé que gatinha torna-se um adulto, que se torna um idoso que necessita de uma bengala para caminhar. Talvez tenha algo a ver com esta adivinha. Ou com os enigmas em geral."

"Pode ser" concedi recordando Édipo e a primeira vez que tinha ouvido falar do enigma.

"No entanto, também podem existir outros significados" acrescentei. "Por exemplo, e se a Esfinge de alguma forma fornece uma pista para a natureza da biblioteca ou mesmo para a sua estrutura ou localização?" A mente que sonha pode ser muito complexa.

"Não estive lá tempo suficiente para descobrir" respondeu. "Apercebeu-se de mais alguma coisa na sala?"

"Sim" disse imediatamente. "Ali ao lado estava um homem vestido com uma longa túnica branca. Acho que ele era o bibliotecário. Decidia quem podia entrar na sala e quem não podia. Por alguma razão foi-me permitida a entrada."

Nesta altura o pragmatismo da minha mente já não se podia conter por mais tempo.

"Mas como é que uma sala pode ser biblioteca e não ter livros?" proferi abruptamente.

"Essa é a parte estranha" começou a explicar. "Tudo o que tinha a fazer era estender os braços com as palmas das mãos para cima e o livro de que precisava formava-se nas minhas mãos! Num instante o livro estava completo. Parecia que vinha directamente da parede e se solidificava nas minhas mãos."

"Que tipo de livro recebeu?"

"Não me recordo exactamente. Um livro sobre mim e as minhas vidas. Tive medo de o abrir."

"Medo de quê?"

"Não sei. Que ali estivesse algo de mau, algo de que tivesse vergonha."

"O bibliotecário ajudou-a?"

"Na realidade, não. Limitou-se a rir. Então, disse `As rosas têm vergonha dos seus espinhos?' E riu-se ainda mais."

"Depois o que é que aconteceu?"

"Ele acompanhou-me à saída, mas eu senti que eventualmente compreenderia o que ele queria dizer e voltaria sem ter medo de ler o meu livro." Ela ficou silenciosa, pensativa.

"Isso foi o fim do sonho?" incitei.

"Não. Depois de deixar a biblioteca entrei numa sala onde eu estava a assistir a uma aula. Estavam ali quinze ou vinte estudantes. Um homem jovem parecia-me fortemente familiar, como se fosse o meu irmão... mas não era o meu irmão Charles." Referia-se ao irmão da sua vida presente, que vivia na Califórnia.

"A que tipo de aula estava a assistir?" "Não sei."

"Havia algo mais?" perguntei.

Ela respondeu hesitantemente. "Sim."

Estranhei a hesitação, agora, depois de já ter revelado algumas cenas do sonho muito pouco usuais.

"Apareceu um professor" continuou, numa voz que mal passava de um murmúrio. "Tinha uns olhos intensamente castanhos, cuja cor mudava para uma tonalidade violeta muito bonita, regressando de novo ao castanho. Era muito alto e usava apenas uma túnica branca. Estava descalço... Veio ter comigo e olhou-me fixamente."

"E então?"

"Senti-me envolvida na mais incrível sensação de amor. Soube que tudo iria ficar bem, que tudo aquilo que estava a atravessar fazia parte de um plano e que esse plano era perfeito."

"Ele disse-lhe isso?"

"Não, não precisou de o fazer. Na realidade, ele não disse nada. Apenas senti essas coisas, mas de alguma forma pareciam provir dele. Eu podia sentir tudo. Soube tudo. Soube que não havia nada a recear... nunca mais... e então ele foi-se embora."

"E que mais?"

"Senti-me muito leve. A última coisa de que me lembro é de flutuar na nuvens. Estava a sentir-me tão amada e tão segura... Então acordei."

"Como é que se sente agora?"

"Sinto-me bem, mas a sensação está a desaparecer. Consigo recordar todo o sonho, mas a sensação está a tomar-se mais fraca. O trânsito com que tive de lutar para aqui chegar não ajudou."

A vida de todos os dias a interferir de novo nas experiências transcendentais.

Uma mulher escreveu-me a agradecer-me por ter escrito o meu primeiro livro. A informação no livro tinha-a ajudado a compreender e a aceitar dois sonhos que tinha tido - sonhos que estavam separados por mais de duas décadas. A sua carta ficou destruída quando o furacão Andrew devastou o meu gabinete, mas eu lembro-me bem dela.

Desde o tempo em que era pequena, ela sabia que iria ter uma criança especial chamada David. Cresceu, casou-se e teve duas filhas, mas nenhum filho.

Chegou aos trinta e cinco anos e começou a ficar cada vez mais preocupada. Onde é que estava o David?

Num sonho muito nítido, um anjo apareceu-lhe e disse "Podes ter o teu filho, mas ele só poderá ficar contigo durante dezanove anos e meio. É aceitável para ti?"

A mulher concordou.

Uns meses mais tarde, ficou grávida e David nasceu. Era de facto uma criança especial - bondoso, sensível e cheio de amor. "Uma velha alma" como ela dizia.

Ela nunca contou o seu sonho a David, nem lhe falou do acordo com o anjo. Aconteceu que ele morreu aos dezanove anos e meio vítima de um tipo raro de cancro no cérebro. Ela sentiu-se culpada, angustiada, esmagada pela dor, revoltada. Por que tinha aceite a proposta do anjo? Seria ela de alguma forma responsável pela morte de David?

Um mês depois da morte de David, num sonho vívido, o anjo reapareceu. Desta vez David estava com o anjo e disse-lhe. "Não sofras tanto. Eu amo-te. Fui eu que te escolhi. Tu não me escolheste."

E ela compreendeu.

16

*E realmente uma sólida prova de que o homem sabe
muitas das coisas antes de nascer, o facto de que,
quando criança, absorve tão rápida e facilmente
inúmeros conceitos, o que mostra que não
está a aprendê-los pela primeira vez, mas
a recordá-los e a evocá-los.*
CÍCERO

Fiquei momentaneamente confuso. Pedro tinha já atravessado uma porta na sua mente para um outro tempo e lugar. Pelo movimento dos seus olhos, sabia que ele estava a observar alguma coisa. "Pode falar" disse-lhe, "e mesmo assim manter-se num estado profundo de transe e continuar a observar e a experimentar. O que é que vê?"

"Vejo-me a mim" respondeu Pedro. "Estou deitado num campo. É noite. O ar está fresco e limpo... Vejo muitas estrelas."

"Está sozinho?"

"Sim. Não há mais ninguém à volta."

"Qual é o seu aspecto físico?" perguntei, procurando pormenores de forma a saber mais do tempo e local no qual ele tinha emergido. "Sou eu mesmo... com cerca de doze anos... O meu cabelo é curto."

"É você mesmo?" questionei, ainda não tendo percebido que Pedro tinha simplesmente recuado para a infância e não para uma vida passada.

"Sim" respondeu ele simplesmente. "De volta ao México quando era um rapaz."

Então compreendi e mudei de esquema de actuação, procurando saber mais dos seus sentimentos. Queria descobrir porque é que a sua memória havia escolhido esta recordação em particular do vasto leque disponível.

"Como é que se sente?"

"Sinto-me feliz. Há qualquer coisa de muito calmo no céu nocturno. As estrelas pareceram-me sempre tão familiares e amistosas... Gosto de identificar as constelações e vê-las caminhar através do céu à medida que as estações mudam."

"Na escola, estuda as estrelas?"

"Não muito, só um bocadinho. Mas leio sobre elas por conta própria. Acima de tudo gosto de observá-las."

"Existe mais alguém na sua família que também goste de observar as estrelas?"

"Não" respondeu "só eu."

Subtilmente passei a dirigir-me ao seu ego ou inteligência mais elevada, para a sua perspectiva alargada, de forma a saber mais acerca da importância desta memória. Já não estava a falar com o rapaz de doze anos.

"Qual é a importância desta recordação do céu nocturno?" perguntei. "Por que seleccionou a tua mente esta recordação em particular?"

Ele permaneceu em silêncio por alguns momentos. O seu rosto distendeu-se na doce luz da tarde.

"As estrelas são um presente para mim" começou lentamente. "São um conforto. São uma sinfonia que já ouvi antes, refrescando a minha alma, lembrando-me do que já me tinha esquecido.

"E são ainda mais" continuou, de modo algo enigmático. "São um caminho que me guia até ao meu destino... Lentamente mas com segurança... Preciso de ser paciente e não interferir no caminho. O programa já está estabelecido." Ficou de novo silencioso.

Deixei-o descansar enquanto um pensamento invadia a minha mente. O céu nocturno já existia muito antes da Humanidade. Num determinado nível, não teremos todos ouvido aquela antiga sinfonia? Serão todos os nossos destinos guiados, de igual forma? E então outro pensamento me ocorreu, muito claro na sua forma, mas não tanto no seu conteúdo. Também eu devo ser paciente e não interferir no destino de Pedro.

Este pensamento surgiu como uma instrução. Acabou por vir a ser uma profecia.

Dado que pacientes como Elisabeth e Pedro desafiam muitas das minhas velhas crenças sobre a vida e a morte, e mesmo sobre a psicoterapia, também comecei a meditar, ou pelo menos a divagar, todos os dias. Em estados de relaxamento profundo, os pensamentos, imagens e ideias surgem de repente na minha consciência.

Um dia, surgiu um pensamento com a premência de uma mensagem. Devia examinar mais atentamente os doentes que estivessem sob tratamento há já longos períodos de tempo, os meus doentes crónicos. De alguma forma, iria agora vê-los sob uma nova perspectiva, e esta liberdade de visão também me ensinaria mais sobre mim próprio.

Os doentes que me procuravam agora para terapia por regressão, técnicas de visualização e aconselhamento espiritual estavam a progredir muitíssimo bem. Mas, e esse outro grupo de doentes, muitos dos quais faziam terapia comigo já antes dos meus livros terem sido publicados? Por que os veria de forma mais esclarecida agora? O que é que teria que aprender sobre mim mesmo?

Como vim a verificar, muito havia ainda a aprender. Tinha deixado de ser um professor para estes doentes mais antigos; em vez disso tinha passado a ser um hábito e uma muleta. Muitos deles tinham-se tomado dependentes de mim, e, em vez de os desafiar a ser independentes, eu aceitava passivamente o antigo papel de confidente.

Também eu me tinha tornado dependente deles. Pagavam as contas, elogiavam-me, faziam-me sentir indispensável e reforçavam o estereótipo do médico como semideus na nossa sociedade. Tinha que enfrentar o meu ego.

Um por um enfrentei os meus medos. Segurança foi o primeiro. O dinheiro não é bom nem mau e, embora seja por vezes importante, não fornece uma segurança real. Precisava de mais fé. Para assumir riscos, para me comprometer com a acção correcta, tinha que ter a certeza de que iria ficar bem. Examinei os meus valores, o que era e não era importante na minha vida. À medida que recordava e realinhava a minha fé e os meus valores, as minhas preocupações com o dinheiro e a segurança desapareceram, como o nevoeiro que se levanta sob a luz do Sol. Senti-me seguro.

Analisei a minha necessidade de me sentir indispensável e importante. Esta era uma outra ilusão do ego. Somos todos seres espirituais, recordei. Todos somos iguais por baixo do nosso exterior. Todos somos importantes.

A minha necessidade de ser especial, de ser amado, só poderia ser verdadeiramente satisfeita a um nível espiritual, a partir do meu âmago, da divindade dentro de mim. A minha família podia ajudar, mas só até certo ponto. Os meus pacientes não, certamente. Eu podia ensiná-los e eles podiam ensinar-me. Podíamos ajudar-nos mutuamente por uns tempos, mas nunca poderíamos satisfazer as nossas necessidades mais profundas. Essa busca é uma busca espiritual.

Os médicos são professores altamente preparados e capazes de curar, mas dificilmente semideuses. Somos apenas pessoas altamente preparadas. Os médicos são raios na mesma roda, como todos os outros que colaboram na nossa sociedade.

As pessoas escondem-se com frequência por trás das suas fachadas e rótulos profissionais (doutor, advogado, deputado, etc.), a maior parte dos quais nem sequer estão concluídos antes dos vinte ou trinta anos. Temos que nos lembrar do que fomos antes de exibir os nossos títulos.

Só então seremos capazes de nos transformarem pessoas espirituais e repletas de amor, pessoas caridosas, bondosas, pacíficas e cheias de serenidade e alegria. Já o somos. Apenas nos esquecemos e os nossos egos parecem impedir-nos de o recordar.

A nossa visão está enevoada. Os nossos valores estão invertidos. Muitos psiquiatras me confessaram sentir-se encurralados pelos seus doentes. Perderam a alegria de ajudar.

Lembro-os de que também eles são seres espirituais. Estão presos pelas suas inseguranças e egos. Também eles necessitam da coragem para assumir riscos e saltar para a saúde e alegria.

17

Pois viemos por *caminhos diferentes* para *este* lugar.
Não sinto que nos tenhamos encontrado antes.
Não há déjà vu. *Não* me parece *que* fosses tu,
 vestida de violeta à beira-mar, quando aí passei a
 cavalo em 1206 d.C., ou *que* estivesses a meu lado
 nas guerras de *fronteira*. Ou lá em Gallatins, há
 100 anos atrás, deitada comigo na erva *verde-prata*
 por cima dalguma aldeia da montanha. Sei pela
 naturalidade com *que* vestes roupas finas e a tua
 boca *se* move quando falas aos empregados nos bons
 restaurantes. *Vieste* pelo caminho dos castelos e
 catedrais, da *elegância* e do império.
 ROBERT JAMES WALLER

Quando acabei de contar de dez para um já Elisabeth estava num transe hipnótico profundo. Os seus olhos moviam-se sob as pálpebras. O corpo estava mole e a respiração tinha baixado para um ritmo bastante relaxado. A sua mente estava agora pronta para a viagem no tempo.

Fi-la recuar lentamente, desta vez usando um rio tranquilo numa montanha como portão para o passado distante. Ela atravessou o rio para uma luz maravilhosa. Caminhando através da luz, emergiu num outro tempo e outro local, numa vida antiga.

"Calço sandálias leves" observou, depois de eu a ter instruída para olhar para os pés. "Têm uma tira mesmo por cima dos tornozelos. Uso um vestido branco comprido com diferentes comprimentos. Sobre ele cai uma espécie de véu que me cobre até aos tornozelos. As mangas são muito largas e terminam nos cotovelos. Tenho braceletes de ouro em três níveis dos braços." Ela observava-se com atenção e pormenorizadamente.

"O meu cabelo é castanho escuro e comprido, abaixo dos ombros... Os meus olhos também são castanhos... a minha pele é de um castanho claro."

"E uma rapariga" assumi.

"Sim" respondeu ela pacientemente. "Mais ou menos que idade tem?" "Cerca de catorze."

"O que é que faz? Onde é que vive?" disparei, fazendo duas perguntas antes de ela ter tempo de responder.

"No recinto do templo" respondeu. "Estou a aprender a ser uma curandeira e ajudar os sacerdotes."

"Sabe o nome dessa terra?" perguntei. "É o Egipto... há muito tempo atrás." "Sabe em que ano?"

"Não" replicou. "Não consigo ver isso... mas é há muito tempo atrás... muito antigo"

Voltei às memórias e experiências daquele tempo antigo.

"Por que está a ser treinada para curandeira e para trabalhar com os sacerdotes?"

"Fui seleccionada pelos sacerdotes, tal como os outros. Somos todos escolhidos de acordo com os nossos talentos e habilidades. .. Os sacerdotes sabem-no desde que somos muito pequenos."

Queria saber mais sobre este processo de selecção.

"Como é que os sacerdotes sabem dos seus talentos? Observam-na na escola ou com os seus pais?"

"Oh, não" corrigiu-me ela. "Sabem-no intuitivamente. São muito sábios. Sabem quem tem habilidade para os números e deve ser engenheiro ou contador ou tesoureiro. Sabem quem é capaz de escrever e ser escriba. Sabem quem tem potencial militar e deve ser treinado para liderar exércitos. Sabem quais darão os melhores administradores. Estes serão treinados para ser governadores e oficiais. Sabem quais são aqueles que possuem habilidades intuitivas e curativas, e estes serão treinados para curandeiros e conselheiros ou mesmo para ser sacerdotes."

"Então os sacerdotes decidem sobre as ocupações para que as pessoas são treinadas" resumi.

"Sim" concordou ela. "Talentos e potenciais são adivinhados pelos sacerdotes quando a criança é muito jovem. O seu treino é então estabelecido... Não há escolha."

"Esse treino é aberto a qualquer um?"

"Oh, não" objectou ela. "Só aos que pertencem à nobreza, os que têm parentesco com o Faraó."

"Têm que ser parentes do Faraó?"

"Sim, mas a família dele é muito grande. Mesmo os primos distantes são considerados parte da família."

"Mas e aquelas pessoas com muito talento que não têm qualquer parentesco?" perguntei, a minha curiosidade fazendo com que me demorasse neste sistema de selecção familiar.

"Eles podem estudar" explicou mais uma vez pacientemente. "Mas só podem progredir até certo ponto... para ser assistentes dos chefes que pertencem à família real."

"A Elizabeth é parente do Faraó?" perguntei. "Uma prima... não muito próxima"

"O suficiente" afirmei eu. "Sim" respondeu.

Decidi continuar, já que a doente a seguir a Elisabeth tinha cancelado a sua consulta e, portanto, o tempo não me pressionava tanto como era costume. "Tem alguma família consigo?"

"Sim, o meu irmão. Somos muito unidos. Ele é mais velho dois anos. Também foi escolhido para ser treinado como curandeiro e sacerdote. Estamos juntos aqui. Os nossos pais vivem a alguma distância, e assim é bom ter o meu irmão comigo... Estou a vê-lo agora."

Arrisquei mais uma distração, procurando pistas para compreender as relações de Elisabeth. "Olhe atentamente para a cara dele. Para os olhos. Reconhece-o como alguém na sua vida actual?"

Ela parecia estar a perscrutar a cara dele. "Não" disse tristemente. "Não o reconheço."

De certa forma tinha esperado que ela reconhecesse a mãe amada, ou talvez o irmão ou pai. Mas não houve qualquer identificação.

"Agora avance no tempo até ao próximo acontecimento significativo na vida dessa rapariga egípcia. Pode lembrar-se de tudo." Ela avançou no tempo.

"Agora tenho dezoito anos. Eu e o meu irmão evoluímos muito. Ele está a usar uma saia curta, branca e dourada. Termina logo acima dos joelhos... Ele é muito bonito" reparou ela.

"Como é que evoluíram?" inquiri, levando-a a focar de novo o processo de treino.

"Possuímos muito mais capacidades. Trabalhamos com varas especiais para curar, que, quando dominadas, aceleram muito a regeneração dos tecidos e dos membros." Fez uma pausa por alguns momentos, a estudar as varetas.

"Contêm uma energia líquida que flui através delas... A energia é concentrada no ponto de regeneração... Podem ser usadas para fazer crescer membros e curar o tecido, mesmo aquele que esteja a morrer ou já morto."

Estava surpreendido. Mesmo a medicina moderna não consegue realizar estes feitos, apesar de a Natureza o fazer, como com as salamandras e outros lagartos, cujos membros ou caudas arrancadas podem crescer de novo. A mais recente investigação de lesões traumáticas da espinal medula só agora começa a controlar a regeneração dos nervos, cerca de quatro ou cinco mil anos depois do trabalho de Elisabeth com as varetas que podia induzir a regeneração de membros e tecidos.

Ela não podia explicar a forma como as varetas funcionavam, para além de referir a energia. Não tinha o vocabulário ou os conceitos mentais para compreender e explicar.

Começou a falar de novo, e as razões para a sua falta de compreensão tornaram-se evidentes.

"Pelo menos é isso que me dizem. Sou jovem e uma rapariga. Já segurei nas varetas, mas nunca as vi a funcionar. Ainda não vi essa regeneração... O meu irmão já. A ele é permitido e quando crescer ser-lhe-á permitido este conhecimento sobre a regeneração. O meu treino terminará antes desse nível. Não posso progredir até aí porque sou mulher" explicou.

"A ele ser-lhe-á permitido o conhecimento de regeneração e a si não?" perguntei.

"É verdade" comentou. "Ser-lhe-á permitido o conhecimento de segredos mais elevados, mas a mim não."

Ela fez uma pausa e então continuou. "Eu não tenho ciúmes dele. É o costume... um costume tonto, porque tenho mais capacidade para curar que muitos homens."

A sua voz tornou-se num sussurro.

"De qualquer forma ele revelar-me-á os segredos.. . Prometeu-me. Também me vai ensinar como funcionam as varetas. Já me explicou muitas coisas... Contou-me que estão a tentar fazer reviver pessoas que morreram recentemente!"

"Que morreram?" ecoei.

"Sim, mas isso tem que ser feito muito depressa" acrescentou. "Como é que o fazem?"

"Não sei... Utilizam várias varetas. Existem cânticos especiais. O corpo deve ser posicionado de uma forma determinada. Há mais, mas eu não sei... Quando o meu irmão aprender, ele dir-me-á." Aqui terminou a sua explicação.

A minha mente lógica assumiu que as pessoas que alegadamente estavam a tentar fazer reviver não estavam realmente mortas, mas provavelmente próximo da morte, como os doentes que recuperam de experiências de quase-morte. No fim de contas, naquele tempo, eles não tinham equipamento para monitorizar as ondas cerebrais. Não podiam determinar o ponto de ausência de actividade cerebral, que é a nossa moderna definição de morte.

A minha intuição disse-me para manter a mente aberta. Outras explicações poderiam existir, explicações para além da minha actual capacidade de compreensão.

Elisabeth estava silenciosa e eu continuei a interrogar. "Há outras formas de cura?" perguntei-lhe.

"Há muitas" respondeu. "Uma é com as mãos. Tocamos na parte do corpo que necessita de tratamento e enviamos energia directamente para ela... através das nossas mãos. Alguns nem precisam de tocar no corpo. Sentem as zonas de calor com as mãos acima do corpo da pessoa. Dispersamos o calor e removemos a energia. O calor tem que ser disperso a vários níveis, não apenas no mais próximo" explicou. Agora falava rapidamente descrevendo variações antigas de técnicas de cura.

"Outros podem curar mentalmente. Podem ver na sua mente as áreas onde existem problemas e enviar mentalmente energia para esses locais. Ainda não consigo fazer isso" acrescentou, "mas eventualmente aprenderei. Outros tocam no pulso da pessoa com o segundo e terceiro dedo, unidos, e enviam energia directamente para a corrente sanguínea. Desta forma pode-se atingir os órgãos internos, vendo-se a energia purificadora sair pelos dedos dos pés da pessoa." Elisabeth continuou a sua rápida e cada vez mais técnica explicação.

"Agora estou a aprender a pôr as pessoas em níveis de transe muito profundos e a fazê-los ver a cura enquanto ocorre, para que possam completar essa transformação a nível mental. Damos-lhes poções para ajudá-los a ir a grande profundidade." Por momentos fez uma pausa.

Com excepção das poções, esta última técnica assemelha-se muito às visualizações hipnóticas que eu e outros utilizamos, nos finais do século ~, para estimular o processo de cura.

"Há mais métodos?" inquiri.

"Aqueles que evocam os deuses são reservados aos sacerdotes" respondeu. "Mas esses são-me proibidos."

"Proibidos?"

"Sim, porque as mulheres não podem ser sacerdotes. Podemos ser curandeiras e assistimos os sacerdotes, mas não podemos fazer as suas funções... Oh, algumas mulheres chamam-se a si mesmas sacerdotisas e tocam instrumentos musicais nas cerimónias, mas não têm poder." Com algum sarcasmo na voz, acrescentou "São músicos como eu sou curandeira; dificilmente são sacerdotes. Até Hathor troça delas."

Hathor era a deusa egípcia do amor, júbilo e alegria. Também era a deusa da festividade e da dança. Provavelmente Elisabeth estava a lembrar-se de uma das funções

mais esotéricas de Hathor, a de defensora e protectora das mulheres. O escárnio de Hathor para com estas sacerdotisas enfatizava a oca grandiosidade os seus títulos.

Elisabeth ficou mais uma vez em silêncio e, enquanto isso, a minha mente traçava paralelismos com o tempo presente. Os telhados de vidro parecem ser tão velhos quanto o próprio tempo.

A estrada para o progresso parecia estar apenas aberta a alguns, neste antigo Egito. Os parentes do faraó, considerado ele mesmo semidivino, podiam avançar, mas os parentes do sexo feminino rapidamente embatiam contra a barreira do género. Os parentes masculinos do faraó eram os poucos privilegiados.

Elisabeth ainda permanecia em silêncio e eu pedi-lhe para avançar. "Avance no tempo para o acontecimento mais importante nessa vida. O que é que vê?"

"Agora, eu e o meu irmão somos conselheiros" comentou, depois de progredir mais alguns anos no futuro. "Trabalhamos com o governador desta área e aconselhamo-lo. Ele é um excelente administrador e também um bom chefe militar. Mas é impulsivo e necessita da nossa intuição e sabedoria interior... Ajudamo-lo a encontrar um equilíbrio."

"É feliz a fazer isso?"

"Sim, ele é bom para mim e para o meu irmão... Geralmente é bondoso. Ouve muitas vezes os nossos conselhos... Também continuamos a curar." Ela parecia contente, mesmo exultante. Não tinha casado e, portanto, o irmão era a sua família. Avancei-a no tempo.

Agora, ela estava visivelmente perturbada. Começou a chorar e depois parou "Eu sei demasiado para isto. Preciso de ser forte. Não é que eu receie o exílio ou a morte. De forma alguma. Mas deixar o meu irmão... é muito duro!" Outra lágrima caiu.

"O que é que aconteceu?" perguntei, de certa forma assustado com o súbito declínio da sua sorte.

"O filho do governador ficou gravemente doente. Morreu antes que se pudesse fazer qualquer coisa. O governador sabe do nosso trabalho com a regeneração e das nossas tentativas para trazer à vida os mortos recentes. Então, ele exigiu que eu trouxesse o seu filho dos mortos. Se não o fizesse, enviar-me-ia para o exílio permanente. Eu conheço aquele lugar. Ninguém regressa."

"E o filho?" perguntei hesitante.

"Não pôde ser reanimado. Não foi permitido. Então, eu tenho que ser punida." Estava triste de novo e as lágrimas mais uma vez se acumularam nos seus olhos.

"Não faz sentido" disse ela lentamente. "Nunca me deram permissão para aprender o funcionamento das varetas. Nunca me permitiram adquirir o conhecimento da regeneração e reanimação. O meu irmão tinha-me ensinado um pouco, mas não o suficiente... Eles não sabiam que ele me tinha ensinado algo."

"O que é que aconteceu ao seu irmão?"

"Ele não estava e por isso foi poupado. Todos os sacerdotes estavam para fora. Só eu estava ao pé... Ele voltou a tempo de me ver antes do exílio começar. Não tenho medo do exílio ou da morte, apenas de o deixar... Não tenho escolha."

"Há quanto tempo está no exílio?" perguntei.

"Não muito" respondeu. "Eu sei como deixar o meu corpo. Um dia deixei o meu corpo e não voltei. Essa foi a minha morte, porque sem a alma o corpo

morre." Ela tinha saltado para aquele ponto e falava de uma perspectiva mais elevada.

"Tão simples como isso?"

"Não há dor, nenhuma interrupção na consciência quando se escolhe tal morte. É por isso que eu não receava a morte. Sabia que nunca mais poderia ver o meu irmão. Não podia fazer o meu trabalho naquela ilha árida. Não havia qualquer razão para continuar na forma física. Os deuses compreendem."

Ela estava em silêncio, a descansar. Eu sabia que o amor pelo irmão sobreviveria à morte física, tal como o amor do irmão por ela. O amor é eterno. Ter-se-ão reencontrado ao longo dos séculos passados? Encontrar-se-iam no futuro? Também sabia que essa memória ajudá-la-ia amenizar o seu sofrimento. Mais uma vez tinha-se encontrado a si mesma no passado distante. A sua consciência, a sua alma, tinha sobrevivido à morte física e a séculos para emergir mais uma vez, desta vez como Elisabeth. Se ela podia sobreviver através do tempo, também a sua mãe podia. Assim como todos nós. Ela não tinha encontrado a mãe no antigo Egito, mas tinha encontrado um irmão amado, uma alma companheira, que não reconheceria como alguém na sua vida actual. Pelo menos ainda não.

Gosto de pensar nas relações das almas como algo semelhante a uma grande árvore com mil folhas. As folhas que estão no nosso ramo são-nos intimamente próximas. Podem mesmo partilhar experiências, experiências de alma, conosco. Podem existir três ou quatro ou cinco folhas no nosso ramo. Também estamos muito próximos das folhas que estão no ramo ao pé do nosso. Partilhamos o mesmo tronco. São-nos próximas, mas não tão próximas quanto as do nosso ramo. Prosseguindo este tipo de raciocínio, à medida que percorremos a árvore, temos de concluir que estamos ainda relacionados com as folhas ou almas mais distantes, mas não de forma tão íntima como com as que estão na nossa proximidade imediata. Somos todos parte de uma árvore, de um tronco. Podemos partilhar experiências. Conhecer-nos mutuamente. Mas as do nosso ramo são as mais íntimas.

E há muitas outras árvores nesta bela floresta. Cada árvore está ligada às demais através do sistema de raízes no solo. Assim, apesar de haver em árvores distantes folhas que parecem nada ter a ver conosco, a verdade é que estamos ligados a elas também, mesmo remotamente. Todas as folhas estão relacionadas entre si. Mas estamos mais intimamente ligados às da nossa árvore. E mais ainda às que estão no nosso ramo. E quase somos unos com as que nos rodeiam, no mesmo ramo.

Provavelmente conheceu outras almas mais afastadas na sua árvore em vidas anteriores. Pode ter tido muitas relações diferentes com elas. As suas interações podem ter sido extremamente breves. Mesmo um encontro de trinta minutos pode tê-lo ajudado a aprender uma lição, ou ajudado os dois, como é geralmente o caso. Uma dessas almas pode ter sido o pedinte na estrada a quem deu uma esmola, o que lhe permitiu estender a sua compaixão a outro ser humano e permitiu que quem recebeu aprendesse sobre receber amor e ajuda. Você e o pedinte podem nunca mais ter-se encontrado nessa vida, mas mesmo assim fazem parte do mesmo drama. Os encontros variam em duração - cinco minutos, uma

hora, um dia, um mês, uma década ou mais - é assim que as almas se ligam. As relações não se medem por tempo, mas por lições aprendidas.

18

Como seria interessante escrever a história das experiências nesta vida de um homem que se tivesse suicidado na vida anterior; como ele agora esbarra com as mesmas exigências com que anteriormente se deparou, até chegar à conclusão que terá de satisfazer essas exigências... Os actos da vida anterior dão direcção à vida actual.
TOLSTOI

Ele sentiu a mensagem causticar a sua alma. As palavras, intensas, marcaram para sempre o seu ser. Enquanto descansava depois de deixar o seu corpo desfeito, ambos reflectimos sobre os diferentes níveis de significado destas palavras aparentemente simples.

A sessão tinha começado da forma habitual. Regredi o Pedro através de um método rápido de indução e ele deslizou rapidamente para um estado profundo e tranquilo. A sua respiração tomou-se profunda, e os seus músculos relaxaram por completo. A sua mente, focada pela hipnose, penetrou os usuais limites do espaço e do tempo, e ele recordou acontecimentos que tinham ocorrido muito antes do seu nascimento como Pedro.

"Estou a calçar sapatos castanhos" observou quando emergiu nos limites físicos de uma encarnação prévia. "-Estão velhos e gastos... Sou um homem com cerca de quarenta anos" acrescentou sem eu ter perguntado. "Sou careca no cimo da cabeça e o cabelo está a ficar grisalho. As minhas patilhas e barba já estão brancas.

A minha barba é curta tem a forma de pêra."

Ele prestava uma atenção considerável a pequenos pormenores. Gostei da precisão da sua descrição, mas também estava consciente do tempo que decorria.

"Continue" aconselhei. "Descubra o que é que faz nessa vida. Vá para o próximo acontecimento significativo."

"Os meus óculos são pequenos e têm aros de metal" notou, ainda ocupado com características físicas. "O meu nariz é largo e a minha pele é muito pálida:"

Não é pouco usual que um paciente hipnotizado resista às minhas sugestões. Aprendi que nem sempre posso guiar o paciente; por vezes, é o paciente que dirige.

"O que é que faz nesta vida?" perguntei.

"Sou médico" respondeu rapidamente, "Um médico do campo. Trabalho muito. A maioria das pessoas é pobre, mas sobrevivo. E acima de tudo são boas pessoas."

"Conhece o nome do local onde vive?" "Acho que é neste país, no Ohio..." "Sabe em que ano?"

"Finais do século dezoito, penso"

"E o seu nome?" inquiri delicadamente. "Thomas... o meu nome é Thomas." "Tem um último nome?"

"Começa por um D... Dixon, ou Diggins, ou algo assim... Eu não me sinto bem" acrescentou.

"Qual é o problema?"

"Sinto-me triste... muito triste. Não quero continuar a viver!" Ele tinha saltado para um momento de crise.

"O que é que o faz estar tão triste?" inquiri.

"Já estive deprimido antes" esclareceu. "Vai e vem, mas desta vez é pior. Nunca foi tão mau como agora. Ambas as coisas são simplesmente demasiado esmagadoras... Não posso continuar assim."

"Que ambas as coisas?" ecoei.

"O meu doente morreu. A febre matou-o. Confiaram em mim para o salvar. Depositaram a sua fé em mim e eu nada pude fazer.

Decepcionei-os... Agora não têm marido, nem pai. Terão que lutar para sobreviver... Não consegui salvá-lo!"

"Por vezes, os doentes morrem apesar dos nossos esforços. Especialmente no século dezoito" acrescentei, tentando paradoxalmente amenizar a sua culpa e desespero acerca de um acontecimento que tinha ocorrido há um século atrás. Não podia alterar o acontecimento, apenas a sua atitude perante ele. Eu sabia que Thomas já tinha vivido e agido sobre os seus sentimentos. O que estava feito, estava feito. Mas ainda podia ajudar Pedro, levando-o a compreender, a ver de uma perspectiva mais elevada e afastada.

Ele estava em silêncio. Esperei não o ter arrancado da vida do médico ao fazer terapia direccionada a um nível de compreensão para além do de Thomas. Ainda não tinha sequer encontrado o acontecimento que havia precipitado aquela depressão.

"Qual é a outra coisa que lhe causa tristeza?" perguntei, como que tentando colocar o génio de volta para dentro da lâmpada. "A minha mulher deixou-me" respondeu. Fiquei aliviado por estar a falar com Thomas mais uma vez.

"Ela deixou-o?" repeti, incentivando-o a explicar.

"Sim" respondeu ele tristemente. "A nossa vida era demasiado difícil. Nem podíamos ter crianças. Ela voltou para a família em Boston... Estou muito envergonhado... Não pude ajudá-la. Não consegui fazê-la feliz."

Nem sequer tentei a terapia com a sua mente mais elevada nesta altura. Em vez disso, pedi-lhe para avançar no tempo até ao próximo acontecimento significativo naquela vida. Podíamos fazer terapia mais tarde, enquanto ele revia esta vida ainda em estado de hipnose, ou mesmo depois, quando ele saísse da hipnose.

"Tenho uma arma" explicou. "Vou matar-me e acabar com esta miséria!"

Reprimi o impulso de perguntar porque é que tinha escolhido uma arma de fogo e não um dos muitos medicamentos ou venenos disponíveis a um médico daquela altura. Ele tinha tomado aquela decisão há pelo menos um século atrás. A questão em si era provavelmente a minha forma de intelectualizar o seu desespero, um desespero de tal magnitude que era capaz de o levar à auto-aniquilação.

"O que é que acontece a seguir?" perguntei em vez disso. "Fi-lo" disse ele simplesmente.. "Dei um tiro na boca, e agora posso ver o meu corpo... Tanto sangue! Tanto sangue!" Ele já tinha deixado o corpo e estava a vê-lo à distância.

"Como é que se sente agora?" perguntei.

"Confuso... ainda estou triste, estou tão cansado" respondeu. "Mas não posso descansar. Ainda não. .. Está aqui alguém para me ver."

"Quem é que está aí?"

"Não sei. Alguém muito importante. Tem qualquer coisa para me dizer."

"O que é que lhe diz?"

"Que eu vivi uma boa vida, até ao fim. Não devia ter acabado com a minha vida. No entanto, ele parece saber que eu faria o que fiz."

"Há algo mais?" perguntei, pondo de lado aquele paradoxo. A resposta foi-me dada directamente a mim, numa voz mais forte. Seria ela de Thomas, Pedro, ou de outra pessoa qualquer? Lembrei-me repentinamente dos Mestres que falavam através de Catherine. Excepto que isto se passava anos depois e Catherine não estava aqui.

"O importante é estender a mão com amor para ajudar os outros, não os resultados..Estendam a mão com amor. É a única coisa que têm de fazer. Amem-se uns aos outros. Os resultados de ajudar com amor não são os resultados que procuram. Resultados para o corpo físico. Devem curar o coração dos Homens."

A mensagem era dirigida aos dois médicos, Thomas e eu, e ambos ouvimos arrebatados à medida que a mensagem continuava. A voz era mais forte, mais segura, mais didáctica que a de Pedro.

"Vou-vos ensinar como curar o coração dos homens. Compreenderão. *Amem-se uns aos outros!*"

Ambos podíamos sentir a força destas palavras à medida que eram gravadas nos nossos seres. As palavras estavam vivas. Nunca as esqueceríamos.

Mais tarde, Pedro disse-me que tinha visto e ouvido nitidamente tudo o que este visitante luminoso tinha comunicado – palavras que dançavam com a luz enquanto preenchiam o espaço entre elas.

Eu ouvi as mesmas palavras. Tinha a certeza que também me tinham sido dirigidas. Lições importantes me assaltaram. Dá-te com amor e compaixão, e não te preocupes demasiado com os resultados. Não tentes terminar a tua vida antes do tempo natural. Uma sabedoria mais elevada trata dos resultados e sabe o tempo para todas as coisas. O destino e o livre arbítrio coexistem. Não meças a cura pelos resultados físicos. A cura ocorre a muitos níveis, não apenas no físico, e a verdadeira cura deve ocorrer ao nível do coração. De alguma forma iria aprender a curar o coração dos Homens. Acima de tudo: amem-se mutuamente. Sabedoria eterna, facilmente compreendida, mas praticada apenas por alguns.

O meu pensamento voltou a Pedro. Dores de separação e de perda infestavam as suas vidas. Desta vez tinham-no levado ao suicídio. Ele tinha sido avisado de que não devia acabar com uma vida prematuramente. Mas novas perdas ocorreram de novo, e a amargura tinha voltado. Lembrar-se-ia do aviso ou o desespero irremediável vencê-lo-ia mais uma vez?

Como é devastador ser médico e não poder curar o paciente. A "falha" de Elisabeth no antigo Egipto. O desespero de Pedro como Thomas, o médico de Ohio. As minhas próprias dolorosas experiências como médico.

A minha primeira frustração como médico, incapaz de parar a investida de uma doença fatal, ocorreu há já mais de vinte e cinco anos, durante o meu primeiro turno clínico como estudante do terceiro ano na Faculdade de Medicina de Yale. Comecei pela

pediatria, e fiquei responsável por Danny, um rapaz de sete anos com um grande tumor de Wilms. É um tumor maligno no rim que surge quase exclusivamente na infância. Quanto mais jovem for a criança, melhor o prognóstico. Para este cancro, sete anos não era considerado jovem.

Danny era o primeiro paciente real da minha carreira médica. Antes dele, toda a minha experiência tinha-se resumido a aulas, palestras, laboratórios, e horas a fio sentado à frente dos compêndios. No terceiro ano começava a nossa experiência clínica. Éramos colocados em enfermarias de hospitais com doentes reais. Bastava de factos e teoria. O tempo para a aplicação prática tinha chegado.

Tinha que tirar sangue a Danny para análises de laboratório e encarregava-me de todos os procedimentos menores, chamado "trabalho de sapa" pelos estagiários mais avançados, mas que é muito significativo para estudantes do terceiro ano.

Danny era uma criança maravilhosa, mas a nossa ligação foi mais forte e especial porque ele era o meu primeiro paciente. Danny lutou heroicamente. Perdeu o cabelo com os enérgicos, mas tóxicos, tratamentos de quimioterapia. A barriga estava seriamente inchada. No entanto, ele estava a melhorar e eu e os seus pais tivemos esperança. Uma boa percentagem de crianças era capaz de recuperar deste tipo de doença maligna naquela altura.

Eu era o membro mais novo da equipa de tratamento. O estudante de medicina, em geral, possuía menos conhecimentos clínicos que o interno, residente, ou médico de serviço, os quais estavam incrivelmente ocupados com o seu trabalho. Por outro lado, o estudante de medicina tinha mais tempo para passar com o paciente e a família. Em geral, dava uma prioridade maior ao conhecimento do doente e da sua família. Éramos normalmente designados para falar com a família e transmitir mensagens ao paciente.

Danny era o meu paciente mais importante e eu gostava muito dele. Passei muitas horas sentado ao lado da sua cama, a jogar, a ler histórias, ou apenas a falar. Admirava a sua coragem. Também passei algum tempo com os seus pais, frequentemente no escuro e tristonho quarto de hospital de Danny. Até chegámos a tomar refeições juntos na cantina. Eles estavam assustados, mas ao mesmo tempo encorajados pela sua recuperação.

Subitamente, Danny sofreu uma mudança drástica para pior. Uma perigosa infecção respiratória dominou o seu sistema imunitário enfraquecido.

Tinha dificuldade em respirar, os olhos habitualmente brilhantes tomaram-se baços e vítreos. Fui posto de parte pelos membros mais experimentados da equipa clínica. Iniciou-se, interrompeu-se e mudou-se a administração de antibióticos, inutilmente. Danny não recuperava. Fiquei junto dos pais, sentindo-me impotente e horrorizado. A doença venceu. Danny morreu.

Fiquei demasiado perturbado para passar mais tempo com os seus pais, para além de uma breve palavra e um abraço. Identifiquei-me com a dor deles tanto quanto podia na altura. Três anos depois, quando o meu próprio filho morreu num hospital, compreendi ainda melhor. Mas, na altura, senti uma vaga responsabilidade pela sua morte, como se pudesse ter feito qualquer coisa, algo, para evitá-la.

O "fracasso" em curar atinge a alma de cada curador. Entendi o desespero de Thomas.

Muito menos pacientes psiquiátricos morrem das suas doenças. No entanto, a incapacidade para ajudar um paciente severamente perturbado toca as cordas da mesma frustração e sensação de impotência.

Quando fui director do Departamento de Psiquiatria no Mount Sinai, tratei uma bonita e talentosa mulher nos seus trinta anos. Uma mulher bem sucedida na carreira com um casamento recente e feliz. Gradualmente, tinha-se tornado paranóica e o seu estado continuava a piorar, não obstante os medicamentos, a terapia e todas as outras intervenções. Nem eu nem todos os especialistas que consultei fomos capazes de determinar a razão, porque o desenvolvimento e os sintomas da doença assim como os resultados dos exames eram demasiado atípicos de esquizofrenia, mania, ou qualquer outra das usuais psicoses. O seu estado tinha começado a deteriorar-se logo depois de uma viagem ao Extremo Oriente, e uma análise revelou anticorpos a um parasita extremamente elevados. Ainda assim, nenhum tratamento médico ou psiquiátrico a ajudou e ela piorou gradualmente.

Mais uma vez, senti a angústia da impotência, a frustração do médico que não consegue curar.

Ajudar com o nosso amor, fazer o nosso melhor e não estar tão preocupado com os resultados, essa é a resposta. Este conceito tão simples, que me parece tão verdadeiro, é o bálsamo da compreensão de que os médicos necessitam. Num certo sentido, eu tinha-me dado com amor a Danny e ele retribuía-mo.

19

*Para sempre os anos cavalheirescos foram
Com o velho mundo sepultados,
Fui um Rei na Babilónia
E tu uma Escrava Cristã.
Eu vi-te, eu tomei-te, eu usei-te,
Dobrei e despedacei o teu orgulho...
E miríades de sóis se puserem e nasceram
Desde então sobre a tumba
Decretada pelo Rei da Babilónia
Para aquela que tinha sido sua Escrava.
O orgulho que esmaguei é agora o meu infortúnio,
Pois ele me esmaga novamente.
O velho ressentimento perdura
tanto quanto a morte
Pois amamos, e contudo privamo-nos.
Despedaço o meu coração na tua dura perfídia,
E despedaço o meu coração em vão.*
WILLIAM ERNEST HENLEY

Elisabeth estava frustrada e desanimada. A sua nova relação tinha durado apenas dois encontros. Bob evitava-a. Conhecera-o casualmente há mais de um ano, no trabalho. Era bem sucedido, bonito e partilhava muitos dos seus interesses. Dissera-lhe que a sua longa relação com uma mulher casada tinha acabado há pouco. Bob sempre tivera relações breves com várias mulheres, mas parecia sempre que faltava alguma coisa a essas mulheres. Segundo ele, acabavam por se revelar superficiais, ou pouco inteligentes, ou não partilhavam dos seus valores e, assim, acabava com essas relações. A sua amante casada aceitava-o

sempre de volta. O marido dela era rico, mas faltava-lhes paixão. Ela nunca o deixaria, nem à confortável vida que levavam.

"És diferente das outras" garantia Bob a Elisabeth. "Temos muito mais em comum." Disse a Elisabeth que ela era mais inteligente e bonita que todas as outras e que ele sabia que a sua relação podia durar.

Elisabeth convenceu-se de que Bob tinha razão. "Ele esteve ali o tempo todo e eu nunca tinha realmente reparado nele" pensou. "Por vezes a resposta está mesmo à frente dos nossos olhos e não a vemos."

Ela esqueceu-se de que a razão por que nunca tinha reparado em Bob e na sua beleza loira era o facto de nunca se ter sentido atraída por ele. Estava só e desesperada pelo abraço de um homem. Escutou a cabeça e ignorou os avisos do coração.

O primeiro encontro foi muito prometedor. Saíram para jantar fora, foram ao cinema e conversaram intimamente na praia enquanto olhavam as ondas batidas pelo vento sob a luz branca de uma lua quase cheia. "Eu podia apaixonar-me por ti" disse-lhe ele, acenando-lhe com uma promessa que nunca seria cumprida. A sua cabeça escutou cuidadosamente cada palavra, ignorando a ausência de resposta do seu coração.

O segundo encontro também correu bem. Ela divertiu-se e sentiu que ele também. O seu afecto parecia genuíno e começou a falar de sexo num futuro. Mas nunca voltou a telefonar.

Finalmente, ela telefonou-lhe. Ele disse-lhe que a queria ver outra vez, mas estava muito ocupado e era difícil escolher a altura certa. Assegurou-lhe que não tinha mudado de opinião acerca dela. *Queria* realmente vê-la; só não podia dizer-lhe quando.

"Por que escolho sempre falhados?" perguntou-me. "O que há de errado comigo?"

"A Elisabeth não escolhe falhados" disse-lhe. "Ele é um homem bem sucedido e simpático que lhe disse que estava interessado e disponível. Não se recrimine."

Não o disse, mas por dentro sabia que ela estava certa. Ela *estava* a escolher falhados, neste caso um falhado emocional. O que sucedia é que ele não podia deixar a segurança da sua amante casada. Preferia ficar dependente e "seguro". Elisabeth tomou-se a vítima do seu medo e da sua falta de coragem. Melhor agora que mais tarde, pensei. Elisabeth era forte; recuperaria.

Ela perguntou-me se ainda tínhamos tempo para uma regressão. Sentia que alguma coisa importante estava perto da superfície e estava ansiosa por descobrir, pelo que prosseguimos.

Mas, depois de ela emergir numa vida passada, não fiquei seguro de ter tomado a decisão certa.

Ela estava numa terra de grandes planícies ondulantes e montes achatados no topo. Uma terra com animais semelhantes a iaques e pequenos e ágeis cavalos, grandes tendas redondas e gente nómada. Era uma terra de paixão, e uma terra de violência.

O marido estava fora com a maioria dos outros homens, a caçar ou em incursões bélicas. O inimigo atacou, lançando vagas de cavaleiros sobre os poucos

defensores. Os pais do marido foram mortos primeiro, mutilados por espadas largas e afiadas. O seu bebé morreu a seguir trespassado por uma lança. Um arrepio agitou o seu espírito. Ela também queria morrer, mas tal não era o seu destino. Capturada pelos jovens guerreiros devido à sua beleza, tornou-se propriedade do mais forte da horda invasora. Algumas outras mulheres jovens foram também poupadas.

"Deixem-me morrer!" rogou ao seu captor, mas ele não o permitiu.

"Agora és minha" disse simplesmente. "Vais viver na minha tenda e serás a minha mulher."

Com excepção do seu marido que nunca mais veria, todos os seus entes queridos estavam mortos. Não tinha escolha. Várias vezes tentou escapar, apenas para ser rapidamente apanhada. As suas tentativas de suicídio eram igualmente impedidas.

Tornou-se dura, e a sua depressão transformou-se numa raiva latente, devorando a sua capacidade de amar. O seu espírito murchou, e ela apenas existia, um coração empedernido preso num corpo vivo. Nenhuma prisão podia ser tão redutora ou tão cruel.

"Vamos recuar no tempo" sugeri. "Vamos recuar para antes do ataque à aldeia." Conteí de três para um.

"O que é que vê?" perguntei.

Agora o seu rosto estava sereno e calmo enquanto recordava os anos anteriores, crescendo, rindo e brincando com o homem com quem acabaria por casar. Amava profundamente este amigo de infância e ele retribuía-lhe este amor. Estava em paz.

"Reconhece o homem com quem casou? Olhe para os seus olhos." "Não, não conheço" respondeu finalmente.

"Olhe para as outras pessoas da aldeia. Reconhece alguém?" Ela observou atentamente os parentes e amigos naquela vida. "Sim... sim, a minha mãe está ali!" proferiu Elisabeth alegremente. "Ela é a mãe do meu marido. Somos muito unidas. Quando a minha mãe morreu ela acolheu-me como a uma filha. Eu reconheço-a!"

"Reconhece mais alguém?" inquirei.

"Ela vive na tenda maior, com as bandeiras e as penas brancas" respondeu, ignorando a minha pergunta.

O seu rosto ensombrou-se.

"Também a mataram!" lamentou, saltando de novo para o massacre.

"Quem é que a matou? De onde é que eles vieram?"

"Do Leste, para lá do muro... Foi para ali que me levaram." "Sabe qual é o nome da terra deles?"

Ela pensou antes de responder. "Não. Parece ser algures na Ásia, no norte. Talvez o oeste da China... Temos traços orientais." "Está bem" retorqui. "Vamos avançar no tempo, nessa vida. O que é que acontece?"

"Finalmente deixaram que me matasse, depois de ter envelhecido e já não ser tão atraente" respondeu, sem muita emoção. "Acho que se fartaram de mim" acrescentou.

Ela estava agora a flutuar, tendo deixado o seu corpo.

Pedi-lhe para rever a sua vida. "O que é que vê? Quais foram as lições? O que é que aprendeu?"

Elisabeth permaneceu em silêncio por alguns momentos. E, então, respondeu: "Aprendi muitas coisas. Aprendi sobre o ódio e a loucura que é permanecermos agarrados a ele. Podia ter trabalhado com as crianças mais pequenas, com os mais idosos, com os doentes, na cidade inimiga. Podia tê-los ensinado. . . Podia tê-los amado... mas nunca me permiti amar. Nunca permiti que a minha raiva se dissipasse. Nunca me permiti abrir mais uma vez o meu coração. E essas crianças, no mínimo, estavam inocentes. Eram almas a entrar naquele novo mundo. Não tinham nada a ver com o assalto, com a morte dos meus entes queridos. E, no entanto, também os culpei. Transferi o ódio mesmo para as nova gerações e isso é uma loucura. Podia magoá-los, mas acima de tudo magoei-me a mim. . . Nunca me permiti amar de novo." Ela fez uma pausa. "E tinha muito amor para dar."

Fez mais uma pausa e então pareceu falar de um nível ainda mais elevado.

"O amor é como um fluido" começou. "Preenche as fendas. Enche os espaços vazios ao seu próprio ritmo. Somos nós, são as pessoas que o impedem construindo falsas barreiras. E quando o amor não pode encher os nossos corações e as nossas mentes, quando estamos desligados das nossas almas, que são amor, então, todos nos tornamos loucos."

Pensei nas suas palavras. Sabia que o amor era importante, talvez a coisa mais importante do mundo. Mas nunca me tinha apercebido de que a ausência de amor podia levar-nos à loucura.

Lembrei-me das famosas experiências do psicólogo, Dr. Harry Harlow, em que jovens macacos privados do toque, carinho e amor se tornavam completamente sociais, fisicamente doentes e até morriam. Não sobreviviam intactos à falta de amor. Amar não é uma opção. É uma necessidade.

Voltei a Elisabeth. "Olhe para a frente no tempo. Como é que o que aprendeu então a afecta agora? Como é que esta aprendizagem, esta recordação, pode ajudá-la na sua vida actual a sentir-se mais feliz, mais cheia de paz, de amor?"

"Devo aprender a soltar a raiva, a não contê-la dentro de mim, a reconhecê-la, a reconhecer as suas origens e deixá-la ir. Devo sentir-me livre para amar, não me conter, e no entanto ainda o faço. Não encontrei ninguém para amar completamente, incondicionalmente. Parece haver sempre um problema.

Ela manteve-se silenciosa durante meio minuto. Subitamente, começou a falar com uma voz muito mais profunda e lenta que o habitual. O quarto estava muito frio.

"Deus é uno" começou. Lutava para encontrar as palavras adequadas. "Tudo é uma vibração, uma energia. A única diferença é a frequência da vibração. Assim, Deus, os homens e as rochas têm a mesma relação que o vapor, a água e o gelo. Tudo, tudo o que existe, é feito do todo. O Amor derruba as barreiras e cria a unidade. A ignorância cria barreiras, desunião e diferença. Deves ensinar-lhes estas coisas."

Este foi o final da mensagem. Elisabeth descansava.

Pensei nas mensagens de Catherine que pareciam tão semelhantes às de Elisabeth. Até o quarto ficava frio quando Catherine transmitia estas mensagens, tal como quando Elisabeth o fazia. Meditei nas suas palavras. Curar é o acto de

unir, remover as barreiras. A separação é o que causa a dor. Por que é tão difícil para as pessoas compreender este conceito?

Apesar de ter conduzido mais de um milhar de regressões individuais a vidas passadas com os meus pacientes, e muito mais em grupos, tive apenas uma meia dúzia destas experiências na minha vida. Tinha tido algumas recordações em sonhos vívidos e durante um tratamento de shiatsu, ou acupressão. Algumas destas estão descritas no meus livros anteriores.

Quando a minha mulher, Carole, terminou o curso de hipnoterapia para enriquecer as suas habilitações como assistente social, conduziu-me nalgumas sessões de regressão a vidas passadas. Queria fazer a experiência com alguém em quem confiasse e que estivesse bem treinado.

Praticava meditação há anos, e entrei profunda e rapidamente em hipnose. Quando as memórias começaram a fluir na minha mente, eram primordialmente visuais e bastante intensas como as imagens nos meus sonhos.

Podia ver-me como um rapaz jovem pertencente a uma família judia abastada em Alexandria, por volta do tempo de Cristo. A nossa comunidade, sabia-o de uma forma ou outra, ajudara a financiar as enormes portas douradas do Grande Templo em Jerusalém. Os meus estudos incluíam grego e a filosofia dos antigos Gregos, especialmente os seguidores de Platão e Aristóteles.

Lembrei-me de um fragmento da minha vida como esse jovem, quando tentei aumentar a minha educação clássica viajando através das comunidades clandestinas nos desertos do sul e grutas da Palestina, e pelo norte do Egipto. Cada comunidade era uma espécie de centro de aprendizagem, geralmente de conhecimento místico e esotérico. Algumas destas eram provavelmente aldeias essénias.

Viajei de forma muito simples, levando apenas alguma comida e roupa. Quase tudo o que precisava era arranjado ao longo do caminho. A minha família tinha dinheiro e éramos conhecidos destas gentes.

O conhecimento espiritual que estava a adquirir era excitante e rápido, e estava a apreciar a viagem.

Durante várias semanas, ao longo do caminho de comunidade para comunidade, fui acompanhado por um homem da minha idade. Era mais alto do que eu e tinha uns olhos castanhos intensos. Ambos usávamos túnicas e turbantes na cabeça. Ele emanava paz, e à medida que estudávamos juntos com os sábios das aldeias, ele apreendia os ensinamentos muito mais rapidamente que eu. Mais tarde ensinava-me, quando acampávamos no deserto à volta das fogueiras.

Depois de algumas semanas, separámo-nos. Fui estudar para uma pequena sinagoga perto da Grande Pirâmide e ele foi para Oeste.

Muitos dos meus doentes, incluindo Elisabeth e Pedro, recordaram vidas na área da antiga Palestina. Muitos recordaram o Egipto. Tanto para mim, quanto para eles, as imagens presenciadas foram extremamente vívidas e reais.

20

Ó tu, adolescente ou jovem, que te julgas esquecido dos deuses, sabe que se te tornares pior irás para as piores almas, ou se melhorares para as melhores, e que em qualquer sucessão de vida e morte farás e sofrerás o que alguém pode de igual modo sofrer às mãos do seu semelhante.

Esta é a justiça do céu.

PLATÃO

Na vida, por vezes, os acontecimentos mais significativos estão em cima de nós antes de darmos por isso, tal como a aproximação silenciosa de um gato selvagem. Como é que podemos não ter reparado numa coisa de tal importância? É que a camuflagem é psicológica.

A negação, o acto de não ver o que é evidente, porque na realidade não se quer ver, é o maior dos disfarces. Adicione-se a isto a fadiga, distrações, racionalizações, fugas mentais e todos as outras preocupações da mente que se erguem no caminho. Felizmente, a persistência do destino pode arredar os disfarces e fazer-nos ver aquilo que precisamos de ver, fazendo o facto principal destacar-se do pano de fundo, como num caleidoscópio.

Ao longo dos últimos quinze anos, tratei com frequência casais e famílias que descobriram ter estado juntos em vidas passadas. Por vezes regredi casais que simultaneamente e pela primeira vez se descobriram a interagir na mesma vida passada. Para eles estas revelações são frequentemente chocantes. Nunca antes tinham vivido nada assim.

Ficam em silêncio enquanto as cenas se desenrolam no meu consultório. Só depois, ao sair do tranquilo estado hipnótico é que descobrem que estiveram a observar as mesmas cenas, a sentir as mesmas emoções. Só então é que também eu me torno consciente das suas ligações passadas.

Mas no caso de Elisabeth e Pedro tudo se passou ao contrário. As suas vidas presentes e passadas desenrolavam-se independente e separadamente no meu gabinete. Não se conheciam. Nunca se tinham encontrado. Provinham de países e culturas diferentes. Vinham ao meu gabinete em dias diferentes. Vendo-os separadamente e nunca tendo suspeitado da existência de um elo entre eles, nunca tinha feito qualquer conexão. Eles tinham-se amado e perdido mutuamente ao longo de vidas passadas.

Por que não o vi antes? Seria isto também o meu destino? É suposto que eu seja um "casamenteiro" cósmico? Estaria distraído, cansado, em negação? Estaria a racionalizar as "coincidências"? Ou estava eu a agir mesmo na altura precisa, a ideia na sua alvorada, tal com sempre esteve planeado?

Uma noite apercebi-me. "Eli?" Tinha ouvido isto de Elisabeth semanas antes, no meu gabinete.

Mais cedo, nesse mesmo dia, Pedro não tinha conseguido lembrar-se do seu nome. Em transe hipnótico, tinha surgido numa vida antiga, que já tinha recordado anteriormente. Nessa vida, ele tinha morrido ao ser arrastado por soldados vestidos

de couro. A sua vida tinha-se esvaído enquanto a sua cabeça descansava no colo da sua querida filha, que o embalava ritmadamente com desespero.

Talvez houvesse mais a aprender dessa vida. Mais uma vez, recordou ter morrido nos braços dela, a vida a fugir-lhe. Pedi-lhe para olhar para ela atentamente, para olhar profundamente para os seus olhos e ver se a reconhecia como alguém na sua vida actual.

"Não" respondeu tristemente. "Não a conheço."

"Sabe o seu nome?" perguntei, levando toda a sua atenção a concentrar-se nessa vida antiga na Palestina.

Ele reflectiu. "Não" disse finalmente.

"Vou tocar-lhe ao de leve na testa enquanto conto de três para um. Deixe o seu nome vir à sua cabeça, à sua consciência. Qualquer nome que ocorra está bem."

Nenhum nome lhe ocorreu.

"Não sei o meu nome. Nada me ocorre!"

Mas subitamente algo explodiu dentro de mim, uma explosão de luz, de compreensão, súbita, clara e nítida.

"Eli" disse alto. "O seu nome é Eli?"

"Como é que sabe?" respondeu ele das profundezas do tempo. "Esse é o meu nome. Uns chamam-me Elihu, e outros Eli... Como é que sabe? Também estava lá?"

"Não sei" respondi honestamente. "Apenas me ocorreu." Fiquei estupefacto com toda a situação. Como é que eu sabia? Já tinha tido rasgos intuitivos ou psíquicos antes, mas não frequentemente. Isto era mais como se eu me lembrasse de alguma coisa do que como se estivesse a receber uma mensagem psíquica. Lembrasse o quê? Não consegui situá-lo. Tentei lembrar-me, mas não consegui.

Sabia por experiência que devia deixar de tentar lembrar-me. Deixa, continua com o que tens a fazer, a resposta provavelmente vir-te-á à consciência espontaneamente, mais tarde.

Faltava uma peça importante de um estranho puzzle. Podia sentir a sua ausência, sugerindo uma ligação crucial que ainda faltava descobrir. Mas uma ligação com quê? Tentei, não com muito sucesso, concentrar-me noutras coisas.

Mais tarde nessa noite, a peça que faltava surgiu súbita, mas suavemente, na minha mente. De repente, tornou-se consciente. Tinha a ver com Elisabeth. Há cerca de dois meses ela tinha voltado a contar uma trágica, mas comovente, vida passada, em que fora filha de um oleiro na antiga Palestina. O seu pai tinha sido morto "acidentalmente" por soldados romanos, depois de o terem arrastado atrás de um cavalo. Os soldados não se tinham importado muito com isso. O corpo dilacerado, a cabeça ensanguentada, tinha sido embalado pela filha enquanto morria na estrada poeirenta.

Ela tinha recordado o nome dele naquela vida. O seu nome era Eli.

Agora o meu cérebro trabalhava febrilmente. Os pormenores das duas vidas na Palestina encaixavam. As recordações de Pedro e Elisabeth daquela vida interligavam-se perfeitamente. Descrições físicas, acontecimentos e nomes eram iguais. Pai e filha.

Já trabalhei com muita gente, geralmente casais, que se encontram em vidas anteriores. Muitos reconhecem as suas almas gémeas, viajando juntos através dos tempos para estarem mais uma vez unidos na vida actual.

Nunca antes me tinha deparado com almas gémeas que ainda não se tivessem encontrado na vida presente. Neste caso, almas gémeas que tinham viajado quase dois mil anos para estarem novamente juntas. Tinham percorrido todo esse caminho. Estavam a centímetros e a minutos um do outro, mas ainda não tinham feito a conexão.

Em casa, com as suas fichas arquivadas no meu gabinete, tentei lembrar-me de algo que apontasse encontros noutras vidas. Não, não como monges. Uma história, mas não duas, pelo menos por enquanto. Também não nos caminhos de comércio da Índia, nem nos pântanos de mangues na Florida, nem nas Américas Espanholas infestadas de malária, nem na Irlanda, pelo menos até então. Estas eram as únicas vidas que conseguia recordar.

Outro pensamento começou a aparecer. Talvez *tivessem* estado juntos em algumas ou todas essas vidas, mas não se tivessem reconhecido um ao outro, porque nunca se tinham encontrado no presente. Nesta vida não existia nenhum rosto, nome, indicação, nada que permitisse a ligação com pessoas nas encarnações prévias.

Então lembrei-me da China Ocidental de Elisabeth, das velhas e extensas planícies onde o seu povo tinha sido massacrado e onde ela e outras raparigas tinham sido capturadas. Nessas mesmas planícies, que Pedro indicou como sendo a Mongólia, ele tinha encontrado a sua família, os seus, o seu povo destruído, quando regressou.

Pedro e eu tínhamos suposto que a sua jovem esposa tinha sido morta no meio do caos, destruição e desespero descritos na sua recordação. Mas não tinha. Tinha sido capturada e levada para o resto da vida, nunca mais sendo defendida pelos fortes braços do seu marido mongol.

Agora aqueles braços tinha voltado através das incertas névoas do tempo para abraçá-la mais uma vez, para a apertar docemente contra o peito. Mas eles ainda não o sabiam. Apenas eu sabia.

Pai e filha. Namorados de infância. Marido e mulher. Quantas mais vezes, através da história, teriam eles partilhado as suas vidas e o seu amor? Estavam de novo juntos, mas não sabiam.

Ambos estavam sós, ambos sofriam ao longo dos seus caminhos. Ambos morriam à míngua e, no entanto, havia um banquete à sua espera, um banquete que eles não podiam cheirar ou saborear.

Eu estava severamente limitado pelas "leis" da psiquiatria, se não pelas mais subtis regras do karma. A lei mais estrita é a da privacidade ou da confidencialidade. Se a psiquiatria fosse uma religião, quebrar a confidencialidade de um paciente seria um dos seus pecados capitais. No mínimo, essa quebra seria considerada procedimento condenável. Não podia falar de Elisabeth a Pedro, nem de Pedro a Elisabeth. Qualquer que fosse o karma ou as consequências espirituais de intervir no livre arbítrio de outro, as consequências da violação da principal lei da psiquiatria eram muito claras.

As consequências espirituais não me teriam detido. Podia apresentá-los e deixar que o destino seguisse o seu rumo. As consequências profissionais aterravam-me.

E se eu estivesse errado? E se uma relação entre eles se iniciasse, azedasse e acabasse mal? Podia surgir raiva e amargura. Como é que isto se reflectiria nos sentimentos deles em relação a mim como terapeuta em que confiavam? Haveria retrocesso nos seus progressos clínicos? Iria todo o bom trabalho terapêutico ser desfeito? Existiam riscos bem definidos.

Também tinha que examinar os meus motivos subconscientes. Estaria a minha necessidade de ver os meus pacientes tornar-se mais felizes e saudáveis, de encontrar paz e amor nas suas vidas, a afectar o meu juízo? Estariam as minhas próprias necessidades a levar-me a atravessar a fronteira da ética psiquiátrica?

A opção mais fácil seria deixar tudo com estava, não dizer nada. Não havendo mal feito, não há consequências. Na dúvida, não fazer nada.

Escrever ou não *Muitas Vidas, Muitos Mestres* foi uma decisão semelhante e muito difícil. Escrever o meu primeiro livro pôs em perigo toda a minha carreira profissional. Depois de quatro anos de hesitação decidi escrevê-lo.

Mais uma vez, decidi arriscar. Iria intervir. Iria tentar empurrar o destino. Como concessão ao meu treino e aos meus medos, iria fazê-lo o mais cuidadosa e subtilmente possível.

As cenas e pormenores de épocas históricas específicas lembradas por Elisabeth, Pedro, e muitos outros dos meus doentes, são muito semelhantes. Estas imagens não são necessariamente como aquelas que aprendemos na catequese, nos livros de história ou na televisão.

São semelhantes porque provêm de memórias reais. Carolina Gomez, a anterior Miss Colômbia e primeira dama de honor no concurso de Miss Universo de 1994, recordou numa regressão ser um homem nu esquartejado por cavalos de soldados romanos. Esta morte é semelhante à recordada por Pedro. Alguns outros pacientes lembram-se igualmente de mortes por esquartejamento, não apenas no tempo dos Romanos, mas, infelizmente, também em muitas outras culturas.

Uma paciente minha do Colorado recordou ter sido raptada da sua tribo nativa americana e nunca mais ter visto a sua família. Eventualmente escapou, mas morreu no equivalente a uma enfermaria para doentes mentais, no velho Oeste. Quão semelhante é esta experiência à de Elisabeth na Ásia.

O tema da separação e perda é comum nas regressões a vidas passadas. Todos procuramos sarar as nossas feridas psíquicas. Esta necessidade de cura enfatiza a recordação de velhos traumas, que causam a nossa dor e os nossos sintomas, em vez da recordação de tempos serenos e pacíficos que não deixam cicatrizes.

Ocasionalmente, trabalho com duas ou mais pessoas ao mesmo tempo. Quando o faço, não deixo que nenhum deles fale, uma vez que poderiam perturbar-se uns aos outros. Recentemente, no meu gabinete, fiz regredir um casal simultaneamente. As suas regressões silenciosas tomaram todo o tempo da sessão e não tivemos tempo para rever as suas experiências.

O casal saiu do gabinete e começou a comparar notas. Incrivelmente, tinham vivido juntos uma vida passada. Ele tinha sido um oficial inglês nas treze colónias, ela era uma mulher que ali vivia. Conheceram-se e apaixonaram-se profundamente. Ele foi mandado

regressar a Inglaterra e nunca mais voltou para visitar o seu amor. Ela ficou devastada com a perda e, no entanto, não havia nada que qualquer um deles pudesse fazer. A sociedade colonial e os militares ingleses seguiam estritas regras e costumes.

Ambos viram e descreveram a mulher colonial nas mesmas roupas antigas. Ambos descreveram o navio no qual ele tinha partido das colónias para voltar para Inglaterra e a triste e dolorosa separação que tinha ocorrido na altura. Todos os detalhes das suas recordações coincidiam.

As suas memórias também ilustravam os problemas na sua relação actual. Um grande problema era o medo quase obsessivo que ela tinha da separação e a necessidade constante que ele sentia de voltar e assegurar-lhe que não a abandonaria. O medo dela e a necessidade dele não tinham qualquer razão de ser na realidade da relação actual. O padrão tinha as suas raízes nos tempos coloniais.

Outros terapeutas que usam a regressão a vidas passadas estão a deparar-se com os mesmos resultados. Os traumas surgem mais frequentemente que as memórias pacíficas. As cenas de morte são importantes, porque são frequentemente traumáticas. As vidas passadas parecem familiares e as cenas relevantes parecem semelhantes, porque os mesmos temas e as mesmas invenções do homem surgiram em todos os tempos e em todas as culturas.

"O que aconteceu, de novo acontecerá; e o que se fez, de novo será feito: debaixo do Sol não há nenhuma novidade." (Eclesiastes 1:9.)

21

*Acreditando como acredito na teoria do
renascimento, vivo na esperança de que se não nesta
vida, talvez noutra qualquer possa vir a estreitar toda
a humanidade num abraço amigo.*
MOHANDAS K. GANDHI

Lutava contra o tempo que me pressionava. Pedro estava prestes a terminar a terapia e a mudar-se para o México de vez. Se Elisabeth e Pedro não se encontrassem em breve, ficariam em países diferentes e a probabilidade de se encontrarem nesta vida diminuiria drasticamente. Os seus sentimentos de tristeza e desgosto atenuavam-se. Os sintomas físicos, como a qualidade do sono, níveis de energia e apetite apresentavam melhorias em ambos os pacientes.

Mas a solidão e o desalento em encontrar uma relação amorosa satisfatória permaneciam intactos.

Antecipando o término da terapia de Pedro, tinha reduzido a frequência das suas consultas para uma vez de quinze em quinze dias. Não me restava muito tempo.

Dispus de maneira que as suas próximas consultas fossem sequenciais, de forma que Pedro fosse atendido logo a seguir à Elisabeth no horário daquele dia. Toda a gente que saía e entrava no meu gabinete tinha de passar pela sala de espera.

Durante a sessão com Elisabeth, preocupava-me o facto de Pedro poder faltar à consulta. Coisas acontecem - os carros avariavam, surgem emergências, fica-se doente - e as consultas são adiadas.

Mas ele apareceu. Acompanhei Elisabeth à sala de espera. Olharam um para o outro e os seus olhos demoraram-se mais do que um momento. Pude sentir o súbito interesse, o vislumbre de um mundo de possibilidades por baixo da superfície. Ou seria apenas um desejo da minha parte?

A mente de Elisabeth rapidamente reassumiu o seu domínio usual, dizendo-lhe que ela necessitava de ir, ditando-lhe o comportamento apropriado. Voltou-se para a porta de saída e deixou o consultório.

Acenei a Pedro e entrámos no meu gabinete.

"Uma mulher muito atraente" comentou, enquanto se sentava pesadamente na grande cadeira de couro.

"Sim" respondi animadamente. "Também é uma pessoa muito interessante."

"Isso é bom" disse com um vago interesse. A sua atenção já tinha começado a divagar. Concentrou-se na tarefa de terminar as nossas sessões e passar para a próxima fase da sua vida. Tinha já empurrado o breve encontro com Elisabeth para fora da sua mente.

Nem Pedro nem Elisabeth deram seguimento àquele encontro na sala de espera. Nenhum deles pediu mais informação sobre o outro. A minha manipulação tinha sido demasiado subtil, demasiado vaga.

Duas semanas mais tarde, decidi sequenciar de novo as consultas. A não ser que decidisse ser mais directo e quebrar a confidencialidade falando directamente a um deles ou a ambos, esta seria a minha última oportunidade. Era a última consulta de Pedro antes de partir.

De novo olharam um para o outro quando a acompanhei à sala de espera. Os seus olhos encontraram-se e demoraram-se ainda mais desta vez. Pedro acenou com a cabeça e sorriu. Elisabeth sorriu de volta. Hesitou por um momento e então voltou-se para a porta e saiu.

Confia em ti mesma! pensei, tentando recordar-lhe mentalmente uma importante lição. Ela não respondeu.

Mais uma vez, Pedro não deu seguimento. Não me fez qualquer pergunta sobre ela. Estava absorvido pelos pormenores da sua mudança para o México e terminou a terapia naquele dia.

Talvez não esteja destinado a acontecer, pensei. Ambos estavam melhor, apesar de não estarem felizes. Talvez isso fosse o suficiente.

Nem sempre casaremos com a alma a que estamos mais fortemente ligados. Pode existir mais do que uma para nós, pois as famílias de almas viajam juntas. Podemos decidir casar com uma alma companheira à qual estamos menos ligados, uma que tenha algo específico para nos ensinar ou para aprender connosco. O reconhecimento de uma alma gémea pode acontecer mais tarde, depois de ambos estarmos comprometidos com as famílias da vida actual. Ou a alma a que estamos mais fortemente ligados pode ser um dos nossos pais, um filho, um irmão. Ou a ligação mais forte pode ser com uma alma que não tenha encarnado durante a nossa vida, mas que está a tomar conta de nós do outro lado, como um anjo da guarda.

Por vezes, a nossa alma gémea está disponível e disposta a uma relação. Ele ou ela podem reconhecer a paixão e a química entre os dois, os laços íntimos e

subtis que implicam ligações ao longo de muitas vidas. No entanto, ele ou ela podem ser prejudiciais para nós. É uma questão de desenvolvimento de almas.

Se uma alma é menos desenvolvida e mais ignorante do que a outra, traços de violência, avareza, ciúme, ódio e medo podem surgir na relação. Estas tendências são prejudiciais para a alma mais evoluída, mesmo vindo de uma alma gémea. Frequentemente, fantasias de salvamento surgem com o pensamento "Eu posso mudá-lo; posso ajudá-lo a crescer." Se ele não permitir a nossa ajuda, se no seu livre arbítrio decidir não aprender, não crescer, a relação está condenada.

Talvez haja outra oportunidade noutra vida, a não ser que ele acorde tarde, mas acorde, nessa mesma. Despertares tardios também acontecem.

Por vezes, as almas gémeas decidem não casar enquanto encarnadas. Fazem por se conhecer, por se manter juntas até que a tarefa acordada esteja cumprida e, então, continuam. Os seus projectos, os seus planos de aprendizagem para toda esta vida são diferentes e não querem ou não precisam de passar a vida juntas. O que não é uma tragédia, apenas uma questão de aprendizagem. Têm a vida eterna juntas, mas por vezes necessitam de participar em aulas separadas.

Uma alma gémea que esteja disponível, mas adormecida, é uma figura trágica e pode causar grande angústia. Adormecida significa que ele ou ela não vê a vida claramente, não está consciente dos vários níveis de existência. Adormecido significa não saber nada sobre almas. Geralmente é a consciência prática do quotidiano que impede o despertar.

Ouvimos as desculpas da mente todo o tempo. Sou demasiado jovem; necessito de mais experiência; ainda não estou pronto para assentar; és de uma religião diferente (ou raça, região, estrato social, nível intelectual, base cultural e assim sucessivamente). Isto são desculpas, pois as almas não possuem nenhum destes atributos.

A pessoa pode reconhecer a química. A atracção está lá em definitivo, mas a origem da química não é compreendida. É ilusório acreditar que essa paixão, esse reconhecimento da alma, essa atracção sejam facilmente encontrados de novo com outra pessoa. Não se tropeça numa alma gémea todos os dias, talvez só mais uma ou duas vezes numa vida. A graça divina pode recompensar um bom coração, uma alma cheia de amor.

Nunca nos devemos preocupar em encontrar a alma gémea. Tais encontros são coisa do destino. *Ocorrerão*. Depois do encontro, reina o livre arbítrio de ambas as partes. Que decisões são ou não tomadas é uma questão de livre arbítrio, de escolha. Os mais adormecidos tomarão decisões baseados na mente e em todos os seus medos e preconceitos. Infelizmente, isto muitas vezes resulta em corações partidos. Quanto mais desperto estiver o casal, maior a probabilidade de uma decisão ser baseada no amor. Quando os dois parceiros estão despertos, o êxtase está ao seu alcance.

22

*Lê-me, ó Leitor, se te agrada ler-me,
porque muito raramente
regressarei a este mundo.*
LEONARDO DA VINCI

Felizmente, mentes mais criativas do que a minha estavam a conspirar habilmente, das sublimes alturas, para conseguir um encontro entre Pedro e Elisabeth. O reencontro estava predestinado. O que se passasse em seguida seria com eles. Pedro ia em viagem de negócios a Nova Iorque. Depois de alguns dias ali, devia partir para Londres para duas semanas de negócios e férias antes de voltar para o México. Elisabeth ia a Boston para uma reunião de negócios e depois faria uma visita à sua companheira de quarto da faculdade. Iam viajar na mesma companhia aérea, mas em momentos diferentes.

Quando chegou à porta de embarque do aeroporto, Elizabeth soube que o seu voo para Boston tinha sido cancelado. Dificuldades mecânicas, disseram-lhe. O destino em acção.

Ficou aborrecida. Teria que telefonar à amiga e alterar os planos. A companhia aérea podia levá-la até Newark e daí podia apanhar a ligação para Boston, cedo, no dia seguinte. Tinha uma reunião de negócios importante logo de manhã a que não podia faltar. Sem o saber, estes novos planos punham-na no mesmo voo do Pedro. Ele já lá estava à espera da chamada do seu voo quando ela se aproximou da porta de embarque. Notando a sua presença pelo canto do olho, ele observou-a atentamente a fazer *o check in* no balcão e, depois, a sentar-se na sala de espera. Ela ocupou inteiramente a sua atenção. Reconheceu-a dos breves encontros na minha sala de espera.

Um sentimento de familiaridade, de interesse, inundou-o. Estava concentrado em Elizabeth enquanto ela abria um livro. Observava o seu cabelo, as suas mãos, as suas atitudes e movimentos. Parecia-lhe tão familiar! Ele tinha-a visto apenas por momentos na sala de espera. Porquê, portanto, esta sensação de familiaridade? Provavelmente já se tinham conhecido algures, antes dos encontros no consultório. Deu voltas à cabeça para encontrar a memória escondida desse lugar.

Ela sentiu-se observada, mas isto acontecia-lhe frequentemente. Tentou concentrar-se na leitura. Era difícil depois da apressada mudança de planos, mas a prática de meditação ajudava. Conseguiu limpar a sua mente e concentrar-se no livro.

Mas a sensação de estar a ser observada persistia. Olhou para cima e viu-o a fixá-la. Franziu o sobrolho, mas depois sorriu quando o reconheceu dos esquivos encontros na sala de espera. Instintivamente, sabia que aquele homem era seguro. Mas como é que o podia saber?

Olhou para ele mais um momento e voltou a tentar concentrar-se no livro, mas desta vez completamente incapaz de o fazer. O coração começou a bater mais depressa e a respiração acelerou. Ela sabia para além de qualquer dúvida que ele estava a ser atraído para ela e que em breve a abordaria.

Podia senti-lo a aproximar-se. Ele apresentou-se e começaram a falar. A atracção era mútua, imediata e muito forte. Alguns minutos depois ele sugeriu que trocassem os lugares no avião para poder ir juntos.

Eram mais do que conhecidos antes do avião levantar voo. Pedro parecia-lhe tão familiar. Ela sabia claramente como ele se moveria, o que diria. Elisabeth era muito intuitiva em criança. Os valores e crenças da sua educação conservadora do oeste central tinham recalcado os seus talentos intuitivos, mas agora todas as suas antenas estavam de pé e a funcionar em pleno.

Pedro não podia desviar os olhos do rosto dela. Nunca se tinha sentido tão cativado pelos olhos de alguém. Os dela tinham uma tal claridade e profundidade. Azul do céu com um anel de azul escuro a circundá-los, pequenas ilhas cor de avelã a flutuar no mar azul que o engolia.

Mentalmente, ouviu mais uma vez as palavras da angustiada mulher de vestido branco, a mulher que tinha aparecido no seu sonho recorrente.

"Dá-lhe a mão... estende-lhe a mão."

Hesitou. Queria segurar-lhe a mão. Ainda não, pensou. Mal a conheço.

Algures, perto de Orlando, o mau tempo começou a sacudir o avião enquanto este sulcava os céus nocturnos. Uma súbita turbulência assustou-a e uma breve expressão de ansiedade atravessou-lhe o rosto.

Pedro notou-o de imediato e a sua mão agarrou a dela para a reconfortar. Sabia que o faria.

O seu coração foi sacudido como que por uma corrente eléctrica, naquele instante.

Elisabeth podia sentir vidas passadas a ser despertadas pela corrente.

A conexão estava feita.

Quando tomamos decisões importantes devemos escutar o nosso coração, a nossa própria sabedoria intuitiva, especialmente ao decidir sobre um presente do destino, como uma alma gémea. O destino deporá o seu presente precisamente aos nossos pés, mas o que faremos em seguida com esse presente cabe-nos a nós decidir. Se nos basearmos exclusivamente nos conselhos dos outros, poderemos cometer erros terríveis. O nosso coração sabe do que necessitamos. Outras pessoas podem ter outros projectos.

O meu pai, bem intencionado, mas parcialmente cego pelos seus medos, foi contra os meus planos de casar com Carole. Quando olho para trás, constato que Carole foi um dos maravilhosos presentes do destino, uma alma companheira através dos séculos, surgindo de novo como uma bonita rosa a florescer na sua estação.

O nosso problema era sermos demasiado jovens. Quando a conheci tinha apenas dezoito anos e acabava o meu ano de caloiro na Columbia. Carole tinha dezassete, estava quase a começar a faculdade. Depois de alguns meses sabíamos que queríamos ficar juntos para sempre. Não tinha vontade de sair com mais ninguém, apesar dos avisos da família de que éramos muito jovens, que eu não tinha experiência suficiente para tomar uma decisão para a vida tão crítica. Eles não entendiam que o meu coração tinha a experiência dos incontáveis séculos, que eu tinha a certeza, para além de qualquer compreensão racional. Era inconcebível que não ficassemos juntos.

A linha de raciocínio do meu pai era clara. Se eu e Carole casássemos e tivéssemos um filho, eu poderia ter de largar os estudos, e as minhas esperanças de me tornar médico seriam destruídas. De facto, isso tinha acontecido ao meu pai. Ele tinha estudado medicina na Faculdade de Brooklyn durante a II Guerra Mundial, mas o meu nascimento tinha-o obrigado a ir trabalhar depois de cumprir o serviço militar. Nunca voltou à faculdade de medicina, e os seus sonhos de ser médico nunca se concretizaram. Esses sonhos tornaram-se na frustração amarga de um potencial não realizado, sempre presente, e o inerente receio era gradualmente transferido para os seus filhos.

O amor dissipa o medo. O nosso amor eliminou lentamente os seus medos e a projecção destes em nós. Acabámos por casar após o meu primeiro ano na faculdade de medicina, quando Carole acabou o secundário. O meu pai passou a amar Carole como a uma filha e abençoou o nosso casamento.

Quando as nossas intenções, o nosso sentimento visceral, o nosso coração espiritual nos dizem o mesmo, para além de qualquer dúvida, não nos devemos deixar persuadir pelos argumentos baseados nos medos dos outros. Por vezes com boas intenções, outra vezes nem com elas, podem fazer-nos perder para sempre a nossa alegria.

23

*Não é mais surpreendente ter-se nascido duas vezes
do que apenas uma; tudo na Natureza é
ressurreição.*
VOLTAIRE

Elisabeth telefonou-me de Boston. Tinha prolongado as suas férias. Pedro tinha voltado de Londres logo depois de ter concluído o seu negócio. Também estava em Boston para estar com Elisabeth. Já estavam apaixonados.

Tinham começado a comparar as suas experiências de vidas passadas que ambos recordavam vividamente. Estavam a descobrir-se um ao outro novamente.

"Ele é realmente especial" comentou ela. "A Elisabeth também" lembrei-a.

No seguimento das minhas experiências com Elisabeth e Pedro, o exercício da minha profissão deu um salto indescritivelmente belo para o campo místico e mágico. Quando conduzo grandes *workshops* nos quais cada participante tem a oportunidade de experimentar estados de hipnose e relaxamento profundos, a frequência de acontecimentos mágicos aumenta dramaticamente.

A gama de experiências vai muito para além de vidas passadas e reencarnações. Acontecimentos espirituais e místicos de grande beleza surgem com frequência e com o poder de transformar a vida. Fui abençoado pelo dom de tomar possíveis estes acontecimentos. Eis o que se passou num período de duas semanas.

Uma repórter de um jornal local participou numa série de fim-de-semana de seminários e *workshops* em Boston. Escreveu o seguinte:

Muitas pessoas nos *workshops* de Weiss de regressão a vidas passadas relatam experiências emocionais e espirituais profundas. Um dos exercícios foi particularmente dramático.

Weiss tinha apagado as luzes na sala e pedido a toda a gente para encontrar um parceiro. Instruiu os pares para olhar um para o outro durante vários minutos enquanto ele conduzia a meditação com a sua voz.

Quando o exercício terminou, duas mulheres que nunca se tinham conhecido revelaram o facto de cada uma se ter visto como irmã da outra.

Uma mulher disse que via repetidamente uma freira na face da sua parceira. Quando o disse a esta, a mulher replicou que na sessão do dia anterior tinha tido a recordação de uma vida passada na qual havia sido freira.

Mais espantoso foi uma mulher da região que viu na face da sua parceira o seu irmão de dezanove anos e meio que tinha morrido na Segunda Guerra Mundial.

Esta era uma jovem vinda do Wisconsin que explicou que também ela tinha tido no dia anterior a recordação de uma vida passada em que era um rapaz de dezanove anos e meio com botas da tropa e uniforme de combate, morto numa guerra que teria que ter ocorrido antes da do Vietname. A cura vivida pela mulher da região era palpável na sala.

"O amor dissipa a raiva" disse Weiss. "Essa é a parte espiritual. O Valium não o faz. O Prozac não o faz."

E o amor cura a dor.

A brilhante psicoterapeuta, bióloga celular e autora, Dra. Joan Borysenko, estava de pé ao meu lado, participando na minha palestra sobre "Implicações Espirituais da Terapia através de Vidas Passadas", na conferência de Boston.

Os seus olhos azuis piscavam enquanto ela contava uma história passada há dez anos. Nessa altura, ela era uma investigadora muito conceituada na Faculdade de Medicina de Harvard. Durante uma conferência sobre nutrição, a decorrer num hotel de Boston, em que Joan era uma das oradoras, aconteceu encontrar o seu chefe que participava numa conferência médica no mesmo hotel. Ele ficou surpreendido por vê-la ali.

De volta ao trabalho, ameaçou-a. Se mais alguma vez ela utilizasse o nome da Universidade de Harvard para um assunto tão frívolo como uma conferência sobre nutrição, não trabalharia mais em Harvard.

Os tempos mudaram muito desde essa época, mesmo em Harvard. Não só a nutrição é actualmente uma área importante de ensino e investigação, mas também alguns membros do corpo docente de Harvard confirmam e desenvolvem o meu trabalho de terapia por regressão a vidas passadas.

No fim-de-semana seguinte dirigi um seminário de dois dias em San Juan, Porto Rico. Cerca de quinhentas pessoas participaram e mais uma vez houve magia. Muitas pessoas recordaram experiências da primeira infância, intra-uterinas e vidas passadas. Um participante, um psiquiatra forense respeitado em Porto Rico, foi ainda mais longe.

Durante uma meditação guiada no segundo dia da conferência, os seus olhos interiores aperceberam-se da imagem enevoada de uma mulher jovem. Ela aproximou-se dele.

"Diz-lhes que estou bem" pediu. "Diz-lhes que a Natasha está bem."

O psiquiatra sentiu-se "muito idiota" enquanto relatava a sua experiência a todo o grupo. Afinal, ele nem conhecia ninguém que se chamasse Natasha. O próprio nome é uma raridade em Porto Rico. E a mensagem referida pela fantasmagórica rapariga não tinha qualquer relação com nada que se estivesse a passar na conferência ou na sua própria vida.

"A mensagem tem algum significado para alguém aqui presente?" perguntou o psiquiatra à audiência.

De repente, uma mulher gritou do fundo do auditório. "A minha filha, a minha filha!"

A sua filha, que tinha morrido subitamente há apenas seis meses com pouco mais de vinte anos, chamava-se Ana Natália. A mãe, e apenas a mãe, chamava-lhe Natasha.

O psiquiatra nunca tinha conhecido ou ouvido falar de Natasha ou da sua mãe. Estava tão desconcertado com esta experiência quanto a mãe. Quando ambos recobram a compostura, a mãe de Natasha mostrou-lhe uma fotografia da filha. O psiquiatra empalideceu. Aquela era exactamente a mulher jovem cuja nublada figura se tinha aproximado dele com a sua espantosa mensagem.

No fim-de-semana seguinte, dei uma conferência na cidade do México. Mais uma vez, magia maravilhosa brotava a toda a volta. A sensação familiar de excitação acontecia com espantosa regularidade.

Depois da meditação, uma mulher na audiência começou a chorar de alegria. Tinha acabado de viver a recordação de uma vida passada na qual o seu actual marido era seu filho. Esta mulher tinha sido um homem na Idade Média e, nessa época como pai, tinha-o abandonado. Na sua vida actual, o marido receava constantemente que ela o deixasse. Este medo não tinha uma base racional na vida presente. Ela nunca tinha ameaçado deixá-lo. Tentava constantemente acalmá-lo, mas a sua enorme insegurança devastava a sua vida e envenenava a sua relação.

Agora, ela compreendia a verdadeira causa do terror do marido. Correu a telefonar-lhe, explicando-lhe o que se tinha passado e assegurando-lhe que nunca voltaria a abandoná-lo.

Às vezes, os problemas nas relações podem ser resolvidos com uma rapidez incrível.

No fim do segundo dia do seminário, enquanto autografava os meus livros, uma mulher atravessou a fila, chorando suavemente. "Muito obrigada!" sussurrou enquanto pegava na minha mão. "Não sabe o que fez por mim!"

"Há dez anos que tenho dores fortíssimas na parte superior das costas. Fui a médicos aqui, em Houston e em Los Angeles. Ninguém foi capaz de me ajudar e sofri de forma terrível. Ontem, na regressão, vi-me como sendo um soldado a ser apunhalado nas costas, mesmo abaixo do pescoço. Mesmo onde está a minha dor. A dor desapareceu pela primeira vez em dez anos e ainda não voltou!"

Ela estava tão feliz que não conseguia parar de rir e de chorar ao mesmo tempo.

Ultimamente, tenho dito às pessoas que a terapia por regressão pode demorar semanas ou meses até funcionar, que não devem desanimar, pois o processo parece fazer-se lentamente. Esta senhora mostrou-me que os progressos podem ser incrivelmente rápidos.

Enquanto ela se afastava, pensei que outros milagres traria o futuro.

Quanto mais vejo os meus pacientes e participantes de workshops recordar memórias das suas vidas passadas, e quanto mais vezes testemunho as suas experiências mágicas e místicas, mais tenho presente que o conceito de reencarnação é apenas uma ponte.

Os resultados terapêuticos ao atravessar esta ponte estão fora de questão. As pessoas melhoram mesmo que não acreditem em vidas passadas. A crença do terapeuta também não é importante. Memórias são descobertas e os sintomas resolvidos.

Contudo, muitas pessoas concentram-se na ponte, em vez de tentar encontrar o que está para lá dela! Ficam obcecadas por pequenos detalhes, nomes, precisões

históricas. Toda a sua atenção se concentra em descobrir o maior número de pormenores do maior número possível de vidas passadas.

Estão a perder de vista a floresta por excesso de atenção numa árvore. A reencarnação é uma ponte para um conhecimento, sabedoria e compreensão maiores. Recorda-nos o que levamos e não levamos connosco, a razão por que estamos aqui e o que devemos realizar de forma a continuar. Lembra-nos a incrível ajuda e orientação ao longo do caminho e os nossos entes queridos que regressam connosco para partilhar os nossos passos e aliviar os nossos fardos.

24

*Dando por mim a existir neste mundo, tenho de acreditar
que de uma forma ou de outra sempre existirei; e, apesar de
todos os inconvenientes inerentes à vida humana, não
objectarei a uma nova edição da minha, esperando, contudo,
que os erros da edição anterior sejam corrigidos.*
BENJAMIN FRANKLIN

Ao longo dos anos, muitos dos meus pacientes tornaram-se meus professores. Constantemente me oferecem memórias das suas histórias e experiências, dádvas do seu conhecimento e compreensão espiritual. Alguns tornaram-se amigos estimados que comigo partilham as suas vidas bem como as suas conquistas.

Há anos atrás, antes de *Muitas Vidas, Muitos Mestres* ser publicado, mas já depois do meu trabalho com Catherine e dúzias de outros pacientes em que usei a regressão, uma doente transmitiu-me duas mensagens. Tinha-as recebido em sonhos e escreveu-as ao acordar. Vinham de Philo, alguém que eu também tinha visto em sonhos e mais tarde identifiquei no meu primeiro livro. Esta paciente não sabia destes meus sonhos. A "coincidência" do mesmo nome era interessante.

Viriam as mensagens do seu subconsciente? De uma fonte exterior, como Philo? De uma memória esquecida de alguma coisa que ela tenha lido ou ouvido anteriormente. naquela vida? Talvez não tenha importância. Parafraseando a minha filha, Amy: "O real é uma questão de existência, e existiu na mente dela." As minhas mensagens de Philo também falavam da mente.

*Para BLW. A mente em cada um de nós pode compreender todas as outras coisas, mas é incapaz de se conhecer a si mesma. Não diz o que é nem de onde vem, se é espírito ou sangue ou fogo ou uma outra substância ou se apenas é, se é corpórea ou incorpórea.
Desconhecemos quando a alma entra no corpo. Tens feito um bom trabalho orientando seres a reconhecer esse momento. É um bom princípio.
Teu amigo, Philo*

A outra mensagem veio uma semana depois e falava sobre a natureza de Deus.

*Para BLW. Também devemos lembrar-nos de que o Ser transcendente é a causa única, o pai e criador do Universo. Que ele enche todas as coisas não apenas com o Seu pensamento, mas também com a Sua essência.
A Sua essência não esgota o Universo. Ele está acima e além deste.
Podemos dizer que apenas os Seus poderes estão no universo. Mas apesar de Ele estar acima dos Seus poderes, Ele inclui-os. O que eles fazem, Ele fá-lo através deles.*

Agora estão visíveis, a trabalhar no mundo. Da sua actividade, temos uma indício para a natureza de Deus.
Ideés Philo

Consigo discernir grandes verdades nestas palavras, seja qual for a sua fonte.

Tenho conhecido parapsicólogos e médiuns famosos, padres e gurus, e aprendi muitas coisas com eles. Alguns são incrivelmente talentosos, outros não.

Tornou-se evidente para mim que não existe uma correlação directa entre capacidades psíquicas e nível de evolução espiritual.

Recordo uma conversa que tive com Edgar Mitchell, o conhecido astronauta e investigador de fenómenos paranormais. No seu laboratório, Edgar estudou um parapsicólogo famoso que podia interferir com as energias, conseguindo mover a agulha de uma bússola através de um campo magnético e mesmo deslocar objectos com o poder da sua mente, um fenómeno conhecido por telecinesia. Apesar destas capacidades psíquicas obviamente avançadas, Edgar notou que o carácter e a personalidade deste parapsicólogo não eram, decididamente, consistentes com um elevado nível de consciência espiritual. Ele foi o primeiro a fazer-me notar que capacidades psíquicas e desenvolvimento espiritual não estão necessariamente ligados.

Acredito que as capacidades psíquicas de algumas pessoas aumentam à medida que evoluem espiritualmente, à medida que se tornam cada vez mais conscientes. Isto é mais uma aquisição accidental do que um passo essencial. O ego de um indivíduo não deve envaidecer-se apenas porque o nível das suas capacidades psíquicas aumenta. O objectivo é aprender sobre amor e compaixão, sobre bondade e caridade, e não tomar-se um parapsicólogo famoso.

Até os terapeutas podem aumentar as suas capacidades psíquicas, se o permitirem, enquanto trabalham com os seus pacientes. Por vezes posso captar impressões psíquicas, conhecimento intuitivo, ou mesmo impressões físicas, relacionados com o paciente sentado na confortável cadeira à minha frente.

Há alguns anos atrás tratei uma jovem judia que estava extremamente desanimada. Sentia-se deslocada, como se de alguma forma estivesse na família errada. O centro das palmas das minhas mãos começou a doer de forma aguda enquanto falava com ela, e eu não percebia porquê. Olhei para os braços da minha cadeira de couro. Não havia falhas no couro, nenhuma ponta afiada, nenhuma razão para este tipo de dor. No entanto, esta ia-se tornando pior e começava a picar e a arder. Olhei para as minhas mãos e não vi marcas ou impressões, nenhum corte, nenhuma razão para tal.

Então um pensamento atravessou subitamente o meu espírito. Isto é como ser crucificado. Decidi perguntar-lhe o que queria aquilo dizer. "O que é que a crucificação significa para si? Você tem alguma ligação com Jesus?" Ela limitou-se a olhar-me, o seu rosto empalideceu. Costumava ir em segredo à Igreja desde os oito anos. Nunca tinha contado aos pais sobre a impressão que tinha de ser católica na realidade.

Esta sensação nas minhas mãos e a conexão que tínhamos estabelecido permitiram-me ajudar a minha paciente a desfazer a intrincada confusão da sua vida e a fazê-la entender que não era louca nem bizarra, e que os seus sentimentos tinham uma base real. Ela começou, finalmente, a compreender e a sarar. Afinal,

acabámos por descobrir uma intensa vida passada que tinha decorrido na Palestina há dois mil anos atrás.

Todos somos paranormais e todos somos gurus. Apenas nos esquecemos disso.

Um paciente pediu-me informações sobre Sai Baba, um grande Homem Santo na Índia. Seria ele um avatar, uma encarnação divina, uma descida da divindade à Terra sob a forma de homem?

"Não sei" repliquei, "mas, de certa forma, não o somos todos?" Todos somos deuses. Deus está dentro de nós. Não devíamos ser distraídos por habilidades psíquica, pois estas são apenas sinais ao longo do caminho. Precisamos de expressar a nossa divindade e o nosso amor através de boas acções, de ajuda aos outros.

Talvez ninguém devesse ser o guru de outro por mais de um mês ou dois. Não são necessárias viagens frequentes à Índia, uma vez que a verdadeira viagem é interior.

Existem benefícios evidentes em viver as nossas próprias experiências transcendentais, em abrirmo-nos para a percepção do divino, para a compreensão de que a vida é muito mais do que aquilo que vemos. Demasiadas vezes não acreditamos se não virmos.

O nosso caminho é interior. Esse é o caminho mais difícil, a viagem mais dolorosa. Temos a responsabilidade da nossa própria aprendizagem.

Essa responsabilidade não pode ser exteriorizada e descarregada noutra pessoa, num guru qualquer.

O reino de Deus está dentro de nós.

EPÍLOGO

Estou certo de que já aqui estive mil vezes antes,
tal como estou agora, e espero regressar
mil vezes mais.
GOETHE

De vez em quando, tenho notícias de Elisabeth e Pedro. Têm um casamento feliz e vivem no México, onde Pedro se envolveu na política, para além dos seus negócios. Elisabeth cuida da sua linda menina, que tem cabelo castanho comprido e adora apanhar flores do jardim e perseguir borboletas que esvoaçam à volta dela.

"Obrigada por tudo" escreveu recentemente Elisabeth. "Estamos tão felizes, e devemos tanto de tudo isto a si."

Não creio que eles me devam alguma coisa. Não acredito em coincidências. Ajudei-os a conhecerem-se, mas ter-se-iam encontrado de qualquer forma, mesmo sem mim. É assim que o destino funciona.

Quando lhe permitem fluir livremente, o amor ultrapassa todos os obstáculos.

O Dr. Weiss mantém o seu consultório particular em Miami, Florida, onde ampliou as instalações para admitir psicólogos e assistentes sociais altamente especializados e experientes, que também utilizam a terapia por regressão no seu trabalho. Para além disso, o Dr. Weiss dirige seminários e *workshops* experimentais no país e no estrangeiro, bem como programas de treino para profissionais. Já gravou uma série de cassetes com indicações sobre técnicas de meditação, cura, relaxamento profundo, regressão, e outros exercícios de visualização.

Para mais informações, por favor contactar:

The Weiss Institute
6701 Sunset Drive,
Suite 201 Miami,
Florida 33143
Telefone: (305) 661-6610
Fax: (305) 661- 5311

Seja para nos pedir catálogos, para encomendar algum dos nossos livros ou para nos sugerir alguma edição, pode sempre contactar a Editora Pergaminho

no Beco Torto, n.º 3 - 1.º Esq.
2750-505 Cascais • Portugal

no Tel. 21 484 75 00 e

no Fax 21 483 60

no pergaminho@mail.telepac.pt Distribuição • Informações:

Tel. 21 910 84 50 e no Fax 21 924 09 95 [e-mail: virtualpergaminho@ip.pt](mailto:virtualpergaminho@ip.pt)
N.º de obra no nosso catálogo: 184

Este livro foi publicado graças à colaboração de *Anabela Mesquita* (revisão), *Marina Redol* (paginação) e *Carlos Reis* (capa sobre fotografia de Ken Reid -*Casa da Imagem*)

Este livro foi impresso pela *Tipografia Guerra* - Viseu
Dep. Legal n.º 130448/98

